

JULIE LOPO

Atraídos pelo destino





PERIGOSAS NACIONAIS

JULIE LOPO

*Atraídos
pelo
destino*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Julie Lopo

Capa: LA Design

Revisão e Diagramação: Carla Santos

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa da autora. Os infratores serão punidos na forma da lei.



Sumário



Capa

Folha de Rosto

Créditos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Epílogo

Biografia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Obras

PERIGOSAS ACHERON



Prólogo



Maria Luíza de Alencar é uma grande empresária no ramo de hotelaria, com doze hotéis espalhados pelo país. Assumiu os negócios da família aos 22 anos, depois de perder os pais em um desastre de avião. Por isso, nunca teve tempo para o amor, a não ser casos esporádicos.

Ela sabe o poder que exerce sobre os homens e usa isso a seu favor, não nega que é uma mulher linda com dotes secretos. Por ter dinheiro suficiente para não ter que trabalhar para o resto da vida, não vê motivos para economizar, seu lema é: “se eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quero, eu compro”. Hoje, aos 28 anos, ela percebe que a vida está passando rápido e ela realizou sonhos de criança como ter uma família.

Mas esse sonho terá que ficar para depois, ela está para abrir mais um hotel no Nordeste, esse projeto é grandioso, um resort com tudo o que se poderia ter direito. Para acompanhar as obras, ela embarca de São Paulo no seu jatinho particular, rumo a Sergipe. O que não esperava é que o destino decidiu dar uma forcinha para os seus sonhos se realizarem.

Vicente Gonçalves é um pai de família com 32 anos, ele perdeu a mulher para o câncer há um ano o deixando com uma filha de três para criar. Vindo de uma família humilde, ele sempre aprendeu o valor do dinheiro e a economizar para um amanhã. Não tem vergonha da profissão do pai, um pedreiro humilde que sempre trabalhou para sustentar a família.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele conseguiu com a ajuda de um amigo trabalhar como pedreiro em uma grande empresa de construção. A maior obra que a empresa onde ele trabalha pegou foi a construção de um resort. Construção para um ano, no mínimo, o que garantia emprego certo por um ano. Devido à doença da mulher, ele gastou praticamente todas as suas economias e, para pagar a dívida com o hospital, foi necessário vender a casa e voltar a morar com os seus pais. A sua maior alegria é Cecília, sua menininha. E por ela, ele faria qualquer coisa até mesmo se matar de trabalhar. E por medo de que a sua filha sofra na mão de qualquer uma, ele não se envolve tempo o suficiente ou sério o suficiente para que elas tenham contato com a filha. Mas o destino decidiu mostrar que não tem problema nenhum abrir o coração e que para ele o que seria um mundo tão diferente pode não ser tão assustador assim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 1



Maria Luíza

Acordo com o meu despertador tocando, olho para o relógio e vejo que são cinco da manhã. Sempre acordo cedo, assim o dia rende melhor. Levanto e faço a minha higiene, fico me olhando no espelho. Sou uma mulher linda, com 1,73m muito bem distribuídos em um corpo violão. Cabelos castanhos na altura dos ombros, e olhos grandes.

Coloco uma regata e uma calça legging e desço para comer alguma coisa antes de malhar, não gosto de me exercitar de barriga vazia. Encontro PERIGOSAS ACHERON

Joana na cozinha, e a cumprimento com um beijo. Ela trabalha com a minha família há anos e, desde a morte dos meus pais, tornou-se a minha família.

Veja bem, eu tinha 22 anos quando os meus pais saíram de viagem para o Nordeste para visitar um dos hotéis da nossa empresa. No meio do caminho, o jatinho particular teve uma pane em uma das turbinas e caiu; infelizmente ninguém sobreviveu. Como era filha única e não tinha parentes tive que assumir os negócios da família.

Modéstia à parte, consegui administrar muito bem a empresa nesses seis anos. O novo projeto seria a construção de um megaresort na praia do Jatobá, em Sergipe. O Alencar's Royal Hotel tinha outros resorts espalhados pelo país, mas esse seria a coroa da empresa.

O local já tinha sido comprado e a empresa responsável pela construção contratada. O dono da construtora me informou que seria pelo menos um

PERIGOSAS ACHERON

ano para a construção, mas que poderia haver atrasos em uma obra grande como essa.

Vou para a academia que eu mandei construir ao lado da piscina e começo a malhar. Essa é a minha rotina diária. Depois de uma hora malhando volto para casa, tomo um banho e coloco uma saia lápis preta com uma camisa de manga comprida vermelha, deixo três botões abertos, coloco um scarpin preto, faço uma maquiagem com os olhos carregados e um rabo de cavalo. Desço para tomar um café agora reforçado.

— Nossa, que mesa linda! — elogio Joana.

— Obrigada, menina, agora senta para comer que o Tavares já está te esperando para ir à empresa.

O Tavares é o meu motorista/segurança. Isso mesmo, ele faz os dois. Também é um verdadeiro galinha e não tem vergonha de esconder isso. Até que é bonito, mas tem cara de cafajeste demais para

PERIGOSAS ACHERON

o meu gosto.

Tá, eu gosto de curtir e ficar com vários homens. Mas eu tenho uma regra, somente homens do meu nível social, nada menos que isso. Você consegue me imaginar linda, rica, poderosa, com um homem qualquer sem dinheiro e sem classe?

Nem eu!

Depois de terminar o café encontro com o Tavares do lado de fora me esperando.

— Bom dia, senhorita Alencar — ele me cumprimenta.

— Bom dia, Tavares, direto para a empresa, por favor — peço entrando no carro.

Eu tenho um Audi A3 lindo, mas infelizmente não sei dirigir. Nunca precisei, sempre tive um motorista a minha disposição. Quando chegamos à empresa, um conjunto de três andares em um prédio na Paulista, subo direto ao último andar. Encontro com a minha assistente assim que eu saio

do elevador.

— Como vai, Bruna?

— Estou bem, obrigada. E você?

A única pessoa que eu dei liberdade para me tratar por você além da Joana foi a Bruna, ela era o meu braço esquerdo e única amiga. Não precisa sentir pena de mim por não ter muitos amigos. Eu prefiro assim, são poucas as pessoas em que se pode confiar no meio onde eu vivo. As pessoas só estão interessadas no meu dinheiro ou no status que eu posso fornecer. Muitos homens querem se relacionar comigo apenas pelas vantagens do meu nome e da minha empresa.

— Estou bem, alguma notícia sobre o resort?

— pergunto enquanto entramos no meu escritório.

— Liguei para a construtora há cinco minutos, como você me pediu. Ele disse que houve um atraso na entrega de alguns materiais.

— O quê? — questiono nervosa. — Ele me

garantiu que todos os materiais seriam entregues na semana passada.

— Eu falei isso. Mas ele disse que não teve culpa, e que isso provavelmente vai atrasar a obra.

Droga, isso vai acabar com o meu cronograma!

— Bruna, manda prepararem o meu jatinho.

— Você vai para Sergipe? — indaga confusa.

— Não. Nós vamos para Sergipe. Depois de ligar para o encarregado do jatinho e arranjar um lugar para nós ficarmos, tira o resto do dia e vai arrumar as suas coisas. Você, a Joana e o Tavares vão comigo.

— Você sabe que isso provavelmente vai demorar um ano, não sabe?

— Eu sei, mas como dizia o meu pai: “o boi engorda com o olho do dono”. Então se eu quero esse resort pronto a tempo, vou ter que ir pessoalmente fiscalizar.

— Vou preparar tudo agora mesmo, Malu.

Depois que ela sai, analiso alguns contratos pendentes, na hora do almoço peço para a Bruna ligar para o meu motorista vir me buscar. Vou para casa arrumar as minhas coisas. No caminho explico para o Tavares que vamos para Sergipe e que ele deve preparar as coisas para ir junto. Faço o mesmo com a Joana assim que entro em casa. A minha casa ficaria aos cuidados dos outros empregados.

Subo ao meu quarto e começo a arrumar tudo o que quero levar. Apesar de ter milhares de empregados, eu gosto de arrumar pessoalmente a minha mala, tudo tem um lugar exato para ir, e a última vez que eu pedi para arrumarem para mim ficou faltando muita coisa. Como eu sei que vamos ficar provavelmente um ano lá, arrumo algumas coisas, só o que é extremamente importante levar.

Quando estou quase terminando de arrumar tudo, a Bruna me liga informando que o jatinho sairá amanhã às oito. E que a casa já foi alugada.

Ótimo, eu gosto disso, de competência.

Uma vez que estou com tudo pronto, desço para jantar e informo o horário para a Joana, que está preocupada porque nunca viajou de avião, ainda mais depois do acidente dos meus pais.

No outro dia, levanto cedo e como tenho que estar no mínimo 07h30 no aeroporto não vou malhar. Quando desço, tudo já está pronto para partimos, tomo um café com a Joana, que não para de tremer e rezar.

— Vai dar tudo certo, Joana, não se preocupe.

Ela concorda e saímos para o aeroporto.

Embarcamos no jatinho, o piloto começa a taxiar e nos informa o tempo previsto de duas horas e meia até Sergipe, onde iríamos pousar no Aeroporto Internacional de Santa Maria em Aracaju.

Depois que ele entra em modo cruzeiro abro o meu notebook e começo a analisar o progresso do

PERIGOSAS ACHERON

resort; quero estar informada, vou visitar a construção logo que desembarcar. Pontualmente, duas horas e meia depois pousamos no aeroporto. Já tinha dois carros nos esperando, um para levar as nossas coisas e a Joana até a casa que ficaríamos e outro para me levar até a obra.

A viagem do aeroporto até a praia do Jatobá leva 35 minutos. Assim que entramos no terreno do resort, vejo os funcionários da construtora andando de um lado para outro carregando materiais, alguns já iniciaram a construção, há algumas máquinas realizando a aterragem em outro lugar. O carro estaciona na frente de um trailer onde eu imagino ser o escritório. Desço do carro e bato na porta. Um homem grita lá de dentro e vem abrir a porta com raiva.

— O que você quer? — indaga me olhando dos pés à cabeça. Estou vestida com uma calça social preta e uma camisa de seda bege, com os cabelos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

soltos. — Uma gatinha assim não vemos normalmente por aqui.

— Eu não sou uma gatinha — retruco. — Sou a dona do resort e quero falar com o encarregado agora mesmo.

Ele fica pálido e começa a gaguejar:

— E-eu vou chamá-lo agora mesmo, pode esperar aqui dentro, por favor.

Entro no trailer e procuro um lugar limpo para sentar, como não encontro fico em pé mesmo. Cinco minutos depois, um homem entra correndo.

— Bom dia, senhorita Alencar.

— Bom dia, você quem é?

— João Marcos, responsável pela obra — ele se apresenta.

— Eu quero saber a quanto anda a construção.

Vejo que ele fica nervoso.

— Tivemos um atraso na entrega de algumas fundações, sem elas não poderíamos começar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Elas já chegaram?

— Na verdade, só chegam amanhã — responde coçando a cabeça.

— Isso é inadmissível, estou investindo bastante dinheiro para essa obra ficar pronta a tempo. Não quero saber o que você vai fazer, mas dá um jeito de recuperar esse atraso o mais rápido possível, entendeu?

— Sim, senhorita — ele assente.

— Ótimo, agora eu quero ver como anda as obras — digo saindo do trailer.

Ele me leva para o local onde seria a parte principal do resort com os quartos, o local só está aterrado e mais nada. Visitamos depois o local das piscinas, pelo menos lá está tudo caminhando como deveria; os buracos já foram feitos e a empresa responsável pela piscina estava começando a trabalhar. No local onde haveria as quadras, as máquinas estavam começando a nivelar o terreno.

PERIGOSAS ACHERON

Quando estamos voltando para o trailer passamos perto de um andaime e nesse momento um balde de água cai da altura de dois metros mais ou menos em cima de mim, me molhando inteira.

— Droga! — grito toda ensopada. Vejo um pedreiro descer correndo do andaime.

— Me desculpa, moça — ele fala parado na minha frente.

— Desculpa? Olha só para mim, estou toda molhada, você tem ideia de quanto custa essa roupa? — pergunto nervosa. — Essa blusa é lavada a seco.

— Eu já pedi desculpas, o outro rapaz se desequilibrou e fui segurá-lo, aí esbarrei no balde e ele caiu, não foi por querer.

Levanto os olhos para ver quem está falando comigo. Vejo uma calça jeans surrada, rasgada em algumas partes e toda cheia de tinta. Uma camiseta com alguns furos e manchada também. Tudo bem

PERIGOSAS ACHERON

que é possível ver alguns músculos salientes naquele corpo. Não leva a mal um homem com quase 1,80m, moreno, forte, com cabelo raspado é impossível de não se ver. Mas isso não muda o fato de que estou com muita raiva desse idiota.

— Tudo bem, agora pode ir. — Faço um sinal com a mão para ele sair da minha frente e vou para o carro, não quero ficar mais um minuto sequer aqui toda molhada desse jeito.



Três horas da manhã o relógio desperta, mais um dia vai começar, essa é a minha rotina, todos os dias eu levanto cedo e ajudo o meu pai no barco de pesca. Desde que a minha esposa faleceu há um ano de câncer fiquei com uma dívida enorme para pagar, mesmo vendendo a minha casa para quitá-la.

Então me divido ajudando o meu pai no barco e trabalhando como pedreiro aqui e ali.

Para a minha sorte, um amigo me indicou para uma grande construtora, eles pegaram uma obra grande para construir um resort. Como a obra duraria um ano, era um ano com emprego certo. Antes de sair do meu quarto, dou um beijo na minha filha. Cecília tem três anos apenas, foi o meu maior presente, ela é cheia de alegria, adora brincar de boneca, mesmo tendo apenas uma e adora montar castelos de areia na praia com a minha mãe.

Saio do quarto e entro na cozinha onde meu pai está comendo. Estou morando com os meus pais desde a morte da minha esposa. Assim, a minha mãe pode me ajudar com a Cecília e economizo dinheiro de aluguel. Ainda tenho dez mil reais para pagar.

— Bom dia, painho.

— Bom dia, filho — meu pai retribui o

cumprimento.

Sento e como alguma coisa e dez minutos depois vamos para o barco. Depois de passar quatro horas no mar, voltamos para casa, hoje a pesca não foi tão boa. Assim que eu chego em casa, Cecília já está acordada, quando ela me vê vem correndo ao meu encontro.

— Painho, *cê demolô* — fala me abraçando.

— Desculpa, menininha, o painho teve que ajudar o vovô, mas eu vou te ajudar a almoçar e depois tenho que ir trabalhar.

— Não, fica *ati*. — Faz biquinho.

— Se o painho pudesse ele ficava, mas eu tenho que trabalhar. Prometo que, à noite, vou ficar o tempo todo abraçadinho com você. — Aperto-a em meus braços.

— Pomete? — pergunta com os olhinhos brilhando.

— Prometo.

Parte o meu coração deixar a minha pequena, mas era necessário para o nosso sustento. Chego à construção em cima da hora e vou para o meu posto, estou encarregado com outros dois rapazes de montar a estrutura do salão de festas. Atualmente é o único prédio com a construção avançada.

Eu estou em cima de um andaime com dois metros de altura, estamos terminando o serviço quando um dos rapazes se desequilibra, ele está para cair do andaime quando eu o agarro, mas infelizmente bato em um balde que está nos meus pés e ele cai de cima do andaime. Escuto um grito na mesma hora; quando olho para baixo vejo uma mulher toda molhada. Desço correndo do andaime e peço desculpas. Mas ela é tão metida e arrogante, que me irrita. Pelas roupas posso perceber que é rica, quando olho para o rosto dela vejo uma mulher linda, se não fosse a arrogância dela. Ela sai

PERIGOSAS NACIONAIS

com raiva se achando a dona do mundo e com direito a gritar com todos.

— Credo, que mulher metida!

Volto para cima do andaime e termino o meu serviço. Por volta das sete da noite saio da construção e pego a minha bicicleta para voltar para casa. Chego em casa cansado, mas isso não me impede de brincar com a minha filha. Ela está sentada na sala com a sua boneca, sento ao lado dela e pergunto como foi o seu dia. Depois de dar um banho e a janta dela levo-a para o quarto. Sento com ela na cama, que me pede uma história, sorrindo.

— Que história você quer?

— De *plincesa*.

— Qual princesa você quer?

Ela coloca o dedinho no queixo e fica pensando.

— *Cindelela*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu começo a contar a história, hoje em dia não preciso nem de livro, já contei tantas vezes que sei de cor. Quando eu termino, ela está me olhando com uma ruguinha na testa.

— Painho, existe *Cindelelo*? — Dou risada e olho para ela.

— Como assim?

— Tem *plincesa* que conhece um *Cindelelo*?
— Vejo que a carinha dela está séria.

— Não sei, querida, mas se o painho conhecer algum eu prometo que vou te apresentar, tá bom?

Ela concorda e fecha os olhinhos para dormir. Dou um beijo na cabeça dela e vou tomar um banho. Amanhã a luta começa tudo de novo, e só me resta torcer para a metida a besta não ser a dona do resort e ficar com raiva do balde e me mandar embora. Eu realmente preciso desse emprego para o sustento da minha filha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 2



Maria Luíza

Chego ao que será a minha casa por um ano, completamente molhada. Assim que a Joana me vê dá risada.

— A menina decidiu pular no mar de roupa e tudo, foi?

— Um pedreiro idiota derrubou um balde de água em mim. — Passo por ela e subo as escadas. Quando chego ao final fico olhando de um lado para o outro. Droga, qual é o meu quarto? — Joana! — grito.

— Não precisa gritar, estou atrás de você.

— Qual o meu quarto? — pergunto sorrindo.

Ela me conduz por um corredor largo com paredes na cor bege com alguns quadros pintados por artistas sergipanos, que retratam a cultura do Estado; são quadros muito bonitos com cores vibrantes. Meu quarto é o último, confesso que a Bruna fez um bom negócio alugando essa casa, ela me traz uma sensação aconchegante.

Depois de tomar um banho e colocar uma roupa confortável, vou para o escritório que a Joana me mostrou um pouco mais cedo. Abro o meu notebook e começo a trabalhar. Eu trabalho várias horas por dia, poucas vezes tiro um dia só para mim. A não ser um mês por ano quando eu viajo sozinha para algum país, já conheci vários lugares do mundo. Mas o meu preferido ainda é Ibiza, com as suas festas incríveis. Depois de quatro horas trabalhando escuto uma batida na porta.

— A menina por acaso está de regime ou vai

descer para jantar? — Olho para o relógio e não acredito que o tempo voou assim.

— Já estou indo, Joana, só vou salvar um contrato.

Depois de jantar em uma mesa enorme sozinha, subo para colocar um biquíni. Escolho um azul listrado com preto, coloco um vestido branco por cima e desço. Abro a porta de vidro que dá para a piscina, está uma noite linda, tiro o vestido e pulo na água. As únicas coisas que me fazem relaxar são malhar e nadar. Fico dando voltas na piscina por um tempo até sentir o corpo relaxar. Saio da piscina e, quando estou me secando, sinto alguém se aproximar por trás.

— O que você quer? — pergunto.

— Nada, senhorita Alencar, escutei um barulho na piscina e só vim verificar — Tavares responde. Coloco o meu vestido e viro para ele.

— Acho bom, porque se eu imaginar que você

estava aqui para ficar me olhando você vai ter que mudar de nome. E vai ser para um nome feminino.

Passo por ele e entro em casa indo direto para o meu quarto dormir, amanhã eu teria um dia cheio fiscalizando as obras novamente.



Mais uma vez, o dia começa cedo, olho a Cecília dormindo e saio do quarto.

— Oi, mainha — cumprimento minha mãe dando um beijo na testa dela.

— Oi, querido.

Sento ao lado de painho e começo a comer.

— Espero que o dia seja melhor hoje. Ontem o mar não quis ajudar — painho comenta.

— Vai dar tudo certo, painho, não se preocupe.

Dez minutos depois estamos no barco indo para
PERIGOSAS ACHERON

o alto-mar. Devido às dificuldades financeiras, meu pai não pode pagar para outra pessoa trabalhar com ele, sendo assim somos apenas nós dois. Duas horas depois estamos com o barco cheio de peixes, hoje o dia foi muito melhor. Como não cabe mais nada voltamos para casa.

A nossa casa fica em uma vila de pescadores, ela é humilde com apenas três quartos, mas fica na beira da praia, com uma paisagem linda. Atracamos o barco e começamos a descarregar os peixes, antes vendíamos para um único homem, mas de um tempo para cá painho decidiu abrir a própria loja. Então guardamos os peixes no gelo dentro de um freezer para que durante o dia ele possa vender.

Quando volto para casa, Cecília ainda está dormindo. Então decido ir para a obra. Eu recebo por horas trabalhadas, então cada minuto conta. Assim que eu chego me apresento para o chefe da minha equipe. Ele me avisa que a dona está aqui

PERIGOSAS ACHERON

fiscalizando tudo de perto e que é para tomar cuidado com os baldes. Vou para o prédio que estou trabalhando e me junto aos rapazes, que não perdem a oportunidade de zoar sobre o que aconteceu ontem. Depois das risadas mando todos irem trabalhar.

Na hora do almoço, nos sentamos debaixo de uma árvore para comer. Claro que a marmita está fria, depois de tanto trabalho braçal estou trincando de fome então não me importo. Abro a marmita e vejo que tem arroz, feijão, um pedaço de peixe e batata. Começo a comer enquanto escuto os rapazes conversando. A maioria da minha equipe tem entre 18 a 25 anos, sou o mais velho. Nas outras há pedreiros mais velhos.

Vejo certa movimentação perto de onde estamos sentados. Reparo que é a mesma mulher de ontem, ela está com um vestido azul que está marcando perfeitamente o seu corpo. Passa por nós,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas depois de alguns passos ela olha para trás e volta na nossa direção.

— Por que não estão comendo no refeitório? — pergunta com o nariz em pé.

— Não temos refeitório — um dos rapazes responde. Ela olha confusa para todos que estão sentados embaixo da árvore; como eu sou o que está mais perto dela, ela se aproxima e toma a minha marmita.

— O que você pensa que está fazendo? — pergunto nervoso.

— Essa marmita está fria — constata me devolvendo. — Vocês não possuem um lugar para esquentar?

Como ninguém quer se comprometer com a construção, não falamos nada. Nesse exato momento, o responsável pela obra se aproxima.

— Senhorita Alencar, estava procurando por você — fala com um sorriso no rosto.

PERIGOSAS ACHERON

— Espero que seja para dizer que um refeitório se materializou do nada no meio da obra para os funcionários terem refeição decente. — Ela levanta uma sobrancelha. O sorriso dele morre e fica pálido.

— E-eu...

— Eu quero um refeitório montado ainda hoje — interrompe-o. — Se existe uma coisa que prezo na minha empresa é pelo bem-estar dos meus funcionários. O senhor deveria fazer a mesma coisa. Eu quero que seja servido café da manhã, almoço e janta. E não me interessa se vai ter custo para a sua empresa, estou pagando muito bem para vocês por essa construção.

Ela se despede de nós com um aceno de cabeça e vai embora.

— Nervosinha a moça, hein — um dos rapazes fala, rindo.

Ela pode ser metida e nariz em pé, mas uma

PERIGOSAS ACHERON

coisa não podemos negar: parece ter bom coração. Após terminar de almoçar volto para a parede que estávamos levantando, só pensando em voltar para casa e ver a minha filha.



Ver aqueles homens comendo debaixo de uma árvore e marmita fria ainda por cima, ferveu o meu sangue. Tive uma pequena discussão com o dono da empresa, mas ele garantiu que amanhã mesmo haveria um refeitório para os trabalhadores. Saio da obra tão nervosa que a única coisa que eu quero é relaxar. Peço para o Tavares parar em uma praia que estamos passando no momento e me esperar.

Desço do carro e tiro o salto alto que estou usando e começo a andar na areia. Quando estou quase na beira do mar vejo uma menininha de

PERIGOSAS ACHERON

cabelos castanhos na altura do queixo brincando na areia. Ela está sorrindo e gritando feliz. Ela corre até a beira da água e pega um pouco com as mãozinhas e volta para um montinho de areia que ela fez e derruba, ela fica repetindo isso várias vezes. Decido me aproximar dela e descobrir o que tanto ela está fazendo.

— Oi — cumprimento-a com um sorriso.

— Oi — ela me responde com um sorriso lindo. Essa menina não deve ter mais de quatro anos.

— Qual o seu nome? — pergunto.

— Cecília — responde ainda sorrindo.

— O meu é Malu. — Sento-me ao lado dela. — O que você está fazendo?

— *Catelinho de aleia* — fala batendo as mãozinhas. Impossível não se apaixonar por esse anjinho sorrindo tão feliz.

— Você está sozinha? — Olho em volta

PERIGOSAS ACHERON

procurando algum responsável.

— Minha vovó foi em casa e já volta — fala concentrada agora no montinho à sua frente.

— E você mora longe? — indago preocupada.

— Não, é ali, ó. — Aponta para uma casa azul a alguns metros de distância. Menos mal, não posso nem pensar no que poderia acontecer com uma criança tão linda sozinha na praia. A vejo se levantar mais uma vez e ir até o mar e pegar água com a mão.

— Por que você não usa um baldinho para pegar água?

— Eu não tenho um. — Ela me olha. — *Papa* não tem *dinheilo pa complá*. — Ela faz um biquinho. Deveria imaginar, ela deve ser filha de um desses pescadores que estão trabalhando na beira da praia. Fico olhando para a anjinha que está concentrada na minha frente tentando montar um castelinho.

— Cecília, a tia Malu já volta, está bem? — digo com um sorriso. Ela concorda com a cabecinha e eu saio correndo pela praia. Assim que eu me aproximo do carro, o Tavares desce correndo.

— Algum problema, senhorita Alencar? — pergunta preocupado.

— Nenhum, apenas preciso ir até um lugar agora mesmo. — Entro no carro.

Peço para que ele procure uma loja onde eu possa comprar um kit de praia para crianças com baldinho e pazinha. Eu tinha um quando era pequena. Dez minutos andando de carro, nós encontramos uma loja onde vende, depois de comprar voltamos à praia. Só espero que ela ainda esteja lá. Quando chegamos, vejo-a no mesmo lugar, ainda pegando água com a mão.

— Oi, Cecília.

— Tia Malu, a *senhola* voltô! — exclama feliz.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu prometi que ia voltar, não prometi? —
Sento-me ao lado dela. Ela concorda com a cabeça
e fica olhando para a minha mão.

— Que é isso? — pergunta curiosa.

— Isso é um baldinho e uma pazinha. — Abro
o pacote. — Agora você vai conseguir pegar mais
água.

Entrego o balde para ela, que sai correndo até a
água e volta fazendo força para trazê-lo cheio.
Quando ela chega derruba em cima do montinho e
dá risada.

— Mais *lápido*, tia Malu.

— Bem mais rápido — concordo, rindo
contagiada pela risada dela.

— E isso? — Aponta para a pá.

— Isso nós vamos usar para construir o
castelinho. Pronta?

Ela concorda feliz.

Passo alguns minutos sentada na areia ao lado
PERIGOSAS ACHERON

dela, conseguimos montar duas torres para o castelinho, eu já estava toda suja de areia, porque ela insistia em jogar um pouco para o alto. Mas, diferente das outras vezes que me sujaram, eu não me importei. Estava feliz de brincar com aquela menina. Sempre tive o sonho de ser mãe, mas desde que assumi a empresa não consegui realizar esse sonho. Ainda mais com os homens só se interessando pelo meu dinheiro.

— Com licença, quem é você? — uma senhora pergunta se aproximando.

— Vovó, essa é a tia Malu — Cecília fala se levantando e abraçando a perna da avó. — Ela me ajudou a *fazê catelinho*.

Eu me levanto e estico a minha mão.

— A senhora é a avó dessa menina linda?

— Sou sim — responde me olhando.

— A sua neta é muito linda — digo com um sorriso, que é retribuído por ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É sim, ela é a nossa princesa. — Olha para a neta, que volta a brincar na areia.

— Bom, eu vou indo. — Olho para aquela mulher. — Desculpa, qual o seu nome?

— Dalva.

— Dona Dalva, eu vou indo, tenho um monte de coisas para fazer. E foi um prazer te conhecer, Cecília — falo me abaixando.

— *Paze*, tia Malu — fala me abraçando. Quando estou indo embora escuto a dona Dalva me chamar.

— A senhora esqueceu o baldinho com a Cecília.

— Ela pode ficar, foi um presente meu — aceno sorrindo.

— Como se diz, Cecília? — A dona Dalva pergunta olhando para a neta.

— *Bigada*, tia Malu.

— De nada, querida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Volto para o carro com um sorriso no rosto e totalmente relaxada.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 3

Vicente

Chego em casa cansado, a única coisa que eu queria era me jogar na cama. Mas assim que eu passo pela porta, a minha princesa vem correndo na minha direção.

— *Papa, cê chegou tava com saudade* — fala me abraçando. Confesso que isso corta o meu coração, se eu pudesse passaria mais tempo com a minha filha, mas eu preciso trabalhar para conseguir nos sustentar.

— O painho também estava com saudades, menininha. — Levanto com ela no colo.

Sento-me à mesa onde meus pais e a minha irmã Lívia estão sentados, prontos para jantar. Eu adoro a comida de mainha; o cuscuz recheado que ela faz é de lambar os beijos, nosso jantar é sagrado, pois é a hora em que todos estão em casa. A Lívia é a caçula, tem 27 anos e trabalha como professora substituta, ela conseguiu uma bolsa de estudos para cursar faculdade e se formou como Mestre em História Cultural. Ela é muito inteligente, diferente do irmão burro dela que só fez até o primeiro colegial. Coloco a comida para a Cecília e faço o meu prato.

— O que você fez hoje, princesa? — pergunto ajudando a Cecília pegar a comida.

— *Catelinho* de *aleia* com a tia Malu.

Olho para a minha mãe, confuso.

— Quem é essa Malu?

— É uma moça bonita, ela me *ajudô* a *fazê* o *catelinho* — Cecília responde olhando para o prato

dela.

— Eu tive que vir aqui em casa olhar uma panela que estava no fogo e deixei a Cecília brincando aqui na frente. Toda hora, eu olhava pela janela para ver se ela estava bem. Teve uma hora que eu olhei e vi uma mulher muito bonita brincando com ela. Quando cheguei perto, ela se apresentou como Malu e depois foi embora.

— E você não ficou preocupada, mulher? —
painho pergunta. — Ela poderia ter sequestrado a
nossa neta.

— *Sequestra* não, vovô, tia Malu é legal —
Cecília responde. — Ela me deu um baldinho.

— Que baldinho? — pergunto olhando para
ela, que desce correndo da cadeira e vai até o
quarto. — Mainha, quem é essa mulher?

— Não sei, meu filho, mas me pareceu ser uma
boa pessoa, ela estava sentada na areia brincando
com a Cecília e dando risada.

— Mainha, tem muita gente que parece ser boa pessoa e na verdade não é — minha irmã fala.

— Eu sei disso, mas a minha menininha estava tão feliz brincando, que eu não pensei em maldade na hora.

— *Oia, papa.* — A Cecília voltou correndo para a cozinha trazendo um baldinho com uma pá.
— Tia Malu deu.

Olho o brinquedo na mão da minha filha que está toda feliz.

— Eu não vi maldade, Vicente, por isso deixei a Cecília aceitar.

— Não é bonito, *papa?* — pergunta virando o balde de um lado para o outro.

— É sim, princesa, o baldinho mais lindo do mundo.

Ela concorda e coloca do lado da cadeira e volta a se sentar para comer. Fico olhando para a minha filha sorridente, falando para o meu pai

como o castelinho que ela fez tinha ficado lindo, e que essa tia Malu ensinou a fazer as torres. Eu queria poder fazer mais pela minha filha, dar mais coisas para ela e ver esse sorriso mais vezes. Não sei quem é essa tia Malu, mas ela já tem a minha gratidão.



Depois de malhar e tomar o café da manhã me arrumo para ir à obra novamente. Coloco uma calça social e uma camisa de seda azul, com um scarpin.

— A menina está indo para uma obra e não para um escritório, sabe disso, não sabe? — A Joana está na sala me olhando enquanto eu desço.

— Você queria que eu me vestisse como, Joana? — pergunto com uma sobrancelha levantada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que não tenta usar uma calça jeans e tênis?

— Tênis só para malhar, Joana, eu não uso no dia a dia, sabe disso.

— Depois que chegar em casa com o pé todo detonado de ficar nesse sapato, não venha reclamar para mim.

Reviro os olhos e saio de casa encontrando o Tavares me esperando, logo em seguida a Bruna sai de casa.

— Malu, liguei para o escritório em São Paulo e me informaram que está tudo tranquilo por lá — ela me informa assim que se senta no carro. — Eles vão encaminhar para o meu e-mail alguns contratos que chegaram.

— Ótimo, vamos olhar como está tudo por lá e depois voltamos para casa para analisar toda a documentação.

Passo toda a manhã verificando cada pedaço da

PERIGOSAS ACHERON

obra, tenho que confessar que os meus pés estão doendo de andar por esse terreno com um salto de 13 centímetros. Um pouco antes do almoço, o encarregado me leva até um galpão onde eles colocaram uma cozinha provisória para os funcionários até que fique pronta uma definitiva.

— Quero a definitiva pronta o mais rápido possível — ordeno saindo do galpão.

— Sim, senhorita, pode deixar, já estamos providenciando — assente um pouco nervoso.

Eu causo isso nos homens, a minha presença e o fato de que eu sou a presidente de uma empresa desconcerta as pessoas. Quantas mulheres você acha que estão à frente de uma empresa de sucesso como a minha?

Poucas, um exemplo são esses livros que estão rolando por aí, sempre o bilionário poderoso que encontra uma menina boba por quem se apaixona. Ninguém escreve uma história sobre uma mulher

bilionária e poderosa como eu. Mas, diferente desses CEO, eu não caio nessa de me apaixonar por uma pessoa de uma classe inferior à minha. Talvez por isso que não existam livros sobre mulheres como eu, nós não somos tolas apaixonadas como eles. Quando estou saindo do galpão, meu salto prende em um buraco e vou com tudo para o chão; antes que eu arrebente a cara na terra sinto alguém me segurar.

— Tudo bem, dona? — Escuto uma voz forte perguntando no meu ouvido. Quando ele me levanta vejo que é o pedreiro que derrubou o balde de água na minha cabeça.

— Estou sim, obrigada — assinto, arrumando a minha roupa.

— Esses sapatos não foram feitos para andar na construção, dona — avisa apontando para os meus pés.

— E o que te interessa isso? — retruco nervosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu ando com o sapato que eu quiser, onde eu quiser.

— Oxe, desculpa, dona. — Ele levanta os braços. — Só fiz um comentário.

— Pois só faça comentários quando pedido. — Viro as costas, indo embora.

Volto para casa e após o almoço sento com a Bruna para resolver os contratos. Por volta das dezessete horas já estou cansada. Decido me levantar e esticar as pernas, assim que eu apoio o meu pé direito sinto uma dor. Eu realmente machuquei o pé naquela hora. Coloco uma rasteirinha e desço à procura do Tavares, que está na cozinha.

— Prepara o carro que eu quero sair.

— Sim, senhorita.

Dez minutos depois encostamos em um shopping. Ando pelos corredores à procura de uma loja de sapatos, realmente vou precisar de sapatos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

confortáveis para visitar a obra. Entro em uma loja e peço algumas sapatilhas para experimentar. Se eu tenho que andar por aí sem salto, vai ser com estilo.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 4



Maria Luíza

Acordo indisposta no dia seguinte, não consigo nem ir malhar. Rolo para o lado e fecho os olhos de novo. Se eu dormir só mais cinco minutos vou acordar melhor.

— Acorda, Malu. — Sinto alguém me chacoalhando.

— Que foi? — pergunto sem abrir os olhos.

— Já são nove horas e você não levantou ainda.

Rolo para o outro lado e vejo a Bruna em pé ao lado da minha cama.

— O que aconteceu com você? Está com uma
PERIGOSAS ACHERON

cara péssima.

— Acho que fiquei resfriada — falo me sentando na cama. — Não consegui levantar cedo.

— Quer que chame um médico?

— Não precisa, logo estou melhor. Vou tomar um banho e te encontro no escritório.

Depois de ficar submersa na banheira por meia hora, eu troco de roupa e vou me encontrar com a Bruna. Assim que eu entro no escritório me jogo na cadeira.

— Credo, você está mal mesmo.

— Acho que não vou conseguir trabalhar hoje, Bruna.

Depois de pedir para que ela providencie algumas coisas saio do escritório. No meio do caminho para o meu quarto decido dar uma volta. Mesmo doente, não sou de ficar na cama. Peço para o Tavares me levar até a praia que eu fui ontem. Assim que chegamos, ando na areia procurando

pela Cecília. Aquela menina me encantou. Quando já estou perdendo as esperanças escuto um gritinho:

— Tia Malu!

Olho para trás e a vejo correr na minha direção. Me abaixo e ela abraça o meu pescoço.

— Oi, tia Malu, veio *faze catelinho*? — pergunta sorrindo.

— Eu vou adorar.

— Oi. — Escuto alguém falar se aproximando.

— Oi, dona Dalva — cumprimento-a sorrindo.

— Eu vim dar uma volta e acabei encontrando essa menina linda.

— A senhora não me parece bem — constata olhando para mim.

— Acho que estou resfriada.

— Vem comigo, tenho um chá ótimo para isso. Amanhã mesmo vai estar se sentindo melhor. — Ela me pega pelo braço e me puxa até a casa dela.

Quando entramos vejo que é uma casa simples.

Ela me leva até uma cozinha pequena, olho em volta e percebo que não tem os luxos que tem na minha. Eles possuem apenas uma geladeira pequena, um fogão quatro bocas, uma mesa com cinco cadeiras e só.

— Sente-se. — Ela puxa uma cadeira para que eu me sente.

Dou uma olhada na cadeira antes de me sentar e fico sem graça. Nada ali tem a ver com o meu mundo. É tudo simples. Se não me engano é a primeira vez que eu tenho contato com esse mundo. Minha família sempre teve dinheiro. Então nunca passei necessidade, não sei o que é pobreza ou ter que economizar dinheiro. Mesmo tendo vários funcionários, nunca tive contato direto com as casas deles então não sabia pelo que eles passavam.

— Tia Malu — a Cecília me chama.

— Oi, querida.

— *Qué bincá* de boneca? — pergunta

mostrando uma boneca pequena de pano.

— Quero sim, cadê a outra para brincarmos juntas? — pergunto enquanto ela sobe na cadeira.

— Não *tem*, tia Malu, só essa. — Aponta para a boneca que está em minhas mãos.

— Você não tem outra? — pergunto.

— Infelizmente não — dona Dalva responde sem graça enquanto prepara o chá.

Olho para a Cecília, que está com um sorriso no rosto esperando que eu brinque com ela. Quando eu tinha a idade dela, tinha mais bonecas do que poderia brincar, sempre tive muitos brinquedos. E sempre que eu pedia mais um, meus pais compravam.

— Aqui está. — Dona Dalva me entrega uma xícara. Tomo o chá fazendo uma careta. — O gosto não é bom, mas posso garantir que amanhã vai estar bem melhor — informa colocando o resto em uma garrafa. Depois de tomar tudo devolvo a xícara

agradecendo. — Aqui, leve o restante e tome à noite antes de dormir novamente.

— Muito obrigada. Quanto eu devo pelo chá?
— pergunto pegando a minha bolsa.

— Por favor, a senhora não deve nada — ela fala. Olho para a Cecília, que está brincando na mesa com a boneca.

— A senhora foi muito gentil em fazer esse chá para mim. Quero que aceite algo em troca.

— Eu não posso aceitar.

— Nem por ela? — Aponto para a Cecília.

— O que a senhora quer dizer?

— Eu quero comprar uma boneca para ela em troca do chá. Aceita?

Ela fica me olhando e depois olha para a neta, que agora está me olhando.

— Eu não posso aceitar — ela diz.

— Eu não estou oferecendo nada absurdo. E olha que eu poderia oferecer. É apenas uma boneca.

— O meu filho é orgulhoso; quando ele viu o baldinho, já achou ruim. Não quero nem pensar no que vai falar sobre uma boneca.

— Pois então ele que deixe de ser orgulhoso, estou dando a boneca de coração. A Cecília me encantou, e acho uma judiação que ela não tenha uma para brincar.

Ela olha para a neta, que está prestando atenção em nós com a boneca na mão.

— Tudo bem, eu aceito. A senhora pode dar a boneca.

— Ótimo, então vamos. — Levanto-me.

— Vamos onde? — pergunta confusa.

— Comprar a boneca.

— A tia Malu vai me *dá* boneca? — indaga com os olhinhos brilhando.

— Vou sim — respondo rindo.

— ÊÊÊÊÊ! — Ela desce da cadeira, pulando.

— Agora a senhora não pode mais recusar. —

Rio.

Ela dá risada, concordando. Saímos da casa com a dona Dalva trancando tudo. Quando chegamos ao carro, o Tavares olha desconfiado para as duas e eu sinalizo que não com a cabeça para que ele fique quieto. Depois de entrarmos no carro, peço que ele nos leve até o shopping. Percebo a dona Dalva inquieta ao meu lado.

— Algum problema?

— Não, é que eu não estou vestida para ir ao shopping — explica sem graça.

— Não se preocupe com isso. — Sorrio.

— Tia Malu, esse carro é bonito — Cecília elogia olhando em volta.

— Obrigada, querida.

Depois de um tempo, ela fica encarando o Tavares.

— Quem é ele, tia? — ela me pergunta.

— Esse é o Tavares, meu motorista.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah! — Ela compreende, ainda olhando para ele.

— Cecília para de ficar olhando o moço — dona Dalva repreende-a.

— Ele é bonito — a garotinha, ainda olhando para ele, nos faz rir.

Quando chegamos ao shopping, Cecília fica maravilhada, ela para na frente das lojas e fica admirando. Depois de várias paradas, para que ela olhasse tudo, chegamos à loja de brinquedos. Assim que entramos, eu peço para a vendedora mostrar as bonecas para ela. Quando chegamos na seção de bonecas, ela fica doida.

— Vovó, quanta boneca linda!

Depois de meia hora e a atendente ter mostrado e explicado o que cada uma faz, ela ainda está indecisa. Percebo que pega uma e olha para a avó, depois pega outra com um sorriso e olha para a avó de novo, então ela devolve triste.

PERIGOSAS ACHERON

— Qual o problema, querida? — pergunto me abaixando ao lado dela.

— *Tô poculando* uma boneca *balata*, tia — sussurra.

— Por quê? — pergunto confusa.

— Não pode *gatá dinhelo*, tia, tem que *economizá*. O *papa falô* — explica com os olhinhos marejados olhando para uma boneca da princesa Elsa, do filme Frozen. Foi a última boneca que ela pegou e devolveu na prateleira, olho para o preço e vejo que está quase cem reais.

— Foi essa que você gostou? — pergunto pegando a boneca. Ela olha para o brinquedo e depois para a avó e nega com a cabeça.

— Cecília, olha para a tia Malu — peço. Ela levanta os olhinhos e percebo que está quase chorando. — A tia não gosta quando mentem para ela, e eu estou vendo nos seus olhinhos que você gostou dessa boneca. Então responde a verdade

para a tia, foi essa boneca que você gostou?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Ótimo, então vamos levar. — Quando estou para me levantar vejo outra boneca, a princesa Anna. — Na verdade, Cecília, vamos levar as duas, elas são irmãzinhas e não podem ficar separadas. — Pego a outra boneca também.

— Não, por favor, a senhora já está comprando uma boneca cara, não posso aceitar que leve mais uma do mesmo preço — dona Dalva tenta me impedir.

— Dona Dalva, se a Cecília pedisse que eu comprasse a loja toda eu compraria. Tenho dinheiro suficiente para isso. — Entrego as duas bonecas para a menina.

— A tia Malu vai me *dá* as duas? — pergunta abraçando-as.

— Vou — afirmo pegando-a no colo e indo para o caixa.

Quando chegamos ao caixa peço para a Cecília entregar as bonecas para o rapaz cobrar. Depois de pagar saímos da loja com uma Cecília comemorando.

— A senhora não precisava fazer isso — dona Dalva insiste.

— Vou falar algo para a senhora. — Paro no meio do shopping. — Tenho dinheiro suficiente para fazer o que eu quiser. Se eu quiser nesse exato momento comprar esse shopping inteiro com tudo o que tem dentro, eu compro. Isso sem fazer qualquer rombo na minha conta. Duas bonecas não vão me deixar mais pobre, mas vão deixar uma menininha feliz.

Ela olha para a Cecília, que para em frente a uma vitrine e coloca as bonecas para olhar com ela, como se estivesse mostrando as roupas para elas.

— Muito obrigada.

Depois de muito insistir com a dona Dalva

PERIGOSAS ACHERON

consegui convencê-la a comer alguma coisa ali mesmo no shopping. Claro que adorei uma Cecília animada comendo um *McLanche* Feliz. Por volta das oito da noite voltamos para a praia, despeço-me das duas e volto para a minha casa.

Depois de deitar na cama fico me lembrando do dia de hoje. Nunca precisei me importar com o dinheiro; tudo o que queria, eu ganhava dos meus pais. Como pode uma menina de três anos ficar tão preocupada em não comprar um brinquedo por causa do valor?



— Como assim, não estão em casa?

Cheguei cansado da obra. Quando procurei pela Cecília, meu painho falou que nem ela nem a mainha estavam em casa. Depois de vinte minutos

de preocupação, a porta de casa abre e mainha entra com a Cecília segurando duas bonecas novas.

— Que bonecas são essas? — pergunto.

— Tia Malu deu, papá. Ó, como é bonita. — Ela me puxa para o sofá.

— Como assim, mulher? — painho pergunta nervoso para mainha.

— Ela veio aqui na praia de novo, e eu percebi que estava gripada, então fiz um chá para ela. Para agradecer, ela quis pagar e eu não aceitei. Então se ofereceu para comprar uma boneca para a Cecília. Como eu podia negar isso?

— Mainha, essa boneca parece ser cara — falo segurando uma boneca.

— E é, ela pagou cem reais em cada uma.

— E você aceitou? — pergunto me levantando do sofá.

— Ela disse que poderia comprar a loja inteira se quisesse. E a Cecília estava apaixonada pela

PERIGOSAS ACHERON

boneca; a outra, foi ela que quis comprar. Não tive como negar, a Cecília disse que não podia aceitar por ser cara. Foi aí que a senhora Malu ficou mais brava ainda e mandou que eu aceitasse.

— Vou devolver a boneca. Não posso aceitar que a Cecília fique com essas bonecas caras — digo nervoso.

— Mas, *papa*, a tia Malu me deu. Eu *quelo* as bonecas — Cecília fala chorando abraçada com uma das bonecas.

— Eu sei. — Sento-me no sofá. — Mas é um presente muito caro, o painho não pode aceitar. — Ela continua chorando e isso me corta o coração. — Prometo que o painho vai trabalhar bastante e vai comprar uma boneca bem bonita para você depois, tá?

Ela concorda com a cabeça e me entrega a outra boneca e vai correndo para o quarto.

— Vicente, deixa a menina ficar com a boneca

— mainha pede.

— Não, ela tem que aprender a dar valor ao dinheiro. Não vai ser aceitando presente caro que vai aprender isso. Agora preciso descobrir quem é essa mulher.

— E como você vai fazer isso se não sabe quem essa Malu é, Vicente? — painho pergunta.

— Vicente, meu filho, senta aqui — mainha pede sentando no sofá. — A Cecília tem três anos e com essa idade ela já sabe que não pode gastar. Ela é apenas uma criança, não deveria ter noção disso. Não sei quando algum de nós, acho que nem mesmo se juntássemos o dinheiro dos quatro, poderíamos um dia comprar bonecas, bicicleta e essas coisas para a Cecília. Deixa-a ficar com as bonecas, ela ficou tão feliz quando ganhou. Agora olha para ela, saiu daqui chorando, esse orgulho todo vai fazer mal para a sua filha.

— A sua mainha tem razão, Vicente — painho

concorda.

Levanto do sofá e vou para o quarto, encontro minha filha deitada de bruços chorando baixinho. Sento na cama ao lado dela.

— Menininha, o painho tem uma coisa para você. — Coloco as bonecas na frente do rostinho dela.

— Minhas bonecas. — Ela se levanta.

— O painho decidiu deixar que você fique com elas.

Ela agarra-as, abraçando apertado.

— *Bigada, papa* — agradece me dando um beijo.

Talvez não seja uma coisa tão ruim assim engolir o orgulho.



Capítulo 5



Maria Luíza

No dia seguinte acordo melhor, realmente o chá era milagroso. Aproveito para malhar já que no dia anterior não consegui fazer isso e depois de me arrumar, desço para tomar café da manhã.

— Bom dia — cumprimento Joana e a Bruna que estão na sala de jantar.

— Bom dia, menina, está se sentindo melhor?
— Joana pergunta, colocando um pedaço de mamão em um pratinho, na minha frente.

— Estou sim, Joana. Bruna, depois do café, vamos para o meu escritório. Quero colocar as
PERIGOSAS ACHERON

coisas em dia. — Ela concorda e termina de tomar o seu café.

Quase duas horas trabalhando nos documentos atrasados, Joana entra no escritório trazendo um envelope e entrega para a Bruna, que quando abre começa a dar risada.

— Malu, você foi convidada para uma festa, o dono do resort Bela Vista lhe enviou um convite.

— Esse resort é o maior do estado, não é?

— Até que o Alencar's Resort fique pronto sim. — responde, rindo. — Acho que ele quer se aproximar da concorrência. A festa vai ser no sábado no resort dele, posso confirmar presença?

— Pode sim, quero ver de perto esse resort.

Depois de horas trabalhando no escritório decido ir visitar a obra. Preciso colocar o prazo em dia e isso só vai acontecer se eu ficar em cima. Depois de verificar que os prédios secundários estavam no prazo me dirigi para o complexo onde

PERIGOSAS ACHERON

seriam os quartos, era o prédio mais atrasado de todos. Quando viro em uma esquina vejo um homem de costas e sem camisa, a imagem me deixa de boca aberta.

O corpo dele é simplesmente perfeito, musculoso nos lugares certos e com duas covinhas nas costas na altura da calça, subo o olhar pelo seu corpo e percebo que estou praticamente babando por ele. Assim que ele se vira vejo a barriga tanquinho e continuo a subir o olhar até me deparar com o rosto do pedreiro mal-educado.

Droga, ele tinha que ser tão lindo assim?

— Tudo bem, dona?

— Você costuma trabalhar sem camisa? — pergunto, tentando parecer séria, mas sem deixar de olhar para ele.

— Está calor. E como é uma obra e não um escritório tirei a camiseta, mas se a dona quiser eu coloco de volta. — Cruza os braços, fazendo com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que os músculos se contraíam e aumentem de tamanho.

— Fique à vontade — falo, começando a me afastar.

— Malu, o dono da construtora está te procurando — Bruna fala, se aproximando.

— Esto...

— Malu? Você é a Malu? — o pedreiro me pergunta.

— Senhorita Alencar para você — respondo brava me afastando.

— Você é a tia Malu? — ele indaga novamente, segurando o meu braço.

— O que você disse? — pergunto confusa.

— A minha filha conheceu uma tia Malu, é você?

— Primeiro, solta o meu braço, seu ignorante!
— Solto-me do aperto dele. — A Cecília é a sua filha?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É sim, quanto eu devo para a senhora? — pergunta, me olhando sério.

— Como assim?

— A senhora deu duas bonecas para a minha filha, quero pagar por elas.

— Não precisa, foi um presente. Dei porque eu gosto dela e não espero receber nada em troca. Agora me dá licença que preciso ir trabalhar.

— A senhora é muito arrogante, não é? Acha que o dinheiro pode simplesmente comprar tudo, só não devolvo as bonecas porque a minha filha está apaixonada por elas. Então quero pagar.

— E você é muito orgulhoso. Que mal tem eu dar duas bonecas para a sua filha? Tenho muito dinheiro e eu faço o que quiser com ele. — Viro as costas para ele e vou embora.

— Tudo bem, Malu?

— Tudo, Bruna, esse pedreiro ignorante, que me tirou do sério.

PERIGOSAS ACHERON



Não esperava que a tia Malu fosse a insuportável dona do resort. Tinha decidido deixar a Cecília com as bonecas, mas queria pagar por elas. Agora que eu sei para quem eu tenho que pagar fica mais fácil. Nunca tive nada fácil na minha vida e não vou aceitar que a minha filha ganhe presentes caros e fique mal-acostumada.

Na hora do almoço vou para o refeitório, não posso negar que o fato de ter um agora acabou facilitando as coisas, a comida é boa e o melhor está quente. Sirvo-me e vou para uma mesa e logo um dos rapazes senta do meu lado e começamos a conversar. Apesar de ser o mais velho da equipe acabei fazendo amizade com eles.

Quando acabou o expediente, peguei a minha bicicleta e fui para a portaria para ir embora, qual

PERIGOSAS ACHERON

não foi a minha surpresa de encontrar a dona nariz em pé parada ali olhando para os lados.

— Eu queria falar com a senhora — digo, parando ao lado dela.

— Senhorita, não sou casada.

— Senhorita, que seja. Eu quero pagar as bonecas, não vou conseguir pagar de uma vez, mas vou pagar.

— Qual o seu problema? Foi um presente. Não vou aceitar pagamento nenhum! — rebate irritada.

— Eu não quero que a minha filha aprenda que o dinheiro vem fácil, nós somos humildes, dona, e não quero que ela cresça achando que pode ter tudo. Temos dificuldades e cada centavo é importante.

— Se você tem dificuldades, o problema é seu e não da sua filha. Acho um absurdo que uma menina de três anos já saiba o valor do dinheiro e que não pode gastar. Ela é uma criança, tem que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

brincar e se divertir, a responsabilidade de ganhar dinheiro e guardar é sua e não dela. Você quer ensinar o valor do dinheiro, ótimo, só não tira a alegria da sua filha. Ela é uma menina linda e educada, nisso você está de parabéns, agora querer que, aos três anos, ela tenha noção de guardar dinheiro é exigir demais — diz nervosa.

— O jeito que eu educo a minha filha não é da sua conta — retruco nervoso me aproximando dela.
— Se a dona gosta de gastar dinheiro sem se importar, o problema é seu; só não quero que a minha filha cresça e se torne uma desmiolada que não tem noção e gasta tudo como você.

— Escuta aqui, seu mal-educado, o que eu faço da minha vida é problema meu, eu gasto o meu dinheiro como eu quiser.

— E o jeito que eu educo a minha filha é problema meu! — rebato praticamente colado ao corpo dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sai de perto de mim! — ela pede, colocando as mãos no meu peito tentando me empurrar.

— Tá com medo do quê, dona?

— Não tenho medo de você — praticamente sussurra.

— Está com medo de que eu beije você, é? Alguma vez você beijou um homem pobre, cheirando a suor de um dia inteiro de trabalho?

— Não. Eu não me misturo com homens como você, somente com homens do meu nível social. Você não deve nem saber o que fazer com a sua boca. — Empurra-me, mas sem conseguir me afastar.

— Para tudo tem a primeira vez. — Olho para a boca dela.

— Não ouse me beijar! — pede nervosa.

— Vou ensinar para a dona que classe social e dinheiro não interferem na hora de beijar. — Grudo os meus lábios nos dela.

PERIGOSAS ACHERON

Assim que eu a beijo, ela força os lábios para eles não abrirem, então começo a dar leves mordidas no seu lábio inferior enquanto uma mão agarra o seu cabelo na altura da nuca e a outra a sua cintura. Assim que dou um puxão no seu cabelo, ela abre a boca para soltar um gemido e aproveito para aprofundar o beijo, deixo a minha língua entrar e explorar a sua boca e ela acaba cedendo e me beijando de volta.

Não sei o que acontece, mas o meu corpo começa a reagir a ela. Puxo o seu corpo para mais perto ainda do meu, como se fosse possível, e continuo beijando-a sem deixar nossos lábios se desgrudarem. Quando sinto que o corpo dela começa a se soltar nos meus braços, eu a solto.

— Então, dona, beijo melhor que os engomadinhos que já te beijaram? — Dou risada.

— Idiota! — ela grita e dá um tapa na minha cara. — Nunca mais ouse me beijar.

É nesse momento de fúria dela que eu tenho uma ideia.

— Eu tomei uma decisão. Gostei de te beijar. E já que não vai aceitar o meu dinheiro para pagar as bonecas, vou pagar em beijos, faltam cento e noventa e nove beijos para quitar a minha dívida.

— Como se eu fosse querer te beijar.

— A dona vai aceitar o meu dinheiro?

— Já disse que não! — grita, cruzando os braços.

— Então vou pagar em beijos. — Subo na minha bicicleta, afastando-me.



Idiota, filho de uma p...

Ok, não vou terminar o xingamento porque eu realmente gostei da mãe dele. Quem diria que

aquela adorável senhora era mãe de um idiota como ele. Ainda mais que a Cecília tão linda tivesse esse sem educação como pai.

— Senhorita Alencar, desculpe o atraso, eu tive que levar a Joana ao mercado e acabamos pegando trânsito — O Tavares informa, assim que desce do carro.

— Da próxima vez me avisa porque assim não fico esperando feito uma idiota aqui na rua. — Desconto a minha raiva nele. Depois de chegar em casa e praticamente dar patadas na Joana e na Bruna subo para o meu quarto tomar um banho. Quando estou pronta para descer escuto uma batida na porta.

— Posso entrar, Malu?

— Pode, Joana, me desculpa ter sido grossa com você.

— Tudo bem, eu sei que você não tinha intenção, você nunca é mal-educada. A não ser que

PERIGOSAS NACIONAIS

alguma coisa esteja te irritando. O que aconteceu?

— Me beijaram à força. — Sento na cama. Desde a morte dos meus pais, a Joana representava a figura de família para mim.

— E a menina não gostou? — pergunta, se sentando ao meu lado.

— Aí é que está Joana, eu acabei gostando, mas ele não é do meu nível social. É pobre, pedreiro, mal-educado, grosso, ignorante e deve dever para meio mundo.

— Ser pobre e pedreiro não são defeitos, Malu.

— Eu sei, Joana, desculpa, estou nervosa. Ele me tirou do sério, todas as vezes que ele se aproxima acabamos brigando.

— Você está gostando dele?

— Imagina, está ficando doida, Joana?

— Quando um homem começa a nos incomodar tanto desse jeito é porque estamos gostando dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Joana, não combinamos em nada. E você já sabe que não vou me envolver com ninguém, a maioria dos homens que se aproximam de mim só querem saber do meu dinheiro.

— Esse pedreiro não. Por que não dá uma chance para ele?

— Ele não é do meu nível social, já falei.

— Malu, para de besteira, desse jeito vai ficar solteira para sempre. Nível social não influencia nada no caráter de uma pessoa. Quantos homens ricos você conheceu que não tinham caráter? Eu conheci vários e olha que eu só trabalho na cozinha. Esse rapaz parece ser digno e não ter dinheiro não é doença, não custa nada você abrir o seu coração.

— Custa, Joana, você acha mesmo que vai dar certo? — questiono, levantando uma sobrancelha.

— Eu tenho dinheiro. Se eu quero, eu compro; ele fica contando os centavos. O dia que me der na

PERIGOSAS NACIONAIS

telha de gastar cem mil reais em uma bolsa teria uma guerra.

— Isso seria ótimo, assim você economiza — ri.

— Eu não preciso economizar.

— Sei disso e não estou dizendo para começar a namorar esse rapaz amanhã mesmo. Só estou dizendo para que dê uma chance para a felicidade entrar na sua vida, porque senão ela pode escapar e nunca mais voltar. Pense nisso, querida. — Ela levanta, dá um beijo na minha cabeça e sai do meu quarto.

Até parece que um brucutu, mal-educado, é a minha felicidade. A Joana está ficando doida, só pode. Deito-me para dormir e não consigo deixar de pensar no beijo que ele me deu. Droga, eu beijei um homem e nem sei o nome dele!

PERIGOSAS ACHERON



Não sei o que deu na minha cabeça para decidir beijar aquela mulher. Só sei que quando ela disse que não me beijaria porque eu era pobre, fiquei doido de raiva. O pior foi que eu gostei de beijá-la e quando vi que não teria outros motivos para isso acabei inventando a ideia de pagar as bonecas com beijos.

Quando chego em casa encontro a Cecília sentada na sala com as bonecas apoiadas no sofá e alguns pratinhos no chão.

— Oi, menininha, o que está fazendo?

— Dando papá para as minhas filhinhas — fala, com aquele sorriso lindo no rosto.

— Então faz elas comerem tudinho para crescerem bem fortes.

— *Papa, boneca não clesce.* — Ela revira os

PERIGOSAS ACHERON

olhos para mim, como se dissesse que estou ficando doido.

— E boneca come por acaso? — pergunto, rindo.

— Comida de *mentilinha* come — concorda com a cabeça me arrancando uma gargalhada. Essa minha menina é muito esperta.

Corro para tomar um banho e dar a janta da Cecília. Depois de colocá-la para dormir vou até o lado de fora da casa onde a mainha está sentada.

— Mainha, queria falar com a senhora.

— Senta aqui, meu filho, o que foi?

— Conheci a tia Malu hoje.

— Como? Ela não veio aqui hoje — pergunta, confusa.

— Ela é a dona do resort em que eu estou trabalhando na construção.

— Então ela realmente tem dinheiro para gastar à vontade — constata e eu concordo.

— Acho que cometi uma loucura, mainha, ela não queria aceitar o pagamento das bonecas e me deixou tão nervoso que acabei a beijando e ainda fiz a promessa de quitar as bonecas com beijos.

— Vicente, como você pôde fazer isso?

— Sei lá, mainha, não pensei muito, quando dei por mim já estava beijando. — Coço a cabeça e ela fica me olhando.

— Você se apaixonou por ela?

— Eu não, aquela mulher é doida. E não combinamos em nada.

— Então não queira pagar essa dívida, porque depois de tantos beijos não sei se você conseguirá sair disso sem se apaixonar ou fazer com que ela se apaixone por você — aconselha-me fazendo um carinho na cabeça. — Não quero que quebre o seu coração, meu filho.

— Não se preocupe, mainha, sei o que estou fazendo. — Levanto-me indo para o meu quarto,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas não antes de deixar de escutar a mainha falando que espera mesmo que eu saiba.

Claro que eu sei o que estou fazendo. Vou pagar as bonecas e de quebra deixar uma metida doida de raiva. E me apaixonar por ela?

Nunca!

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 6



Maria Luíza

A semana passa tranquila e acabo não indo na obra ver como andam as coisas. Na quinta-feira decidi ir ao shopping procurar um vestido para a festa no sábado, então acabei arrastando a Joana comigo e fomos às compras.

— Eu não tenho bom gosto para essas coisas, Malu.

— Joana, para escolher um vestido bonito não precisa ter gosto, apenas precisamos ver o que fica bom no corpo.

— Até parece que você pensa assim, no último
PERIGOSAS ACHERON

casamento que foi o vestido veio da França de um estilista exclusivo — ri.

— Eu tinha motivos para escolher um vestido bonito, Joana.

— Você queria estar mais bonita que a noiva.

— Queria mesmo, nunca fui com a cara daquela nojenta — rio.

Entramos em quatro lojas e, quando já estou desistindo, a vendedora me trouxe um vestido marrom com detalhes em preto que se moldou perfeitamente no meu corpo.

— O que achou? — pergunto.

— Achei que a menina está linda e ficou com um corpo de violão.

— Então é esse mesmo que eu vou levar.

Quando estamos voltando para casa passamos perto da casa da Cecília, então decido parar e fazer uma visita para ela. Assim que estou me aproximando vejo que ela está brincando na porta

com as bonecas que eu dei.

— Oi, princesa.

— Tia Malu! — ela grita e vem correndo me abraçar.

— Tudo bom com você? — Ela concorda e eu a pego no colo. — Cecília, essa é a Joana, ela é minha amiga.

— Oi — cumprimenta Cecília, tímida.

— Oi, Cecília, você é muito linda.

— *Bigada*, tia — agradece, deitando a cabeça no meu ombro.

— Oi, dona Malu — dona Dalva me cumprimenta, saindo da casa e eu a apresento para a Joana.

— Bom, Cecília, eu só vim para te dar um beijo porque estava morrendo de saudades de você.

— Você já vai? — pergunta, fazendo biquinho.

— Eu tenho que ir trabalhar, mas no sábado de manhã eu venho e fazemos um castelinho enorme,

o que acha?

— *Pomete?*

— Prometo.

— Cecília, pode confiar, porque, quando a Malu promete, ela sempre cumpre — Joana afirma, sorrindo.

— Então, eu vou *espela*, tia Malu — avisa, animada.

— Gostei da Cecília — Joana fala quando voltamos para o carro.

— Ela é uma princesa — Sorrio.

— Você gosta dela, não é?

— Me apaixonei por ela, Joana, acho que foi o meu lado que deseja ter um filho que se encantou por essa menina.

— E o pai?

— Nem me fala dele, Joana, aquele mal-educado, néscio, baba...

— Isso é amor, Malu — ela me interrompe.

— Que amor? Está doida, é? Vou agendar um médico para você — retruco, nervosa.

Evito Joana pelo resto do dia. Onde já se viu? Eu, apaixonada por aquele sem educação? Trabalhei tanto no restinho da quinta e na sexta-feira que o sábado chegou voando. Como teria que me arrumar à tarde para a festa decidi visitar Cecília de manhã, coloquei um biquíni com estampa de onça e um vestido preto por cima com uma rasteirinha dourada e desci para tomar café.

— Está indo à praia? — Joana me pergunta, enquanto me serve.

— Estou, vou aproveitar a parte da manhã para brincar com a Cecília.

Termino o café e me despeço da Joana e vou para a praia. Assim que eu chego encontro a Cecília sentada na areia com o baldinho do lado olhando para os lados.

— Está procurando alguém? — pergunto,
PERIGOSAS ACHERON

sorrindo.

— Você, tia Malu! — grita feliz e me abraça.

— Vamos começar esse castelinho?

Ela concorda com a cabeça e estendo uma toalha para me sentar na areia enquanto ela busca água com o baldinho.

Estamos há meia hora brincando e já estou toda suja de areia quando escuto uma voz grossa atrás de mim:

— O que você está fazendo aqui?

— *Papa*, a tia Malu veio fazer *catelinho* comigo — Cecília responde, batendo palminhas e toda sorridente.

— Eu prometi para ela que viria hoje, então estou aqui — respondo, olhando por cima do ombro dando de frente com uma imagem de um homem forte sem camisa, com apenas um short jeans.

— Obrigado por cumprir a promessa, não

gostaria de ver a minha filha sofrer — diz, sem graça.

— Sempre cumpro as minhas promessas. E eu não sei o seu nome.

— Vicente — revela, olhando nos meus olhos.

— *Binca* com a gente, *papa* — Cecília pede o puxando pela mão.

— Não posso, menininha, o painho tem que terminar algumas coisas. — Dá um beijo na cabeça dela e depois se afasta.

Logo depois que ele se afasta volto a brincar com a Cecília até que ela fala que vai buscar mais água. Passa certo tempo e ela não volta, então eu a procuro pela praia e vejo que está olhando para o mar e começa a andar para dentro dele, alguns metros a distância o baldinho está sendo puxado pelas ondas e vai se afastando dela, que vai em direção a ele.

— Não, Cecília! — grito, me levantando e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

correndo em direção a ela. Quando chego ao mar, ela já está praticamente sendo arrastada pelas ondas, nado freneticamente até que consigo alcançá-la, uma vez que ela foi arrastada por ser pequena e leve. Pego-a nos braços e volto em direção à praia, enquanto ainda estou nadando de volta encontro com o Vicente no meio do caminho, que a pega dos meus braços e corre para a areia. Quando chego ao seu lado vejo uma Cecília tossindo e cuspiendo água.

— Tudo bem, menininha, respira — ele fala, tentando acalmá-la.

— Ela está bem? — pergunto, preocupada.

— Está sim, ela sabe segurar a respiração debaixo d'água. Sempre que eu posso entro com ela no mar e a ensino para evitar risco dela se afogar, mas ela sabe que não pode entrar sozinha no mar, não sabe, Cecília? — indaga, olhando sério para ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sei, *papa*, mas o baldinho saiu da minha mão e a onda levou ele *embola*, não *quelia pedê* o baldinho que a tia Malu me deu — responde, chorando.

— Cecília. — Sento-me ao lado do Vicente e a puxo para o meu colo. — A tia Malu compra milhares de baldinhos e deixa aqui na sua casa; se você perder um vai ter outro para usar. Mas nunca mais entre no mar para tentar pegar um de volta, entendeu? — pergunto, fazendo carinho na cabeça dela.

— Você não vai fazer isso! — Vicente esbraveja me olhando.

— Você prefere aceitar que eu dê vários para ela, ou que ela entre no mar sozinha para recuperar o único que tem? — pergunto, levantando a sobrancelha e ele fica quieto. — Imaginei.

— Eu *pometo* não *fazê* isso de novo, tia — ela promete, baixinho.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada, princesa, a tia Malu ia ficar muito triste se acontecesse alguma coisa com você. — Abraço-a apertado enquanto o Vicente fica nos olhando.

Depois do susto, eu me levanto e a pego no colo e vamos em direção à casa deles, não queria soltá-la por nada. Quase morri quando vi a minha pequena sendo arrastada pelas ondas.

— Tudo bem? — Um senhor nos pergunta me olhando desconfiado.

— Senhorita Alencar, esse é o meu pai Valdemir — Vicente nos apresenta.

— Quem é *senholita Alencá*? — Cecília pergunta, ainda abraçada comigo e eu dou risada.

— Sou eu, princesa, meu nome é Maria Luíza de Alencar, por isso o Malu.

— Mas *po que* o *papa* falou *senholita Alencá*? — pergunta, franzindo a testa.

— Porque é assim que todo mundo me chama.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu te chamo de tia Malu.

— Só as pessoas que são especiais para mim e que eu gosto muito me chamam de Malu — informo, sorrindo.

— Eu sou especial?

— É, meu amor, você é muito especial para mim. — Dou um beijo no rosto dela.

— Vem, Cecília, a vovó vai te dar um banho para almoçar. Oi, dona Malu — cumprimenta-me, pegando a Cecília do meu colo.

— Oi, dona Dalva.

— A tia Malu pode me *dá* banho, vovó?

— Cecília tenho certeza de que a senhorita Alencar tem mais o que fazer — Vicente fala e percebo que ela fica triste.

— Na verdade, eu só tenho um compromisso mais tarde, mas nunca dei banho em ninguém. — Dou risada.

— É fácil, tia Malu — fala, me puxando em

PERIGOSAS ACHERON

direção ao banheiro.

Quando entro no único banheiro da casa vejo que ele é bem simples, não tem boxe, não tem banheira e é pequeno. Enquanto a Cecília tira o vestidinho molhado fico olhando em volta e percebo que eles vivem em um mundo completamente diferente do meu.

— *Ponto*, tia.

Aproximo-me do chuveiro e ligo com certa dificuldade, pego o sabonete e me abaixo para ensaboá-la enquanto ela dá risada. Depois de uma bagunça no banheiro em que nós duas acabamos tomando banho porque ela insistia em jogar água em mim, desligo o chuveiro e a enrolo em uma toalha que disse ser dela. Viro-me para sair com ela do banheiro e dou de frente com o Vicente encostado na porta nos olhando.

— Algum problema? — pergunto.

— Nenhum, ouvi as risadas e vim ver o que

estava acontecendo.

— Onde é o seu quarto, princesa? — pergunto para a Cecília e ela me indica a direção.

Passo pelo Vicente e entro no quarto e percebo que tem duas camas: uma de casal e uma de solteiro. Coloco-a em pé na de solteiro e pergunto onde ficam as roupas dela, que me aponta para uma cômoda. Abro a primeira gaveta e percebo que ela possui poucas roupas e sinto um aperto no peito; quando era criança, eu tinha mais roupas do que poderia usar. O que eu estou falando? Ainda tenho mais roupas do que posso usar.

Pego uma calcinha, um short azul e uma blusinha branca e volto para onde ela está e começo a vesti-la. Quando termino pego um pente que estava em cima da cômoda dela e penteio os seus cabelos.

— Pronto, princesa, você ficou linda. — Dou um beijinho nela.

— Tia Malu é assim que uma mamãe cuida de uma filhinha? — pergunta, séria.

— Como assim, meu amor? — pergunto, sentando na cama e ela senta do meu lado.

— Nunca tive mamãe, não sei como uma é.

— Cecília, acho que sim, não sou uma, mas tenho certeza de que é assim que uma mamãe cuida da sua filhinha.

— Eu *quelia* uma mamãe. — O jeito que ela fala me emociona, não é certo uma criança tão pequena não ter uma mãe.

— Tenho certeza de que o seu pai vai conhecer uma mulher incrível que vai ser sua mamãe.

— Não *quelo*. — Cruza os bracinhos me fazendo rir.

— Não entendi. Você acabou de falar que quer uma mamãe.

— Eu *quelo*. Mas não *quelo* que o *papa* conheça uma, *quelo* você, tia Malu.

— Meu amor, para isso eu teria que ser namorada do seu pai...

— Então *namola* ele, ué — ela me interrompe.

— Cecília, a sua vó está chamando para almoçar. — O Vicente entra nessa hora no quarto e a Cecília sai correndo para a sala. — Desculpa por isso, eu não imaginava que ela fosse tão carente por uma figura materna assim.

— Você ouviu?

— Peguei só o final da conversa. Já ia esquecendo, obrigado por ter salvado a minha filha — ele me agradece.

— Não precisa me agradecer. — Levanto-me, indo em direção à porta; antes que eu possa sair, ele estica o braço e fecha a porta. — Me deixa sair, Vicente.

— Não sem antes de eu fazer o pagamento do dia — nega, grudando o corpo no meu. Afasto-me indo em direção à porta e ele se aproxima de novo

me deixando presa.

— Estou te molhando, meu vestido está ensopado. — Tento fazer com que ele saia de perto.

— Não me importo. — Vicente me vira fazendo com que eu fique de frente para ele. — Agora eu tenho que pagar uma dívida.

Ele me beija me deixando sem reação. Tento fugir e empurrar, mas a quem eu quero enganar? Alguma coisa no beijo dele me deixa sem forças. O puxo pelo pescoço me grudando mais ainda a ele. Sinto uma das mãos dele descer pelo meu corpo e levantar a minha perna direita enganchando no seu quadril, sinto o meu corpo formigar e, antes que eu possa perceber, estou com as duas pernas no quadril dele e pendurada no seu pescoço.

Ele morde os meus lábios, e depois começa a distribuir beijos pelo meu pescoço e descer em direção aos meus seios me deixando mais necessitada ainda. De repente, sinto que estou

voando quando ele me desgruda da porta e me leva até a cama dele, onde deita em cima de mim e volta a me beijar. Agora que não preciso mais me segurar para não cair, eu solto as minhas mãos e passo no peito dele sentindo cada músculo que tem ali. Enquanto começa a subir a mão esquerda pela minha perna e sinto os seus dedos na barra do meu biquíni, eu escuto alguém tossir e nos separamos na hora.

— Estamos esperando os dois para almoçar — o senhor Valdemir avisa com um sorriso no rosto.

— Já estamos indo, painho — Vicente responde. Depois que o pai dele sai, ele se vira para mim. — Agora faltam cento e noventa e oito.

— Depois disso são apenas cem. — Arrependo-me na hora.

— Quer dizer que a dona gostou do beijo, então? — pergunta, com uma pitada de sarcasmo.

— Não, mas você se aproveitou de mim. Agora

PERIGOSAS ACHERON

levanta. — Empurro o seu peito.

— A dona bem que gostou do que eu estava fazendo.

— Para de me chamar de dona! — esbravejo e ele dá risada.

— Vem, Malu, vamos almoçar.

— Vou para casa e eu não te dei o direito de me chamar de Malu. — informo, passando por ele. Antes que eu possa perceber, estou deitada na cama de novo com ele em cima de mim.

— Até alguns segundos atrás, eu estava com a língua dentro da sua boca e se não fosse o meu painho interromper não sei se teria parado. Então eu tenho todo o direito de te chamar de Malu, e você vai ficar para almoçar sim, entendeu?

— Quem você pensa que é para falar assim comigo?

— Eu sou o homem que no momento está ficando com você e tem uma filha que te adora e

PERIGOSAS NACIONAIS

que vai pedir para você ficar, então você vai ficar e almoçar.

— Eu não sou mulher de ficar, Vicente.

— Se quiser namorar, por mim não tem problema nenhum.

— Levanta, seu néscio — mando nervosa.

— Néscio? O que é isso?

— Idiota.

— Para de me xingar e responde do que você me chamou — pede, me fazendo revirar os olhos.

— Néscio significa idiota, são sinônimos.

— Eita, e precisa falar difícil para me xingar?

— Ele se levanta e me puxa para a sala.

— Posso te xingar em seis línguas diferentes, só escolher uma delas.

— Você fala seis línguas? — pergunta parando entre a sala e a cozinha.

— Português, inglês, alemão, francês, italiano e espanhol. — Dou um sorriso para ele, convencida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E precisa de tudo isso?

— Meu pai sempre disse que aprender nunca é demais, que conhecimento não ocupa espaço e só faz a pessoa crescer.

— O seu pai tinha razão, conhecimento nunca é demais — dona Dalva concorda, colocando uma panela na mesa.

— Senta, vamos almoçar — Vicente pede, me empurrando para uma cadeira.

— Você não perguntou se eu queria almoçar ou não.

— Qual o problema, a casa é pobre demais ou a comida simples demais para você? — pergunta ríspido.

— Não. Eu apenas odeio que mandem em mim. Desde os meus vinte e dois anos ninguém diz o que eu devo ou não fazer.

— Pois então se acostume, agora senta — ordena, me forçando sentar em uma cadeira e se

PERIGOSAS ACHERON

sentando ao meu lado esquerdo com a Cecília do lado direito.

— Eu vou, mas não porque está mandando. Não vou fazer essa desfeita para a dona Dalva.

— Oi, eu sou a Livia — uma moça bonita, que está sentada na minha frente, se apresenta. — Sou irmã do Vicente.

— Prazer.

— Espero que a senhorita goste de caranguejo — o senhor Valdemir fala e eu fico sem graça lembrando a cena que ele viu. — A Dalva faz um pirão de caranguejo com vinagrete, que é de lamber os beijos.

— Pirão eu nunca comi — informo, sorrindo.

— Você vai gostar.

Dona Dalva serve os pratos e fico observando como eles fazem para comer e imito. Tenho que confessar que está muito bom.

— Se a Joana experimentasse isso iria querer a

receita na hora — falo, rindo.

— *Papa*, posso convidar a tia Malu para o meu *anivesálio*? — Cecília pergunta do nada, nos interrompendo.

— Você vai fazer aniversário? — pergunto.

— Sábado que vem, vamos fazer apenas um bolinho para a família — Vicente informa.

— Eu queria uma festa das *Plincesas* — revela, tristonha.

— O painho prometeu que ano que vem ele vai tentar fazer uma festa das princesas, não prometeu? — Vicente relembra e ela concorda.

Depois do almoço me despeço de todos, tenho que me arrumar para a festa à noite. Quando chego em casa procuro pela Bruna, que está deitada em uma cadeira na piscina.

— Bruna, quero que contrate o melhor organizador de festas da cidade para fazer uma festa de quatro anos das Princesas com tudo o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tem direito.

— Ok, e para quando é a festa?

— Sábado que vem.

— Malu, está muito em cima.

— Bruna, eu tenho dinheiro, esqueceu? Com dinheiro posso tudo, até mesmo organizar uma festa para sábado que vem.

— Tudo bem, vou procurar o telefone agora mesmo e preparar tudo — assente e entra em casa, ela já sabe que não deve discutir comigo.

Vou para o meu quarto tomar um banho, quando me olho no espelho vejo que tenho umas marcas vermelhas no pescoço, provavelmente da barba do Vicente.

Ele vai odiar que eu estou fazendo uma festa. Quer saber, ele pode falar o que for, pode reclamar o quanto quiser. A Cecília vai ter a festa de Princesas dela ou eu não me chamo Maria Luíza de Alencar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 7



Maria Luíza

Estou andando de um lado para o outro na festa do Resort Bela Vista e vendo sempre o mesmo tipo de pessoas, mulheres fúteis que estão casadas por dinheiro, homens que só pensam com a cabeça de baixo para se casar com essas mulheres interesseiras.

Não me julgue mal, estou nessa vida de classe alta há muito tempo para saber que metade dos casamentos é apenas por interesse, como juntar fortunas. Por isso não me envolvo com ninguém. O meu dinheiro é meu e não vou dividir com algum

PERIGOSAS ACHERON

interesseiro.

— *Buona notte, cara mia.* — Escuto uma voz grossa atrás de mim e viro para ver quem é. — Sou Matheo Albertini. — Ele pega a minha mão para dar um beijo. É lindo, moreno com 1,80m de altura, olhos claros, barba e uma cara de mafioso.

— Boa noite, Maria Luíza de Alencar.

— Eu sei, você é a minha convidada especial dessa noite — afirma, sorrindo.

— Posso saber por que especial? — pergunto, com uma sobrancelha levantada.

— Porque chegou há pouco tempo e eu achei que gostaria de conhecer alguém, além de que nós dois seremos donos de um resort aqui em Aracaju.

— Ou seria porque o meu resort vai desbancar o seu do posto de maior do estado? — pergunto, sorrindo.

— Agora doeu. — Ele leva a mão ao peito. — Gostaria de dar uma volta pelo resort para
PERIGOSAS ACHERON

conhecer?

— Vestida assim? — pergunto, acenando para o meu vestido e ele me olha da cabeça aos pés. O vestido preto ficou simplesmente lindo, para completar fiz um penteado com topete e esfumado preto nos olhos.

— Você está *bella*, mas não se preocupe porque vou solicitar um dos carrinhos, assim não cansa os seus pés. — Ele me dá o braço para segurar e eu decido o acompanhar. Quero ver de perto o que ele tem nesse resort, uma vez que é considerado o melhor.

Depois de passear por todo o resort, ele dirige até a parte das piscinas e desliga o carrinho.

— Venha, *cara mia*, quero mostrar um lugar especial. — Ajuda-me a descer do carrinho. — Aqui é o meu lugar preferido de todo o resort, dá para ver o mar. Infelizmente pelo horário não será possível ver o pôr do sol, é simplesmente *bello*, não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

existe imagem mais linda no mundo. Quer dizer, eu achava até que coloquei os meus olhos em você.

— Muito gentil, senhor Albertini, mas eu...

— Matheo, *per favore* — ele me interrompe.

— Matheo, é muita gentileza sua. — Sorrio. —

O seu resort é lindo, você está de parabéns.

— Mas os dias dele estão contados como o melhor, assim que o seu ficar pronto. — Puxa-me para uma espreguiçadeira para nos sentarmos.

— Quanto a isso não posso fazer nada — falo, olhando para o mar.

— Então devo aproveitar o tempo que me resta como rei de Aracaju porque logo o meu posto será tomado por uma *bella principessa*. — Faz um carinho no meu rosto.

— O que você pretende me trazendo aqui para olhar essa vista e fazendo esses elogios? — pergunto, porque eu sei quando alguém quer alguma coisa de mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Apenas um beijo, *cara mia*. — responde puxando o meu rosto para ele, sinto os seus lábios pressionando os meus e logo a língua forçando passagem para a minha boca, acabo correspondendo sem perceber. — Seríamos tão certos juntos. — Volta a me beijar. Empurro-o com tudo e me levanto.

— Não existe juntos, Matheo. Se a sua intenção era tentar me conquistar para futuramente juntarmos os resorts, esqueça. Jamais me casarei para unir fortunas, já tenho dinheiro suficiente para uma vida inteira, não preciso me casar para isso.

— Não estava pensando nisso quando te beijei.
— Está bem, até parece que ele não pensou nisso.
— Realmente gostei de você, gostaria de tentar te conhecer melhor.

— Desde quando se conhece alguém enfiando a língua na boca dela? — pergunto e caminho em direção ao carrinho me sentando no volante. — Até

logo, Matheo. — Ligo o carrinho e aperto os pedais.

Lembra quando, no início da história, eu disse que não sabia dirigir?

Pois é, isso ainda está valendo. Saio dirigindo feito uma doida por todo o resort apertando o freio e o acelerador ao mesmo tempo, quase atropelei duas pessoas. Quando percebi que estava perto de onde estava acontecendo a festa, desliguei o carrinho e o larguei de qualquer jeito e terminei o caminho a pé. Pego o celular e ligo para o Tavares.

— Vem me buscar — peço e desligo. Para a minha sorte, ele chega em dez minutos.

Quando chego em casa vou direto para o meu quarto tomar um banho. Estou nervosa. O que deu nesses homens para me beijar sem permissão?

Fico me olhando no espelho e lembro-me do beijo que o Vicente me deu, tinha fogo, tinha vontade de beijar.

O beijo do Matheo tinha interesse.

— O que deu em você, Malu? — pergunto em voz alta. — Comparando os beijos? Vai me dizer que preferiu beijar aquele néscio do que um homem elegante como o Matheo?

Droga, eu sei a resposta. O beijo do Vicente foi muito melhor do que o do Matheo. Tiro a maquiagem e tomo um banho, a única coisa que eu quero é cair na cama.

No domingo pela manhã saio correndo para a praia, não porque eu quero ver o Vicente, mas porque eu estou doida para ver a Cecília. Assim que eu chego à casa deles não vejo a Cecília na praia então decido bater na porta.

— A dona sentiu saudades? — Vicente pergunta quando abre a porta e me vê.

— Senti sim — respondo, sorrindo. — Mas da Cecília.

— Tia Malu! — ela grita, correndo e vindo em

PERIGOSAS ACHERON

minha direção.

— Oi, meu amor, vim para a gente curtir a praia, vamos? — pergunto e ela concorda. A levo para a areia onde o Tavares montou um guarda sol para mim e estendeu uma toalha.

— Obrigada. Pode ir — falo, colocando a Cecília no chão.

— Oi, moço bonito.

— Oi, menina bonita — o Tavares cumprimenta rindo e vai embora.

— Vamos *montá catelinho*, tia?

— Se você quiser, mas vai ter que ser um bem grande. — Abro os braços e ela pula batendo palmas.

— Mas eu *pedi* o baldinho — ela avisa, se sentando.

Pego a sacola que estava embaixo do guarda sol e tiro dois baldinhos e mostro para ela.

— Eu comprei dois, um para você e um para

mim.

— *Bigada* — agradece animada, pegando o baldinho. — Vou *pegá* água.

— Cecília — chamo e ela para. — Nada de entrar no mar.

— Pode *deixá* — concorda com a cabecinha e vai correndo buscar a água.

Estamos há duas horas montando o que a Cecília garante que seja o maior castelo de areia do mundo quando escuto uma voz atrás de mim:

— *Cara mia*, que coincidência.

— Oi, Matheo — cumprimento, ficando em pé.

— Você saiu correndo ontem, que não deu tempo nem de me despedir direito.

— Lembrei que eu tinha um compromisso, então tive que ir embora.

— Então me deixe compensar a minha falha.

— Ele me puxa pela cintura me beijando. Eu o empurro e, antes que eu possa dar um tapa nele,

escuto uma Cecília muito irritada.

— Não pode *beijá* a tia Malu, só o *papa* pode — fala de braços cruzados e batendo o pezinho na areia.

— Quem é essa, sua filha? — pergunta confuso.

— Ainda não, mas eu vou sê *poque* ela vai ser a minha mamãe. — Mostrando a língua para ele, que dá risada.

— Bambina adorável — fala, sorrindo. — Mas eu beijo a Maria Luíza quando eu quiser. — Ele me puxa para outro beijo.

— Beija não! — ela grita e corre para cima dele dando um soco de mãozinha fechada fazendo com que ele grite de dor e caia no chão.

— O que está acontecendo aqui? — Vicente pergunta, se aproximando.

— Esse homem feio *quelia beijá* a tia Malu, mas eu não deixei e bati nele — Cecília diz, com a
PERIGOSAS ACHERON

carinha fechada e muito brava. — Se *beijá* de novo, eu bato de novo — avisa o Matheo que ainda está no chão com dor, mostrando as duas mãozinhas fechadas e levantadas como se fosse uma lutadora de boxe.

É muito para mim, começo a rir tanto que preciso me sentar no chão enquanto o Vicente me olha bravo e depois encara o Matheo levantando.

— É ele que você prefere? — Matheo pergunta, apontando para o Vicente. — Parece que ele não tem um dinheiro sequer no bolso. O que ele tem que eu não tenho?

— Ele tem uma filha adorável e beija mil vezes melhor que você — respondo, ainda rindo sentada na areia.

— Você vai se arrepender do dia que preferiu um pescador ao invés de me escolher — avisa irritado e vai embora.

— Não volta mais, seu bobo fedido! — Cecília

PERIGOSAS ACHERON

grita, me fazendo dar mais risada ainda.

— Cecília, você não pode bater nas pessoas — Vicente a repreende, se abaixando e a virando para ele.

— Ele beijou a tia Malu, não pode. Só você pode, *papa*. — Ela cruza os bracinhos.

— Dá para parar de rir? — ele me pergunta, com a cara fechada, o que me faz gargalhar ainda mais.

— Você fala isso porque não viu o tapa que a Cecília deu, ele foi a nocaute com um soco — informo e dou mais risada, o Vicente me olha e começa a rir também.

— Então eu beijo melhor que ele? — pergunta com a sobrancelha levantada e eu paro de rir.

— Não se pode fazer um elogio para pobre que eles já se sentem todo — tento desconversar. Se ele ficar bravo, ele esquece o que eu disse.

— Cecília, vai lá para dentro. A vovó quer sua
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ajuda para terminar o almoço — pede, ainda me olhando e eu sei que não vem coisa boa por aí.

Assim que a Cecília sai correndo tento me levantar para fugir dele, mas ele é mais rápido se jogando em cima de mim me obrigando a deitar na areia.

— Vou deixar uma coisa bem clara, senhorita Maria Luíza de Alencar, a partir do momento que eu te beijei pela primeira vez você se tornou minha, nenhum outro homem está autorizado a te beijar.

— Eu não sou sua, Vicente!

— Para de tentar negar, Malu, você me quer tanto quanto eu te quero. E agora temos um problema.

— Qual? — pergunto, olhando para os olhos dele.

— Estou muito bravo porque você beijou outro homem, então você vai ter que me compensar por isso.

PERIGOSAS ACHERON

— E o que você quer, Vicente?

— A minha dívida com você voltou à estaca zero para começar, ainda devo duzentos beijos. Mas como decidiu beijar outro homem sem me consultar, você que está em dívida comigo, você me deve o triplo. Então tem que me beijar seiscentas vezes para me compensar.

— Para de ser idiota! — empurro-o sem conseguir fazer com que ele se levante.

— Estou falando sério, Malu. Eu estou gostando de você, mas você é tão cabeça-dura que vou ter que cobrar tudo em beijos para ver se você dá o braço a torcer.

— Você acha que tudo se resolve com beijos, Vicente?

— Não, nem tudo, existem coisas melhores para resolver uma briga, mas como não estamos nessa fase ainda me contento com os beijos. Agora fica quieta e começa a pagar a sua dívida, senão

vou sair falando por toda Aracaju que a todapoderosa Maria Luíza de Alencar é velhaca.

— O que é isso?

— Mão de vaca.

— Nunca devi para ninguém — reclamo irritada.

— Está me devendo seiscentos beijos e se não pagar vai ser velhaca.

Puxo o rosto dele para o meu. Onde já se viu, eu caloteira. Vou provar que não devo nada para ninguém. O beijo que começou com raiva foi se transformando, logo eu estava sentindo todo o meu corpo responder ao dele. Os lábios dele começaram a descer para o meu pescoço e eu já não raciocinava mais nada.

— Você é minha, Malu — ele fala e volta a tomar posse da minha boca.

— *Agola* você é minha mamãe? — Escuto Cecília perguntar e empurro o Vicente, que só

PERIGOSAS ACHERON

levanta a cabeça.

— Cecília, eu...

— Ainda não, menininha, mas o que depender do painho ela vai ser — ele responde, sorrindo para ela.



Capítulo 8



Maria Luíza

— *Agola* você é minha mamãe? — Escuto Cecília perguntar e empurro o Vicente, que só levanta a cabeça.

— Cecília, eu...

— Ainda não, menininha, mas o que depender do painho ela vai ser — ele responde, sorrindo para ela.

— Para de dar falsas esperanças para a menina.

— Empurro-o me levantando.

— Não são falsas esperanças, você é minha, e é melhor se acostumar com isso. — Ele aponta para

PERIGOSAS ACHERON

mim.

— A vovó chamou *pala almoçá* — Cecília avisa abraçando a minha perna.

— Eu vou para casa.

— Almoça *ati*, mamãe — Cecília pede, levantando a cabecinha para mim.

— Do que você me chamou? — pergunto, abaixando-me ficando na altura dela.

— De mamãe. — Cruza as mãozinhas na frente do corpo, abaixando a cabeça.

— Malu — Vicente fala, chamando a minha atenção.

— Cecília, nada no mundo me deixaria mais feliz do que ser a sua mãe — digo emocionada e ela se joga no meu pescoço e nós duas vamos para o chão.

— Vamos, mamãe — ela fala, me puxando.

— Vai indo na frente, menininha — Vicente fala para ela, que sai correndo. — Obrigado — ele

me agradece olhando para mim.

— Não é porque eu aceitei ser mãe da Cecília que isso significa que estamos juntos. — Passo por ele, que puxa o meu braço.

— Ser mãe da Cecília significa estar comigo, Malu. Já disse, você é minha e o quanto antes entender isso melhor.

— Vicente, nós dois resolvemos isso depois. Agora, mesmo que não fiquemos juntos, vou estar aqui sempre pela Cecília. — Entro na casa dele.

— Mamãe *demolou*. — Cecília me puxa para a mesa e eu cumprimento todos que estão sentados.

— Eu tenho um convite para fazer — aviso, olhando para eles. — Gostaria que fossem almoçar na minha casa sábado que vem.

— Eu não sei, Malu — Vicente fala.

— Eu sirvo para ficar com você e você gritar minha como um ogro possessivo, mas não sirvo para você almoçar na minha casa com sua família?

PERIGOSAS NACIONAIS

— pergunto brava. — Não quer ir, não vá, mas às 11 horas o meu motorista vai estar aqui para levar a Cecília e quem mais quiser ir. Quem não quiser, não vai. Mas a Cecília vai.

— Ela é a minha filha, não vai sair daqui sem a minha permissão.

— Eu sou dela também, *papa*, ela é a minha mamãe. — A Cecília fica em pé na cadeira e se estica para abraçar meu pescoço.

— Você ouviu a sua filha. Eu sou mãe dela, então ela vai para a minha casa e isso não tem discussão.

— Teimosa — ele resmunga, voltando a comer.

— Olha quem fala — retruco.



Depois do almoço volto para casa e a Bruna me para assim que eu entro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Malu chegou um e-mail dos organizadores do Fast Verão, eles querem saber se você vai patrocinar o evento.

— O que seria o Fast Verão? — pergunto, indo para o escritório.

— É o esquentão para o carnaval aqui de Aracaju, eles fazem todo ano. Esse ano será em uma arena de shows em frente ao Shopping Riomar nos dias 23 e 24 de janeiro. Várias empresas patrocinam o evento.

— Pode confirmar o patrocínio, diz que eu quero três ingressos. Melhor, quatro ingressos e tenta conseguir um camarote.

— Você vai convidar alguém? — pergunta, sorrindo.

— Não, eu quero que você, o Tavares e a Joana aproveitem a festa; o outro, eu vou dar para a irmã do Vicente. Ela é nova e precisa aproveitar a vida.

— E você?

PERIGOSAS ACHERON

— Vou ficar em casa ou fazer qualquer outra coisa. — Dou de ombros. — Quero que vocês aproveitem, merecem uma folga.

A semana passa voando e quando percebo já é sexta-feira e a minha casa está sendo arrumada para a festa da Cecília. Decido ir até a casa dela conversar com a dona Dalva porque precisávamos convidar outras crianças. Quando chego sou recebida por uma Cecília animada.

— Mamãe! — exclama, pulando no meu colo.

— A vovó está aí? — pergunto e ela concorda com a cabeça e eu entro na casa. — Boa tarde, dona Dalva.

— Oi, dona Malu. Como está?

— Estou bem, vim pedir um favor. — Sento-me no sofá. — Cecília, por que não busca as bonecas para a gente brincar. — Faço um carinho nela, que sai correndo. — Estou fazendo uma festa de aniversário para a Cecília lá em casa, quero que

a senhora convide os amigos de vocês e as crianças.

— Entrego os convites.

— Mas é amanhã, dona Malu — constata, olhando para os convites.

— Eu sei, se eu entregasse antes o Vicente teria gritado e falado um monte e ela não teria festa nenhuma. A essa hora está praticamente tudo pronto, só falta convidar as pessoas e conto com a senhora para isso. — Sorrio.

— Ele vai ficar doido, mas vou convidar sim. — Ri.

— *Ati*, mamãe. — A Cecília entra correndo na sala com as bonecas nas mãos, e pula no meu colo e passamos horas brincando.

À noite volto para a casa antes do Vicente voltar do trabalho. Quando chego encontro tudo pronto e arrumado para a festa faltando apenas as comidas.

No dia seguinte, logo cedo, a minha casa está

PERIGOSAS ACHERON

cheia de gente terminando de arrumar tudo, coloco um vestido rosa com uma sapatilha e saio para receber as pessoas. Só espero que as pessoas venham.

Estou olhando em volta, ficou tudo perfeito decorado em branco e rosa com coroas espalhadas por todos os lados, pedi que montassem um pular-pula inflável e uma piscina de bolinhas. Quando estou entrando em casa escuto um gritinho e abro um sorriso, a minha princesa chegou.

— Mamãe! — Cecília grita, correndo na minha direção.

— Oi, princesa. — Levanto com ela no colo e vejo que todos vieram. — Feliz aniversário, tenho uma surpresa para você. — Caminho para o lado de fora.

— O que você aprontou, Malu? — Vicente começa a resmungar atrás de mim.

— Não fiz nada de mais, é só uma surpresa de

PERIGOSAS ACHERON

aniversário para a Cecília. — Abro a porta de correr, que dá para o jardim atrás da casa onde está tudo arrumado, Cecília fica sem saber o que falar olhando para tudo.

— De quem é o *anivesálio*, mamãe? — ela me pergunta, depois de um tempo.

— Como de quem? É seu, meu amor. — Coloco-a no chão. — Vai lá olhar tudo. — Ela sai correndo para o pula-pula onde tem um monitor que a ajuda a subir e logo ela está gritando e pulando.

— Obrigada, dona Malu — dona Dalva me agradece emocionada.

— Não tem porque agradecer, o sorriso da Cecília já paga qualquer coisa. Por que não aproveitam e vão olhar tudo também? Logo os convidados devem chegar. — Dona Dalva passa por mim, o senhor Valdemir para do meu lado e coloca a mão no meu ombro dando um aperto e

entendo que é um obrigado silencioso, ganho um sorriso da Lívia, que corre para o pula-pula onde a Cecília está chamando por ela.

— Quanto? — Vicente pergunta, atrás de mim.

— Quanto o quê?

— Quanto você gastou? — pergunta, virando-me para ele.

— Por que, seu maluco? Vai querer pagar em beijos também, é? — Viro para tentar sair de casa, mas ele me agarra e joga sobre o ombro. — Me solta, seu brutamontes, me coloca no chão agora mesmo.

— O que está acontecendo? — Joana pergunta, saindo da cozinha.

— Chama o Tavares, Joana! — grito, pendurada de cabeça para baixo.

— Onde eu posso falar a sós com ela? — Vicente pergunta a ela.

— Lá em cima, o quarto dela é no final do

PERIGOSAS ACHERON

corredor — Joana responde e o Vicente vai para o meu quarto.

— Não ouse entrar no meu quarto, Vicente! — grito e dou socos nas costas dele. Quando percebo estamos dentro do meu quarto com o Vicente trancando a porta. Um segundo depois estou voando no ar e caindo com tudo na cama. — Seu idiota! — grito novamente e tento me levantar, mas ele me empurra de volta.

— Malu, isso não vai dar certo. Sei que tem boas intenções, mas espero sinceramente ser consultado da próxima vez que quiser gastar tanto dinheiro com a Cecília! — ele está gritando, nervoso.

— O dinheiro é meu! — berro, me levantando.

— E a filha é minha. Malu, não gosto de ficar devendo para ninguém. Já estou devendo dez mil reais para o hospital, tive que vender a minha casa, trabalho em dois lugares para pagar essa dívida. E

aí aparece você, uma maluca, gastando um monte de dinheiro.

— Eu pago a dívida do hospital para você, Vicente...

— Olha aí o que eu estou falando! — ele grita e começa a andar de um lado para o outro.

— Você não me deixou terminar de falar — revido gritando também. — Eu pago a dívida, eu sei que lugares assim costumam não perdoar atrasos. Aí você paga para mim da forma que der e quando puder.

— Malu, para você dinheiro resolve tudo, não é?

— Vicente, dinheiro resolve tudo. A Cecília estava triste querendo uma festa, eu dei a festa para ela, você não está escutando a risada alegre dela?

— Aponto para a janela. — Ficar gritando e me xingando só vai tirar a alegria desse dia, aproveita a festa, brinca com a sua filha e depois decidimos

sobre o dinheiro. — Tento passar por ele, mas antes que eu consiga chegar à porta, estou caindo na cama de novo com o Vicente em cima de mim.

— Final de semana que vem você vai sair comigo — convida, segurando os meus braços. — Conversei com um antigo patrão que se tornou meu amigo e consegui a lancha dele emprestada, vou te levar em um lugar lindo aqui de Sergipe.

— E se eu não quiser ir?

— Você não tem de querer, Malu, você vai e pronto! Vamos fazer um passeio só nós dois, assim ninguém vai nos atrapalhar.

— E posso saber por que não quer que ninguém atrapalhe?

— Por isso. — Começa a me beijar, quando dou por mim já estou passando as minhas pernas pela cintura dele e correspondendo o beijo. — Você me deixa louco, Malu. — Beija o meu decote. — Mas vou parar por aqui, não quero que alguém

PERIGOSAS NACIONAIS

apareça e temos uma festa para ir — avisa se levantando. — Mas sábado você vai ser minha, Malu, é melhor se preparar. — Sorri.

— Me preparar para quê? — pergunto, me levantando e indo para a minha penteadeira me arrumar.

Vejo-o se aproximar e abraçar a minha cintura sussurrando em meu ouvido:

— Para implorar, Malu, vou fazer você implorar e gritar bastante de prazer e o melhor é que não vai ter ninguém perto para ouvir. — Dá uma mordida no meu pescoço e se afasta, rindo.

Bastardo, idiota.

Não sei o que me deixa com mais raiva, ele achar que vai conseguir me fazer implorar ou o fato que ele agora me deixou uma semana esperando para saber se vai conseguir realmente me fazer implorar e gritar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 9



Maria Luíza

Quando desço para a festa percebo que alguns convidados já chegaram, a Cecília está animada brincando com algumas crianças e o Vicente está em uma mesa conversando com um casal.

— Malu — Bruna me chama. — Está aqui o ingresso que você me pediu.

— Obrigada. Bruna eu quero que você descubra qual foi o hospital onde a Cecília nasceu, o Vicente está devendo para eles. Quero que descubra o valor da dívida e logo em seguida passe para o financeiro. Quero essa dívida quitada ainda

PERIGOSAS ACHERON

essa semana.

— Pode deixar, Malu — ela assente e se afasta. Procuro a Livia e a vejo sentada em uma mesa com os seus pais.

— Livia tenho um presente para você. — Sento-me à mesa com eles e entrego o convite.

— Um convite do Fast Verão? — grita, animada. — Estava doida para ir, mas não consegui um ingresso. Obrigada, senhorita Alencar.

— Não precisa agradecer e me chama de Malu, por favor. Ah, já ia me esquecendo, a Bruna, a Joana e o Tavares também vão, consegui um camarote para vocês ficarem, vou pedir para o Tavares buscá-la no dia.

— Quem é esse Tavares? — Vicente pergunta, sentando-se ao meu lado e colocando o braço no encosto da minha cadeira.

— Meu motorista. — Puxo o braço dele.

— E por que ele vai buscar a Livia? —

pergunta, colocando o braço novamente na cadeira.

— A Malu me deu um ingresso para o Fast Verão — Livia responde, animada mostrando o ingresso.

— Todos os meus empregados vão, então não precisa se preocupar com ela. — Puxo o braço dele novamente.

— Se tirar o meu braço cinquenta vezes vou devolvê-lo cinquenta vezes no lugar — rebate, devolvendo o braço no lugar.

— Não te dei intimidade para isso. — Viro-me de costas para ele, ficando de frente para o senhor Valdemir.

— Você me deu intimidade no momento em que deixou que eu tocasse o seu corpo, e principalmente quando passou as pernas em volta de mim na minha cama — sussurra no meu ouvido.

— Idiota! — Dou uma cotovelada nele.

— Está maluca, mulher? — ele grita,

esfregando o local que eu acertei.

— Para de falar essas coisas em público, Vicente. O que a sua família vai pensar de mim? — murmuro, só para ele ouvir.

— Não vão pensar nada de mais. E outra, painho nos viu agarrados na minha cama — fala alto, deixando-me mais nervosa ainda.

— Precisa gritar?

— Se for para você parar de frescura, precisa sim. Você é minha, já falei isso e a minha família sabe.

— Eu não sou sua. — Bato o dedo no peito dele.

— É sim, Malu, e é só uma questão de tempo para eu tornar isso oficial. No momento em que eu tiver você na minha cama, você vai ser completamente minha. — Puxa o meu rosto para ele e me beija. Esqueço onde eu estou e acabo correspondendo aos beijos dele, é sempre assim, PERIGOSAS ACHERON

bastam os lábios dele tocarem os meus para que eu me esqueça de tudo.

— Esqueceram que isso é uma festa de criança?

— Seu Valdemir pergunta, rindo. — Se quiserem continuar se beijando assim melhor procurar um quarto.

— Com licença. — Levanto-me da mesa.

Tento evitar ao máximo o Vicente pelo resto da festa. Quase na hora dos parabéns, pego a Cecília e a levo para o meu quarto, onde tem uma roupa de princesa para que ela vista. Quando mostro o vestido, ela começa a pular e bater palmas. Depois de trocada descemos e encontro o Vicente na porta que dá para o jardim.

— *Papa*, estou bonita? — ela pergunta, rodando na frente dele.

— Está linda, menininha. — Ele se abaixa na frente dela, que o abraça. — Vamos cantar parabéns? — pergunta e ela concorda.

Quando estão saindo de mãos dadas, a Cecília agarra a minha e me puxa com eles para a mesa do bolo. Não consigo fugir e, quando dou por mim, estou ao lado do Vicente com a Cecília no colo cantando parabéns.

Depois do bolo cortado e das lembrancinhas entregues, os convidados começam a se despedir restando apenas a família do Vicente e eu no jardim enquanto a Cecília continua brincando no pula-pula.

— Ela não vai sair nunca dali — dona Dalva comenta rindo, olhando para a neta.

— Ela gostou da festa. — Sorrio, enquanto o Vicente fica me olhando.

Uma hora depois, me despeço deles com uma Cecília adormecida no colo do senhor Valdemir. Quando acho que estou livre, o Vicente me puxa para um canto.

— O que você quer? — pergunto.

— Obrigado. — agradece.

— Não entendi.

— Obrigado pelo que fez pela Cecília.

— Não precisa agradecer. Amo a Cecília. —
Tento me soltar das mãos dele.

— Sábado vamos sair para passear e só voltamos no domingo — me avisa, puxando-me para um beijo.

— Onde você pensa que vai me levar? — pergunto, quando ele se afasta um pouco.

— É uma surpresa, mas tenho certeza que vai adorar — responde indo embora. — Ah, Malu, já ia me esquecendo. — Vira-se para mim. — Roupas é opcional. — Pisca, entrando no carro.

A semana passa e não encontro o Vicente, devido alguns contratos que eu precisava examinar não fui à obra; e nas vezes em que fui visitar a Cecília, ele estava trabalhando. Na quarta-feira recebi a notícia de que a dívida no hospital havia

sido paga e que agora ele não devia mais nada.

No sábado, quando acordei, estava decidida a não sair de casa e ele não iria conseguir me tirar de lá, mas acabei me pegando fazendo uma mala pequena com dois vestidos e um biquíni caso o doido aparecesse me obrigando a ir com ele sem levar nada. Por volta das nove da manhã, o Vicente apareceu vestindo uma camisa branca com uma calça jeans surrada.

— Pronta? — pergunta, sorrindo.

— Aonde vamos?

— Já disse que é surpresa. — Ele pega a minha mala, puxando-me para fora de casa. Tem um carro parado na porta onde ele me ajuda a entrar e vai para o lado do motorista.

— Desde quando sabe dirigir? — pergunto, quando ele liga o carro.

— Desde os dezoito anos, não sou tão ignorante quanto você pensa.

Algun tempo depois percebo que entramos em uma cidade chamada Canindé e estamos indo para um local onde posso ver alguns barcos e lanchas atracados.

— Vamos andar de barco?

— Consegui uma lancha emprestada — revela.

— Foi com a mesma pessoa que emprestou esse carro?

— Foi sim. Eu trabalhei um tempo na reforma de uma empresa e me tornei amigo do dono. Liguei para ele e perguntei se me emprestava a lancha e ele concordou. — Estaciona o carro e desce. Ele pega a minha mala e uma mochila do porta-malas e me direciona para uma lancha pequena, mas de dois andares. Ele pula para dentro e estica a mão para me ajudar.

— Você sabe dirigir essa coisa? — pergunto, quando percebo que só tem nós dois.

— Tenho brevê para pilotar qualquer tipo de
PERIGOSAS ACHERON

barco — responde, ligando os motores.

— E como conseguiu isso? — pergunto, sem acreditar.

— Anos trabalhando em barco de pesca. — Dá de ombros. — Meu pai achou que seria bom que eu tirasse a minha licença, juntei um dinheiro e aos vinte anos já tinha o meu brevê.

Meia hora depois estamos nos aproximando de alguns montes enormes.

— Que lugar lindo, onde estamos?

— Aqui é Cânion do Xingó, ele fica no rio São Francisco. — Desliga a lancha.

— Podemos ficar aqui?

— Não podemos entrar muito, somente barcos menores. Nesse local que estamos podemos deixar a lancha por um tempo. Quer nadar? — indaga tirando a camisa, olho para a água e acabo decidindo entrar.

— Vou colocar o meu biquíni. — Corro para o

PERIGOSAS NACIONAIS

quarto trocar de roupa, quando volto encontro o Vicente sentado na plataforma da lancha vestido apenas com uma sunga.

— Pronta? — Ele se levanta e estica a mão para mim.

— Tem piranha nesse rio? — pergunto, levantando uma sobrancelha e ele dá risada.

— Não, pode nadar tranquila. — Saio correndo pela lancha e pulo com tudo na água igual uma criança. Quando volto para a superfície vejo que o Vicente pulou logo atrás. — Tudo isso era vontade de nadar? — Ele me abraça pela cintura.

— Sempre tive vontade de fazer isso. — Dou risada.

— Você me surpreende, Malu. — Puxa-me mais ainda para ele.

— Digo o mesmo, Vicente.

— Eu consegui surpreender a toda-poderosa senhorita Alencar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Com o fato de ter brevê para piloto conseguiu sim.

— Sei muitas coisas, é só me dar uma oportunidade de mostrar todas elas a você. — Ele me beija.

Quando se aproxima da hora do almoço voltamos para a lancha, coloco um vestido em cima do biquíni e me sento em uma mesa esperando o Vicente, que foi buscar a comida.

— Preparei um lanche para o almoço, achei melhor do que cozinhar alguma coisa pesada caso a gente decida voltar a nadar. — Senta-se ao meu lado.

Depois de comer alguns sanduíches naturais decido me deitar um pouco para tomar sol, logo sou coberta por uma sombra e, quando abro os olhos, vejo o Vicente nervoso.

— Você está tampando o meu sol.

— Quer se queimar, sua doida? Esse horário o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sol é muito forte. — Me pega no colo levando para dentro da lancha.

— Onde está me levando? — pergunto, tentando me soltar.

— Para o quarto. — Sorri.

— Não vou para o quarto com você. — Empurro o peito dele para me soltar. Quando percebo, ele me joga no ar e caio em uma cama de colchão macio. — Idiota! — esbravejo, tirando o cabelo do rosto.

— Malu, estou desesperado para ter você para mim. — Engatinha na cama me obrigando a deitar.

— Não, Vicente — suspiro quando ele começa a beijar o meu pescoço.

— Sim, Malu, eu sei que você também quer. — Ele me beija.

Os beijos dessa vez começam devagar, explorando a minha boca quase como se fosse um carinho. Quando essa lentidão começa se tornar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma tortura, agarro o seu pescoço e aprofundo o beijo o apertando mais ainda contra o meu corpo passando as minhas pernas pela cintura dele.

— Você vai ter que me pedir, Malu. — Volta a beijar o meu pescoço.

— Pedir o quê, Vicente? — Dou mais acesso para ele, que começa a descer em direção aos meus seios sem encontrar barreiras uma vez que estou de biquíni.

— Para que eu faça amor com você. Não vou fazer sem que me peça, tenho certeza de que se eu fizer isso você vai me acusar depois de ter abusado de você. — Passa a língua no topo do meu seio esquerdo.

— Nunca — suspiro, segurando a cabeça dele no lugar.

— Já ouviu dizer nunca diga nunca? — Dá uma mordida para logo em seguida voltar a passar a língua.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sou uma mulher de implorar. — Solto um gemido quando ele faz a mesma coisa com o outro seio.

— Não precisa implorar, é só pedir. — Desce pelo meu corpo, beijando a minha barriga. Ele alterna entre beijos, lambidas e mordidas, acendendo cada parte do meu corpo.

Odeio reagir assim, mas faz sete meses que eu fui pela última vez para a cama com alguém. Só agora percebi o quanto estou necessitada pelo toque de um homem.

— Vicente — reclamo quando ele dá um beijo perto da minha virilha e posso sentir a sua respiração sobre a calcinha do biquíni.

— É só pedir, Malu, e eu acabo com essa tortura para nós dois. — Volta a subir pelo meu corpo.

Enquanto ele volta a subir pelo meu corpo, lembro-me de todas as vezes que eu deixei de fazer

PERIGOSAS ACHERON

alguma coisa ou por obrigação por ser quem eu era ou por orgulho. Se outra mulher estivesse no meu lugar, agora ela já teria pedido ou até implorado logo de cara enquanto fico aqui feito uma idiota fazendo guerra de orgulho com o Vicente.

— Que se dane.

— O que disse? — Vicente pergunta, levantando a cabeça e percebo que falei em voz alta.

— Você trouxe camisinha? — pergunto, olhando para ele. — Não tomo anticoncepcional, já tentei, mas o meu corpo rejeita praticamente todos. — Ele se levanta da cama indo até a mochila dele tirando um pacote de camisinhas. — Você está muito necessitado e muito confiante de si mesmo. — Olho para o tanto de camisinhas que está na mão dele e ele dá risada.

— Na verdade, estou esperançoso, faz tempo que não durmo com uma mulher, na verdade quase

dois anos — revela, voltando para a cama.

— Por quê?

— Não queria me envolver com uma mulher e correr o risco da Cecília se apaixonar por ela e depois ela simplesmente ir embora, ou que essa mulher não gostasse da minha filha.

— E por que decidiu se envolver comigo? — pergunto, enquanto ele volta a deitar em cima de mim.

— Você se apaixonou primeiro pela minha filha e depois por mim. E, apesar desse seu jeito maluquinho, eu sei que não vai me deixar nunca.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque você é uma mulher de palavra, Malu. Você disse que não vai deixar a Cecília e eu sei que isso é verdade; e como eu disse, está apaixonada por mim.

— Quem disse que estou apaixonada por você?

— Seus olhos e o seu corpo. É fácil ler você,

cada vez que eu te toco, você se rende a mim, Malu. A prova disso é o fato de que estamos aqui nessa cama prestes a fazer amor.

— Nunca fiz amor, Vicente — revelo.

— Você é virgem? — pergunta, se levantando e eu dou risada.

— Não, seu besta. Eu nunca fiz amor, porque nunca houve sentimento para isso. Sou mulher, esqueceu? Nós sabemos diferenciar amor de sexo.

— Que susto, mulher, achei que estava corrompendo uma virgem. — Volta a me beijar.

— Vicente — chamo. Quando a tortura dos beijos começa novamente e ele olha para mim, decido jogar tudo para o alto de vez. — Faz amor comigo — peço e ele abre um sorriso.

— Vai ser um prazer, minha maluquinha.

Ele volta a me beijar e sinto as suas mãos desamarrando a parte de cima do biquíni para logo em seguida começar a beijar o meu seio direito

enquanto faz carinho no outro.

— Vicente — decido implorar de vez. — Não vou aguentar, anda logo com isso, estou há muito tempo sem ninguém também, faz isso depois. — Puxo o rosto dele para mim para beijá-lo.

— Quero ir devagar — diz, quando eu o libero para pegar um pouco de ar.

— Devagar depois — peço e com um impulso giro nós dois na cama ficando por cima dele.

— Como conseguiu isso? — pergunta, surpreso.

— Eu malho bastante. — Sorrio, beijando o peito dele.

— Malu — tenta me alertar segurando os meus cabelos enquanto eu desço pelo corpo dele.

— Você está provando do seu veneno. — Chego à altura da sua sunga, piscando para ele.

— Merda, depois não reclame falando que eu sou um ogro que não fui carinhoso na nossa

primeira vez. — Ele me puxa jogando na cama e voltando a ficar em cima de mim. — Então, nada de preliminares?

— Nada de preliminares — concordo com ele, que se ajoelha e dá um puxão na parte de baixo do biquíni o jogando longe, logo em seguida é a sunga dele que está voando do quarto.

— Dessa vez ninguém vai me parar. — Volta a me beijar, sinto-o se posicionar para me penetrar e o empurro.

— Não, Vicente.

— Ah não, você não vai fazer isso comigo. — Ele olha feio para mim. — Não vai me torturar desse jeito para voltar atrás — diz nervoso e vejo uma veia no pescoço dele saltar e começo a rir. — Do que está rindo, maluca?

— Eu só te parei porque você está sem camisinha, seu idiota. — Ele arregala os olhos.

— Merda! — xinga e estica a mão para

PERIGOSAS ACHERON

alcançar uma e colocando logo em seguida. — Agora eu posso? — Ele me olha com cara de deboche.

— Deve. — Puxo-o para mim. Sinto que ele se segura e tenta ir aos poucos para não me machucar, o movimento é tão lento que sinto a necessidade de puxá-lo com tudo para mim. — Anda logo! — ordeno, trincando os dentes com a sensação de ser esticada por ele.

— Calma, faz muito tempo para nós dois, não quero te machucar. — Entra um pouco para sair de novo.

— Você está me matando, Vicente — afirmo, arranhando as costas dele.

— Vai por mim, estou morrendo junto, querida. — Sinto um último movimento e ele está inteiro dentro de mim. Ele apoia a testa dele na minha e fica assim por um tempo. — Malu?

— Não acredito que quer conversar agora. —
PERIGOSAS ACHERON

Tento me mexer.

— Olha para mim — pede, segurando o meu rosto e levanto os olhos para ele, vejo a emoção que passa pelos seus olhos e fico quieta. — Pela primeira vez, desde que perdi a minha esposa, me sinto completo, Malu, você trouxe algo para a minha vida que achei que estava perdido, obrigado. — Ele me beija começando a se movimentar lentamente.

Não sei se foi o tempo que fiquei sem me envolver com alguém ou se foram as palavras dele, mas o que senti quando ele começou a se mexer foi melhor do que qualquer outra vez que eu tive. O corpo do Vicente pesando sobre o meu, o calor dele, os beijos, as mãos passeando pelo meu corpo e o movimento do quadril dele despertou o meu corpo inteiro.

Agarro-me a ele como se precisasse do corpo dele para viver, sinto o meu corpo esquentar cada

PERIGOSAS ACHERON

vez mais com os movimentos que ele faz; um formigamento começa nos dedos dos pés passando por todo o meu corpo até os fios do cabelo. Quando acho ser impossível ficar melhor sinto-me cair. Parece que estou caindo de um precipício sem fim e grito o nome do Vicente; quando percebo outro grito se juntar ao meu, sinto o corpo dele cair em cima de mim me prendendo na cama.

Estou respirando com dificuldade não por causa do peso do corpo dele, mas sim pelas sensações que ainda estão correndo pelo meu corpo, ele se levanta e sai de dentro de mim para retirar a camisinha e jogá-la fora. Um tempo depois ele volta a se deitar na cama e me puxa para ele.

— Agora você é definitivamente minha, Malu.
— Ele me abraça enquanto apoio a cabeça no peito dele.

— O meu dinheiro vai junto, Vicente.

— Eu sei, vou ter que aprender a conviver com
PERIGOSAS ACHERON

isso.

— Da mesma forma que vou ter que aprender a conviver com coisas simples. — Ele me aperta nos braços dele.

— Eu sou orgulhoso.

— Eu também, não sei como isso pode funcionar. — Levanto a cabeça para olhar para ele.

— Um dia de cada vez e sempre conversando sobre tudo. — Passa o polegar nos meus lábios e eu concordo. — Agora dorme um pouco, maluquinha, preciso recuperar as minhas energias para a segunda rodada.

— Metido. — Volto a deitar a cabeça em seu peito.

— Você está doidinha para que eu me recupere — ri.

— Você está confiante demais — gargalho.

— Malu, acho que eu trouxe uns vinte pacotes de camisinha. — Ele dá risada e eu me levanto com

tudo.

— Vinte? Depois diz que não é confiante.

— Não sou confiante, Malu, sou apenas um homem apaixonado. — Puxa-me para ele, me beijando.



Capítulo 10



Maria Luíza

Acordo com um barulho de motor e olho em volta no quarto procurando o Vicente e percebo que estou sozinha. Olho no meu celular e são 18 horas, passamos a tarde inteira na cama. Vicente só me deixou dormir depois de termos feito amor mais duas vezes.

Levanto da cama enrolando um lençol no corpo e saio do quarto. Encontro-o na cadeira do piloto olhando para frente concentrado enquanto a lancha desliza pelo rio Francisco, o sol está se pondo e a imagem é incrível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esse lugar é lindo. — Aproximo-me dele.

— É sim, por isso te trouxe aqui. — Puxa-me para o colo dele e me beija.

— Onde estamos indo?

— Estou indo para um lugar um pouco afastado do rio, para que a gente tenha um pouco de privacidade. — Beija o meu pescoço.

— Olha para frente — alerta, suspirando.

— Não tenho culpa se uma mulher linda sentou no meu colo, a sua sorte é que está vestida — ri.

— Quem disse que estou vestida? — Solto as pontas do lençol em que estou enrolada mostrando que não estou usando nada por baixo.

— Você não espera realmente que vai sentar no meu colo assim e que eu não vá fazer nada, não é?

— Olha para os meus seios.

— Você está pilotando; e outra, as camisinhas ficaram no quarto e estou morrendo de fome. — Levanto-me, deixando o lençol no colo dele. —

PERIGOSAS ACHERON

Vou procurar comida. — Me afasto e o escuto xingar. Assim que entro na cozinha escuto os motores desligando e tudo ficando em silêncio. Estou me esticando para pegar um prato no armário quando sinto o corpo do Vicente me prendendo na bancada.

— Nunca mais me tente assim, mulher, se não quiser sofrer as consequências. — Segura o meu cabelo com força e puxa a minha cabeça para o lado para beijar o meu pescoço.

— Que tipo de consequências? — pergunto, sem vergonha nenhuma de me esfregar nele, que está atrás de mim. Escuto o zíper da calça dele abrir e ele empurra o meu corpo para a bancada me fazendo encostar os seios na bancada fria. Escuto um pacote de camisinha abrir e logo ele está entrando em mim por trás e agarrando os meus cabelos novamente.

— Você não tem ideia do que faz comigo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Malu — responde, se mexendo me provocando sensações maravilhosas. Essa posição faz com que eu o sinta por inteiro dentro de mim indo cada vez mais fundo.

— Depois você me fala, só vai mais rápido — peço, sinto a mão dele estimulando o meu clitóris e eu me perco de vez, estou gritando de prazer para ele me acompanhar logo em seguida.

— Você me deixa doido. — Apoia a testa na minha cabeça enquanto ainda estou deitada na bancada.

— Você disse que roupas eram opcionais — relembro-o, dando risada.

— Eu sei, só não contava que ficaria doido quando visse esse seu corpo. — Ele se separa de mim.

— Vou tomar um banho. — Beijo a boca dele rápido. — E você faz a comida.

Depois de comer um lanche reforçado pego um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cobertor do quarto e o estendo do lado de fora da lancha me deitando; não demora muito tempo, Vicente deita do meu lado e ficamos olhando para o céu que já está escuro.

— Quando eu era pequena, meu pai pegava um cobertor e estendia no jardim da nossa casa, eu deitava com ele de um lado e a minha mãe do outro. Ficávamos os três olhando para as estrelas, era uma tradição, pelo menos uma vez por semana fazíamos isso. A última vez foi uma noite antes deles morrerem — revelo, olhando para o céu.

— Você fez isso novamente depois?

— Não. Essa é a primeira vez em seis anos. — Ele me puxa para o peito e me abraça forte; não falou nada e não foi preciso, o abraço dele me confortou mais do que qualquer palavra. Viro o meu corpo ficando por cima dele e o beijo, as mãos dele agarram o meu vestido o arrancando do meu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

— Droga, mulher, você não tem nada por baixo! — esbraveja, passando a mão no meu corpo e dou risada.

— Fácil acesso. — Tiro o short dele. — Faz amor comigo aqui, Vicente, só com as estrelas como testemunhas. — Volto a beijá-lo.

Quando dou por mim estou deitada de costas na lancha novamente e o Vicente colocando uma camisinha para logo em seguida me penetrar devagar. O balanço da lancha combinado com os movimentos lentos dele me deixa doida, estou agarrada a ele com tanta força que seria difícil de nos separarem nesse momento. Escuto um gemido alto e percebo que fui eu implorando para que ele se movimente mais rápido.

— Olha para mim — ele pede e eu abro os olhos. — Fica olhando para mim, Malu. — Começa a se movimentar cada vez mais rápido, não demora muito e estou gozando de uma forma que achei ser

PERIGOSAS ACHERON

impossível. Não desvio os olhos dos dele, que me acompanha alguns segundos depois. — Eu não sei como aconteceu ou por que, Malu. — Apoia a cabeça no meu pescoço. — Mas eu te amo.

Fico parada processando o que ele acabou de falar. Depois de alguns minutos, Vicente se levanta com um suspiro e se senta retirando a camisinha a amarrando e deixando de lado para jogar fora depois. Ele apoia os braços no joelho e fica olhando para frente enquanto estou olhando para o céu.

— A última vez que me disseram eu te amo foi cinco minutos antes da minha mãe embarcar no avião. Duas horas depois recebi a notícia de que ele tinha explodido no ar, deixando-me órfã de pai e mãe. Por seis anos, Vicente, alguns homens me disseram eu te amo, mas eu sempre soube que era mentira, que eles falavam isso para tentar me enganar e conseguir alguma coisa de mim. O último eu te amo verdadeiro que eu ouvi foi da

PERIGOSAS ACHERON

minha mãe. Achei que nunca seria amada de verdade novamente. — Me levanto e puxo os braços dele tirando do caminho para me sentar no colo dele. — Fala de novo olhando nos meus olhos — peço e ele dá um suspiro.

— Eu te amo, Malu — se declara novamente, segurando o meu rosto e eu começo a chorar. — Por que está chorando? — pergunta, assustado.

— Porque eu vi nos seus olhos que é verdade. — Sorrio entre lágrimas. — Apesar de você ser um ogro, um néscio, mal-educado...

— Ei, vai ficar me xingando? — ele me interrompe bravo.

— Apesar de tudo isso — rio —, acho que eu te amo também.

— Fala de novo — pede, com um sorriso.

— Acho que eu te amo, idiota. — Dou um tapa no braço dele, que me dá um tapa na bunda. — Ei!

— Para cada vez que me chamar de idiota,
PERIGOSAS ACHERON

agora vai levar um tapa nessa bunda linda.

— Não ouse fazer isso! — alerta-o, tentando me levantar.

— Essa bunda linda aqui — aperta com as duas mãos — é minha agora e, se eu quiser bater nela, eu bato. — Dá outro tapa.

— Eu me declaro para você e é isso que eu ganho? — pergunto ofendida e tento me levantar, mas ele gira me fazendo deitar novamente com ele por cima.

— Não, o que você ganha é isso. — Gruda os lábios nos meus e assim fazemos amor mais uma vez.

Acordo sentindo um cheiro de café e me levanto indo atrás do Vicente que encontro sentado à mesa da cozinha.

— Bom dia — cumprimento, me sentando ao lado dele.

— Bom dia, amor. — Me dá um beijo. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Daqui a pouco vamos voltar para casa.

— Já?

— Temos uma filha nos esperando, esqueceu?

— ri.

— Verdade. — Pego um pãozinho para comer.

— Antes eu queria fazer uma coisa.

— O que seria?

— Você vai ver. — Pisco para ele.

Depois de tomar café vou para o lado de fora enquanto ele arruma as coisas, paro na beirada da lancha esperando por ele. Quando ele aparece, tiro toda a minha roupa enquanto ele me come com os olhos.

— O que está fazendo, maluca? — Caminha devagar em minha direção.

— Já fez amor no rio Francisco, Vicente?

Ele nega.

— Eu também não, então vamos ter uma primeira vez juntos. — Viro-me pulando na água.

PERIGOSAS ACHERON

— Você vem? — pergunto, quando volto para a superfície. Ele tira a roupa e pula atrás de mim logo em seguida e me abraçando depois.

— Você realmente é maluca — constata sorrindo e me beijando. Ficamos nadando no rio explorando os nossos corpos com as mãos, até que eu sinto que ele começa a tentar me penetrar.

— Anda logo, Vicente. — Suspiro passando as pernas na cintura dele, que nada até a lancha.

— Segura nessa corda — pede, me apontando uma corda que está na lateral da lancha. Seguro-a com as duas mãos; quando percebe que estou firme, ele faz um movimento entrando em mim com tudo.

— Não solta, amor. — Ele se segura também começando a se movimentar. Como não posso me soltar, o aperto mais forte com as minhas pernas fazendo com que ele vá mais fundo e dou um grito.

— Droga, não vou durar muito, Malu!

— Vai ter que tirar, Vicente — digo, entre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gemidos e ele xinga quando lembra que está sem a camisinha.

— Amor, preciso que você goze logo, não vou durar. — Solta uma das mãos para me estimular, bastou tocar em mim para que eu gozasse, ele tira com tudo e grita: — Foi por pouco! — Recuperando o fôlego.

— Acho que não estou preparada para ter outra Cecília ainda — rio e ele me olha ofendido.

— Por quê?

— Porque ela tem um pique que vou te contar.
— Dou risada novamente e ele me acompanha.

— Tem razão, aquela menina é danada. Vem, vamos voltar para a lancha. — Uma hora depois estamos entrando no carro para voltar para Aracaju.

— Estou morrendo de saudades da Cecília — suspiro.

— Quer passar primeiro lá em casa?

— Você vai me levar para a minha casa depois

PERIGOSAS ACHERON

ou vou ter que chamar o Tavares?

— Por que a pergunta?

— Porque se o Tavares me buscar vamos ter que nos despedir com um beijo na porta da sua casa mesmo. Se me levar para casa, a despedida pode ser no meu quarto. — respondo, sorrindo.

— Eu te levo para casa — diz rápido, me fazendo rir.



— Mamãe! — Cecília grita, assim que eu entro na casa do Vicente. — Você não veio ontem. — Agarra o meu pescoço.

— Eu sei, querida, fui passear com o papai, mas agora estou aqui. — Beijo o cabelinho dela.

— O painho não ganha um abraço? — Vicente pergunta e ela faz que não com a cabeça. — Posso saber por quê?

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Poque* não deixou a mamãe *vim* me *vê* —
fala baixinho e eu dou risada.

— Foi por uma boa causa meu amor.

Ela levanta a cabeça.

— *Po que*, mamãe?

— Porque agora eu e o papai estamos juntos oficialmente — revelo e vejo que ela fica confusa.

— O painho está namorando a Malu — Vicente explica me abraçando por trás e apoiando a cabeça no meu ombro fazendo com que o rosto dele fique perto do dela. — Agora ela é sua mamãe de verdade, menininha.

— Ela é minha *agola*? — pergunta, com os olhinhos brilhando.

— Sou, meu amor, para sempre. — Ela me abraça gritando.

— *Agola* ganha *abaço*, *papa*. — Se estica para ele, que a pega do meu colo.

— Finalmente esses dois teimosos se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entenderam — seu Valdemir fala sentado no sofá sorrindo para mim.

— Vicente chegou uma carta ontem para você.
— Dona Dalva entrega um envelope. — É do hospital.

Droga, a conta que foi paga. Não consegui avisar antes que eu paguei.

— Vicente, eu já ia esquecendo. Preciso te falar uma coisa. — Olho para ele enquanto abre o envelope.

— O que, Malu? — pergunta e tira o papel.

— Eu fiz uma coisa...

— Puta merda! — ele grita e olha para mim fechando a cara.

— Eu paguei a conta do hospital — revelo e ele fica mais irritado ainda me jogando no ombro e levando para o quarto dele.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 11



Maria Luíza

— Me coloca no chão, Vicente — estou gritando enquanto ele entra comigo no quarto. Ele me joga na cama e vai fechar a porta com a chave. — Para de me arremessar, seu idiota! — reclamo me levantando, ele me pega pelo braço e se senta na cama me puxando de bruços no colo dele. — O que você vai fazer?

— Eu já disse que toda vez que me chamar de idiota vou bater nessa bunda bonita. Agora você vai ganhar mais dois por ter pagado uma dívida que eu falei que não era para pagar — diz nervoso e desce

PERIGOSAS ACHERON

a mão para me bater, consigo me soltar antes que isso aconteça e me levanto com raiva e pulo para a cama da Cecília.

— Primeiro, Vicente, nunca bata em mim. — Aponto um dedo para ele. — Segundo, já disse que se me quiser o meu dinheiro vai junto.

— O seu dinheiro pode vir junto, Malu, mas não quero ser sustentado por você.

— E quem disse que estou te sustentando? Você não está devendo mais nada para o hospital agora. Quer pagar a dívida? Ótimo, a Bruna passa a conta para depósito, paga quando der e como puder.

— Malu, eu sou um homem orgulhoso. — Passa a mão no rosto. — Eu não consigo aceitar uma mulher pagando as coisas para mim.

— Eu viajo todo ano para fora do país. Gosto de ir para Ibiza, para o Havaí e Paris. Como vai ser, Vicente? Tem como pagar as passagens e o hotel

PERIGOSAS ACHERON

com o seu salário de pedreiro? Ou por orgulho vai deixar que eu viaje sozinha?

— Malu, eu sei que temos diferenças, principalmente na questão do dinheiro. Mas tenta entender, eu sou homem e não consigo aceitar que uma mulher pague tudo para mim.

— Se fosse o contrário, então para você tudo bem? — pergunto ofendida.

— Quem deve sustentar uma casa é o homem — enfatiza de cara fechada.

— Isso é machismo, Vicente. Eu sou rica, muito rica, moro em uma casa boa, tenho carros chiques, gosto de viajar e de comprar roupas. Você tem como bancar o meu estilo de vida?

— Não — nega, me olhando.

— Então, ou aceita que nessa relação eu vou comprar coisas para você e que eu vou sustentar a casa ou não vai dar certo. — Me levanto. — Vou para a minha casa. — Abro a porta e saio do quarto.

Encontro todos sentados na sala e a Cecília com carinha de choro. — O que foi, meu amor? — pergunto, pegando-a no colo.

— Não *quelo* que vai *embola* — revela, chorando.

— Só estou indo para a minha casa, querida. — Ela se agarra mais ainda ao meu pescoço.

— Não, fica *ati*, mamãe. Não vai *embola*. — Ela está chorando de soluçar e isso parte o meu coração.

— Ela vai ficar, menininha — Vicente fala, passando a mão no cabelo dela. — Vamos para o quarto, Malu, passou da hora da Cecília ir dormir. — Me pega pela cintura me puxando.

Volto para o quarto com a Cecília ainda agarrada em mim, me deito na cama do Vicente com ela, que me aperta mais ainda. Mesmo sem jeito para isso começo a cantar uma música para ela dormir. Sinto o Vicente se deitando atrás de mim e

PERIGOSAS ACHERON

puxando uma coberta para cobrir nós três.

— Eu te amo, Malu, só preciso de tempo para me acostumar com tudo isso. — Beija a minha cabeça.

— Você me machucou, Vicente — sussurro para ele me virando com cuidado para não acordar a Cecília que pegou no sono.

— Eu sei, me desculpe — Ele me dá um beijo na testa. — Perdi a noção quando vi aquele papel.

— Nunca mais faça isso, vou relevar dessa vez, Vicente, mas não vai ter uma próxima.

— Desculpa, meu amor. — pede, me beijando. — Prometo tentar não perder a cabeça de novo. Mas preciso que me prometa que vai falar comigo antes de fazer qualquer coisa assim novamente.

— Prometo. — Viro-me novamente para puxar a Cecília nos meus braços.

— Vou colocá-la na cama dela. — Ele se levanta e a pega com cuidado. Depois de cobri-la,
PERIGOSAS ACHERON

Vicente volta para a cama se deitando comigo. — Descansa, amor, amanhã é um novo dia e de cabeça fria conversamos.

Acordo com alguém caindo em cima de mim, abro os olhos e vejo a Cecília sorrindo deitada na minha barriga.

— Você ficou *ati*, mamãe.

— Fiquei, princesa. — Sorri. — Vamos escovar os dentinhos? — Ela concorda pulando da cama. Levanto-me e vejo que o Vicente não está, vou para o banheiro com ela e a ajudo a escovar os dentes e lavar o rosto, depois de fazer o mesmo vamos para o quarto onde eu guardo as minhas coisas.

— Vem, mamãe. — Ela me puxa pela mão toda feliz, quando entramos na cozinha vejo o Vicente tomando café da manhã com os pais e a irmã.

— Bom dia — cumprimento todos e me sento.

— Dormiu bem? — me pergunta dando um

beijo.

— Dormi sim, só o acordar que foi doloroso.

— Faço careta.

— Por quê? — pergunta preocupado.

— Eu pulei na *baliga* da mamãe — Cecília fala animada, toda contente fazendo com que todo mundo dê risada.

— Por isso. — Aponto para ela.

— Você precisa tomar cuidado, menininha, para não machucar a Malu, não pode pular na barriga dela — dona Dalva a repreende. Cecília olha para ela e depois para mim e tenta olhar para a minha barriga.

— Tem bebê lá dento? — pergunta confusa e me faz engasgar.

— De onde tirou isso, Cecília? — Vicente indaga sem acreditar.

— A tia Ana tinha que *tomá* cuidado com a *baliga poque* tinha bebê *dento*. A mamãe também

tem?

— Não, meu amor, não tem bebê aqui dentro ainda — respondo, sorrindo.

— Quando vai *tê*?

— Vai demorar um pouquinho ainda, o papai e eu não nos casamos ainda.

— Então casa. — Dá de ombros, pegando o pão para morder.

— Não é simples assim — Vicente fala sem graça.

— É sim, ela é mamãe, você *papa*. *Delam* beijo, e *domilam* na cama hoje. Então casa e tem bebê. — explica olhando para o pão.

— Onde essa menina aprendeu isso? — pergunto para o Vicente, que está de boca aberta.

— Não tenho a mínima ideia.

— Eu sou inteligente, mamãe, a tia Lívia disse isso, né, tia?

— Verdade, pequena, você é inteligente —

Lívia concorda sorrindo.

— Inteligente até demais — rio. — Mas, princesa, não podemos nos casar assim rápido desse jeito, precisamos namorar um pouco ainda.

— *Po* quê?

— Porque precisamos nos conhecer.

— Mas já conhece, até beijô *papa* — fala, como se eu fosse a criança da conversa.

— Vamos fazer assim, meu amor, o papai e eu vamos namorar por seis meses; se der tudo certo, nos casamos.

— Não, um. — Cruza os bracinhos.

— Cinco — falo, tentando não rir.

— Dois. — Mostra os dedinhos.

— Três, meu amor, e sem conversa — suspiro.

— *Ceto*. — Balança a cabeça. — Mas depois *quelo* bebê.

— Bebê vai demorar um pouquinho ainda.

— Não, *quelo mãozinho* logo. — Fecha a cara,

fazendo bico.

— Vicente, me ajuda — peço desistindo.

— Cecília, nós vamos esperar os três meses para casar e depois de casarmos, nós três sentamos e conversamos sobre um irmãozinho.

— Não! — esbraveja. — *Quelo mãozinho* logo.

— Para ter um irmãozinho precisamos casar primeiro — explico.

— Então casa logo, *quelo mãozinho*!

— Que tal conversarmos sobre isso depois? — tento desconversar. — Vou levar você para a minha casa e passamos o dia na piscina, o que acha?

— Oba! — grita batendo as mãozinhas. — Mas não *vô esquecê* o meu *mãozinho*. — Balança o dedinho.

— Estou ferrada! — Escondo o rosto em minhas mãos e todos dão risada.

— Eu acho melhor se protegerem direito, porque, se depender da vontade dessa menina, a PERIGOSAS ACHERON

dona Malu vai ficar grávida antes da hora — o seu Valdemir alerta, rindo. — As orações das crianças têm prioridade no céu. — Ele me olha.

— Seu Valdemir, o senhor não está me ajudando! — reclamo e ele dá risada.

— Você vai ser uma ótima mãe — Vicente fala, pegando a minha mão.

— O meu medo não é de ser mãe, Vicente.

— Qual o seu medo então?

— Que venha outra Cecília — respondo, olhando para a minha filhinha do coração, que me olha e abre um sorriso com a boquinha toda suja de margarina.

Depois desse sorriso, não consegui resistir e decidi jogar tudo para o alto mais uma vez.

Que se dane!

Amo a Cecília e se vier outra espoleta como ela vou ser a mulher mais feliz desse mundo.

— Vicente — chamo ainda olhando para a

PERIGOSAS NACIONAIS

Cecília.

— Sim, meu amor.

— Faz as suas malas e as da Cecília, vocês vão vir morar comigo.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 12



Maria Luíza

— O que foi que você disse? — ele pergunta me fazendo virar para ele.

— Eu disse que vocês dois vão vir morar comigo. Por que, você não quer? — Fico olhando-o, que olha por cima dos meus ombros e sei que tem uma Cecília pulando na cadeira.

— Malu, eu não sei. — Ele coça a cabeça.

— O único jeito de saber se isso vai dar certo é tentando, Vicente. Você sabe que no final das contas você vem para o meu mundo e não o contrário.

— *Po favô, papa* — Cecília pede, abraçando o meu pescoço por trás. — *Quelo molá* com a mamãe.

— Ela tem razão, filho. Morar aqui e de vez em quando ir para o mundo dela não vai funcionar. Se for para saber se vai dar certo, vai ter que ir de cabeça — dona Dalva aconselha.

— Como vai ser, Malu? Eu vou para a sua casa, de manhã saio para pescar com o meu pai, vou para a obra e depois volto para uma casa chique?

— Não. Você não vai mais trabalhar em uma obra.

— E eu vou viver do quê, mulher? Não vou viver na barra da sua saia, pode esquecer.

— A mamãe não está de saia — Cecília fala, fazendo todo mundo rir.

— Seu Valdemir, tenho uma proposta para fazer.

— Pode falar — ele pede olhando de mim para

PERIGOSAS ACHERON

o Vicente.

— É uma tradição da minha empresa, criada anos atrás pelo meu avô, investir na cultura local ou no trabalho local de onde abrimos nossos hotéis. Em Fortaleza temos uma empresa com as rendeiras locais. Aqui eu pensei em investir nos pescadores, percebi que muitos trabalham com isso.

— Como assim, Malu? — Vicente pergunta desconfiado.

— Quero abrir uma cooperativa onde todos os pescadores seriam conveniados, eles vão pescar e vender os peixes para a cooperativa que ficará responsável pela distribuição para o todo o país, ou seja, o que pescarem será comprado. É um dinheiro certo todo dia. Não vão mais precisar depender de compradores pequenos, ou jogar fora o que não foi vendido.

— Então você quer montar basicamente uma empresa para comprar esses peixes e depois

PERIGOSAS ACHERON

revender, é isso? — seu Valdemir pergunta.

— Exatamente. E para isso vou precisar de alguém que entenda do assunto para administrar tudo, por isso pensei no senhor e no Vicente. Vou confessar, não entendo nada de peixes, rotina no mar, que peixe serve, o preço de cada um, nada, zero. Por isso preciso de ajuda, o senhor e o Vicente administrariam e seriam responsáveis por todo o contato com os pescadores e pela compra.

— Você não teria que se arriscar mais em alto-mar — dona Dalva fala emocionada.

— O senhor vai receber um salário digno de administrador e todos os benefícios, vai ter um horário fixo de trabalho, férias, cesta básica, plano de saúde e odontológico para o senhor, a dona Dalva e a Lívia, por ser a sua filha. E o mesmo vale para o Vicente.

— O que você acha? — seu Valdemir pergunta para o filho.

— Você veio com essa ideia para Aracaju ou teve ela agora? — Vicente me pergunta desconfiado.

— Eu vim com a ideia de montar algo, só não tinha decidido o quê. Quando cheguei aqui optei pela pesca.

— Eu gostei da ideia, Vicente.

— Eu também, painho, principalmente porque vou poder passar mais tempo com a Cecília.

— Eu já pedi para um administrador da minha empresa preparar toda a documentação de como a cooperativa vai funcionar; se quiser, marcamos uma reunião com os pescadores e apresentamos o projeto. Quem se afiliar só tem a ganhar. Eu cuido bem dos meus funcionários e estendo isso para todos que trabalham nas cooperativas. Eu tenho ao total sete espalhadas pelo Brasil e mais duas em implementação.

— Mas nem eu e nem painho temos estudo,

PERIGOSAS ACHERON

Malu — Vicente informa.

— Contratamos sempre funcionários especializados para a área financeira e administrativa em relação aos contratos. Os funcionários locais que contratamos são para conversar com os filiados, e cuidar do bom funcionamento. Um advogado não sabe que horas os barcos devem chegar e muito menos reconhecer que peixe está bom ou falar a língua de pescador, nem como saber se tem problema no barco ou na rede. Por isso preciso de vocês.

— Eu aceito, dona Malu — Seu Valdemir concorda sorrindo.

— Eu também — Vicente fala e eu dou um pulo abraçando ele.

— Você não vai se arrepender.

— *Agola* posso *molá* com a mamãe? — Cecília pergunta impaciente.

— Agora sim, menininha, podemos ir morar

com a mamãe — afirma o Vicente me olhando.

— Oba! — ela grita e desce correndo da mesa.

— Aonde você vai, Cecília? — dona Dalva pergunta.

— *Pegá* as minhas bonecas, vovó, *pala molá* com a mamãe. — Sai correndo para o quarto.

— Vou ajudar a Cecília senão ela não vai levar uma roupa sequer — aviso rindo e indo para o quarto.

Depois de arrumar todas as coisinhas dela, estou sentada com ela na cama conversando enquanto o Vicente arruma suas coisas. Ele já resmungou umas vinte vezes que acha que é cedo para ir morar comigo, mas não dou atenção.

— Vai logo, *papa!* — Cecília reclama.

— Calma, menininha, o painho está juntando tudo — diz, colocando algumas roupas em uma mala.

— Você pode levar o restante depois. —

Também estou impaciente para ir para casa.

— Tudo bem, vocês venceram! — Vicente fala fechando a mala.

— Oba! — Cecília grita.

Uma hora depois estamos entrando na minha casa.

— Joana! — chamo e ela entra na sala. — O Vicente e a Cecília vão morar aqui agora. Arrume o quarto ao lado do meu para a Cecília.

— Eu não vou *domi* com você, mamãe?

— Não, meu amor. — Me abaixo. — Você vai ter um quarto só para você e vamos decorá-lo do jeito que você quiser.

— *Losa* — fala, batendo palmas.

— Rosa e com um monte de bonecas — complemento sorrindo.

— Cecília, quer um pedaço de bolo de chocolate? — Joana pergunta e ela concorda. Enquanto as duas vão para a cozinha, viro-me para

o Vicente que está emburrado.

— Já vai gastar mais dinheiro, Malu?

— Vicente, ela vai ter um quarto só para ela, qual o problema de ele ser rosa e com bonecas?

— O problema é gastar dinheiro.

— Aff, Vicente, me erra! — Subo as escadas para o quarto. Quando eu entro, escuto a porta se fechando e o Vicente me empurra para a cama.

— Não vou te errar. — Sorri. — Eu preciso me acostumar com essa nova vida, só isso.

— Vicente, vamos combinar assim... — Passo as mãos pelo pescoço dele. — Com você não gasto dinheiro algum, a não serem presentes especiais como namoro, Natal e aniversário. Agora para a Cecília, eu compro o que eu quiser.

— Não quero que ela fique mimada.

— O que deixa uma criança mimada é a educação e não o dinheiro que gastamos com ela.

— Tudo bem, para a Cecília você pode

PERIGOSAS NACIONAIS

comprar o que quiser — concorda, sorrindo.

— Ótimo. — Puxo a sua cabeça para que eu possa beijá-lo.

— Quanto tempo você acha que a Joana consegue segurar a Cecília?

— Se ela fizer o mesmo que sempre fez comigo vai demorar. — Ele me beija.

Sinto as mãos dele entrar debaixo da minha blusa, mãos com calos, e de alguma forma eu gosto, são mãos de homem trabalhador. Nunca pensei que fosse gostar tanto assim de sentir uma mão calosa no meu corpo.

Ele arranca a minha blusa e beija o meu pescoço descendo para os meus seios, tira o meu sutiã o jogando longe e pegando o seio esquerdo com a boca, sinto um chupão e um arrepio percorrer o meu corpo inteiro.

— Vicente — suspiro, falando o nome dele.

— Calma, meu amor.

PERIGOSAS ACHERON

— Vicente, temos uma filha de quatro anos que está comendo chocolate, daqui a pouco ela está batendo aqui na porta e vamos ter que parar.

— Droga, tem razão! — concorda, já arrancando a sua camiseta. — Preliminares depois. — Dá uma piscadinha e dou risada.

À noite pedi a Joana para que preparasse alguns lanches e levasse tudo para a sala de televisão. Estávamos sentados no chão, com a Cecília entre a gente, e colocamos *Meu Malvado Favorito* para assistir enquanto comíamos cachorro-quente. Toda vez que os *Minions* apareciam na tela, a Cecília dava risada e nos contagiava. Quando o filme finalmente acabou, peguei-a no colo adormecida e levei para o quarto. Como não havia uma cama de solteiro a coloquei no meio de uma cama de casal, ela ficou tão pequenininha que parecia que a cama a engoliria.

— Precisamos comprar uma cama para ela

PERIGOSAS ACHERON

amanhã — falo enquanto a cubro.

— Ela vai acordar toda animada amanhã quando vir o tamanho dessa cama — Vicente comenta, rindo.

Depois de cobrir a Cecília vamos para o meu quarto.

— Agora que a nossa filha dormiu, temos a noite toda para nós. — Puxo-o pela cintura.

— Está pronta para implorar de novo? — pergunta levantando uma sobrancelha.

— Não, na verdade estou pronta para fazer você implorar. — Dou um sorriso e o empurro na cama. — Hoje, senhor Vicente, o único a ser torturado aqui será você. — Puxo o meu vestido sentando no colo dele.

— Só não me mata, mulher. — Dou risada.

— Não posso prometer nada. — Grudo os meus lábios no dele.

Essa noite, o único a implorar vai ser ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 13

Maria Luíza

— Mamãe! — Escuto um gritinho e sinto alguém pulando na cama logo cedo. — *Coda*, mamãe. — A Cecília me chacoalha.

— O que foi, menininha? — Vicente pergunta, se levantando e a puxando para o nosso meio.

— Eu *acodei* numa cama *enorme*. — Abre os bracinhos, gesticulando o tamanho da cama.

— Gostou de dormir em uma cama grande, amor? — pergunto, dando um beijo na testa dela.

— Gostei.

— Que bom. Nós vamos comprar as coisinhas
PERIGOSAS ACHERON

para o seu quarto hoje — informo e ela dá um gritinho de alegria.

— Não vou poder ir, tenho que resolver as coisas da minha demissão na obra. — Vicente avisa.

— Não se preocupe, vamos escolher coisas lindas, não é? — pergunto para a Cecília.

— Sim. — Bate palmas.



Depois do café da manhã passamos na casa da dona Dalva para que ela fosse com a gente escolher o quarto da Cecília. Depois de rodar horas, escolhemos uma cama branca baixinha com travesseiros em volta para proteger a Cecília caso ela rolasse na cama, pedi para a loja entregar no mesmo dia porque ela não poderia continuar dormindo em uma cama grande correndo o risco de

PERIGOSAS ACHERON

cair.

Contratei uma decoradora para arrumar o quartinho dela e no final escolhemos uma decoração rosa, ela colocaria papel de parede rosa com detalhes em branco. Seriam colocados móveis brancos, um sofá e ao invés das bonecas a Cecília decidiu que queria ursinhos de pelúcia no quarto, ficaria simplesmente lindo. Depois de escolher a decoração do quarto e almoçar, deixamos a dona Dalva em casa.

Assim que voltamos para casa, a Cecília queria entrar na piscina; e, apesar de ter muito serviço, optei por colocar um biquíni e ir com ela. Quando entramos, ela ficou doida tentando nadar e batendo os pezinhos enquanto eu segurava as mãozinhas dela tentando ensiná-la a nadar. Foi assim que o Vicente nos encontrou.

— O que estão fazendo? — pergunta rindo.

— Nadando, *papa* — Cecília responde

voltando a bater as perninhas. Depois de nadar mais um pouco saio com ela da piscina, tomamos um banho e descemos para comer alguma coisa, não demora muito ela está completamente apagada.

— Como foi hoje? — pergunto para o Vicente, me sentando ao lado dele no sofá depois de colocar a Cecília na cama.

— O chefe entendeu e acertou tudo na minha baixa da carteira.

— Ótimo, amanhã mesmo podemos ir atrás de tudo da cooperativa — falo animada. — Por falar nisso preciso de ajuda com alguns detalhes. — Puxo-o para o meu escritório onde passamos o resto do dia com ele me explicando o que seria necessário para organizar tudo, como os melhores horários de pesca e armazenamento dos peixes.

— Malu, chega! Já são quase oito da noite, estou acabado — ele reclama e dou risada.

— Desculpa, é que normalmente eu fico horas

PERIGOSAS ACHERON

trabalhando e nem percebo. Vamos jantar? — pergunto e ele concorda. Quando descemos encontramos a Cecília na cozinha rondando a Joana pedindo um pedaço de bolo de chocolate.

— Só depois do jantar, Cecília — Joana fala e ela reclama.

— Você tem que jantar primeiro, meu amor. — Pego-a no colo. — Depois você come bolo.

Depois de um jantar maravilhoso, com muitas risadas por parte da Cecília, o Vicente me ajuda a colocá-la na cama.

— Por que está tão pensativa? — ele me pergunta assim que deitamos na nossa cama.

— Desde a morte dos meus pais sempre almocei e jantei sozinha. Adorei ter vocês dois comigo. — Deito no peito dele.

— Foi difícil para você?

— Não muito, sempre tive a Joana comigo e trabalho bastante, então a cabeça sempre esteve

ocupada demais para pensar em solidão. Só agora tendo a Cecília correndo pela casa e você aqui na minha cama, eu entendi que eu era sozinha demais.

— Agora você não está mais sozinha, Malu, e não tem só a mim e a Cecília, tem a minha família também. — Me aperta nos braços dele.

— Obrigada.



No dia seguinte tinha muito serviço para colocar em dia, o Vicente saiu novamente com o pai dele para organizar a cooperativa e eu estava no escritório trabalhando.

— Malu, os contratos do hotel em Florianópolis chegaram ontem e preciso que dê uma olhada — Bruna fala, sentando na minha frente. Não demora muito e uma Cecília curiosa entra pela porta.

— O que está fazendo, mamãe? — pergunta,
PERIGOSAS ACHERON

parando ao meu lado.

— Analisando alguns contratos. — Pegoa no colo.

— Posso *ajudá*? — pede com um sorriso tão lindo que eu não resisto.

— Pode, meu amor. — Me levanto com ela no colo e a coloco em uma cadeira ao lado da Bruna. Pegoo algumas folhas de contratos antigos que não servem para mais nada e coloco na frente dela com uma caneta. — Esses contratos são de uma festa que um dos hotéis está pretendendo fazer. — Invento na hora e ela me olha com uma carinha de séria como se entendesse o que eu estou falando. — Aqui é o cardápio que eu tenho que aprovar. Você consegue olhar para mim e ver o que pode ou não ser servido? E se tirar alguma coisa tem que acrescentar outra — explico e ela concorda. Sento na minha cadeira e volto a olhar os documentos. — Não entendi essas despesas, Bruna, eles gastaram

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no mês passado duas vezes mais que o retrasado. Quero um relatório do financeiro o quanto antes.

Continuo explicando algumas coisas para a Bruna e percebo que a Cecília me olha e imita alguns movimentos meus como mexer os papéis e riscar algumas coisas nas folhas.

— *Buna* — Cecília chama e nós duas olhamos para ela. — *Teminei*, fala que não pode *sevi bocói* e *nananete*, que tem que *colocá* bolo de chocolate e *pilulito* no *lugá*. — Entrega a folha para a Bruna, que dá risada e pega olhando para mim.

— Meu amor, o que é *bocói* e *nananete*? — pergunto rindo.

— A vovó faz *pa* eu *comê*. Não gosto — responde torcendo o nariz.

Fico tentando entender o que é esse bendito *bocói* e *nananete*, até que a Bruna dá risada.

— Seria brócolis e rabanete, Cecília? — pergunta e a Cecília concorda.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso, não pode *sevi*, é ruim, ninguém gosta, eca. Tem que *sê* bolo e *pilulito*. — Cruza as mãozinhas na mesa, ficando séria. — E nada de *gastá*, não pode, *gastalam* demais já — fala, apontando um dedinho imitando a minha fala. Não aguento e acabo gargalhando.

— Malu, se eu não te conhecesse há muito tempo iria jurar que essa menina é sua filha de verdade — Bruna fala se levantando. — Pode deixar, Cecília, vou ligar agora mesmo e proibir os brócolis e o rabanete na festa.

— A mamãe terminou de trabalhar, o que você quer fazer?

— *Bincá* de boneca. — Pula da cadeira e eu vou com ela para o quarto dela.

Depois de quase uma hora brincando de boneca, a Cecília tira um cochilo e eu aproveito para adiantar algumas coisas da empresa.

— Malu, acabou de chegar um convite para
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma festa beneficente, posso confirmar a sua presença?

— Pode sim, Bruna, a minha e a do Vicente vou levá-lo comigo.

— Eu vou aonde? — Vicente pergunta, entrando no meu escritório.

— Fui convidada para uma festa e você vai comigo.

— Eu não vou saber me comportar em um lugar chique desse não, Malu.

— Você realmente vai me deixar ir sozinha?

— Costumam ter bastante homens nessas festas

— Bruna comenta olhando para o computador e eu entendo que ela está tentando causar ciúmes nele.

— Tudo bem, eu vou. Mas não tenho roupa apropriada.

— Vou te levar para comprar um smoking.

— Comprar? Não é mais fácil alugar? — pergunta nervoso.

PERIGOSAS ACHERON

— Vicente, essa não vai ser a última festa que você vai comigo, é mais fácil comprar e você já ter um smoking do que ficar alugando toda vez.

— Está bem, tem razão — concorda e vem me dar um beijo. — Só vou aceitar porque não quero fazer você passar vergonha.

Peço para a Joana ficar de olho na Cecília e saio com o Vicente para comprar o smoking. Assim que chegamos ao carro, ele olha feio para o Tavares.

— Ele vai junto?

— Ele é meu motorista e segurança, Vicente, ele tem que ir junto.

— Eu posso te defender sozinho.

— Não estou dizendo que você não pode me defender, eu sei que pode. Mas eu prefiro que você se sente no banco de trás comigo, assim podemos conversar enquanto o Tavares dirige.

Depois de ouvir um Vicente resmungando o
PERIGOSAS ACHERON

caminho inteiro chegamos em uma loja de roupas especializada em smokings. Assim que entramos, os vendedores olharam torto para nós dois. O Vicente estava usando uma calça jeans surrada e uma camiseta, eu por ter passado o dia em casa também estava de calça jeans.

— Posso ajudá-los?

— Queremos ver um smoking.

— Acredito que não temos o tamanho dele — o vendedor fala olhando o Vicente dos pés à cabeça.

— Como você sabe se não falei o meu tamanho?

— Anos de experiência, só de olhar já sei o tamanho.

— Você é um simples vendedor ou tem algum cargo de chefia? — pergunto nervosa.

— Sou um vendedor.

— Ótimo, chame o gerente ou o dono — ordeno, puxando o Vicente para uma arara onde

tem alguns paletós para olhar.

— Já disse que não temos o tamanho dele.

— E qual é o tamanho que você tem? — pergunto, impaciente.

— O tamanho acima de mil reais por um smoking — responde revirando os olhos.

— Realmente Vicente não tem nada aqui do seu tamanho. — suspiro e ele me olha sem entender. — Me recuso a comprar uma roupa de mil reais feita com um material barato. Um smoking de verdade custa no mínimo oito mil. Vamos ter que ir em uma loja melhor. — Pego a mão dele e começo a sair pela porta quando um homem entra na frente.

— Com licença, mas existe algum problema?

— Depende, quem é o senhor?

— Augusto, sou vendedor também.

— Eu vim até aqui com o meu namorado para comprarmos um smoking e esse vendedor

simplesmente o destratou.

— Peço desculpas por ele, mas se tiverem interesse posso mostrar os meus melhores smokings e ternos — fala nos encaminhando para outra sala.

— Sério que custa mil reais um smoking?

— Se for de um estilista renomado sim, às vezes até mais.

— Para que gastar tudo isso?

— Porque eu quero o meu namorado lindo, maravilhoso e todo chique na festa. — Dou um sorriso e ele dá risada.

— Você tem mais dinheiro do que juízo.

— Isso eu não posso negar.

Sento em um sofá enquanto o vendedor mostra vários estilos para o Vicente, que insiste em perguntar o preço de cada um. Quando ele entra no provador, eu chamo o Augusto e peço que fale valores baixos para os smokings a partir de agora,

PERIGOSAS NACIONAIS

porque se eu conheço o Vicente ele vai escolher pelo valor e não o que ficou bonito.

Depois de uma hora experimentando praticamente todos da loja, Vicente optou por um de três botões com colete que ficou simplesmente incrível. Quando ele achava que tinha terminado, eu pedi para que o vendedor mostrasse alguns ternos e recebi um olhar mortal do meu namorado.

— Amor, você vai precisar de algumas roupas sociais para reuniões com investidores, não vai poder ir de calça jeans rasgada.

Duas horas depois estou pagando por um smoking, três ternos, cinco camisas, três blazers e dois sapatos sociais.

— Agora chega, Malu!

— Chega nada, adorei fazer compras com você. Tavares vamos para o shopping — digo, entrando no carro.

— Nada de shopping, Malu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vicente, você viu como os vendedores olharam para você?

— Vi e por isso não quero que aconteça de novo.

— Eu também, então vamos comprar roupas para você e de quebra algumas para a Cecília.

Cada loja que eu entrava, o Vicente reclamava, somente depois de insistir bastante ele começou a experimentar algumas coisas. Claro que foi uma luta para que aceitasse comprar.

— Malu tem certeza de que essa camisa está boa? — pergunta, saindo do provador e abotoando a camisa, na mesma hora escuto um suspiro coletivo na loja e vejo todas as vendedoras olhando para o peito dele enquanto abotoa lentamente.

— Vocês não têm nada para fazer além de ficar admirando o homem das outras? — pergunto, entrando na frente dele. — Ele já tem dona, suas oferecidas. E você já para dentro desse provador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Empurro-o enquanto ele dá risada.

— Está com ciúmes?

— Se fosse o contrário, o que você faria? —
pergunto encostando no espelho, uma vez que o
provador é pequeno e ele fechou a porta com nós
dois lá dentro.

— Quebraria a loja inteira de raiva.

— Exatamente, por que não posso fazer isso?

— Porque tenho uma ideia melhor. — Abre os
botões, sorrindo para mim.

— Que ideia é essa? — Passo as mãos no peito
dele enquanto tira a camisa.

— Talvez fazer amor com a minha mulher aqui
dentro desse provador? — Abre o botão da minha
calça.

— Perverso. — Ajudo-o a abaixar a minha
calça.

— Mas você gosta que eu seja assim, confessa.

— Eu te amo, Vicente.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu também te amo, maluquinha.

Pagamos as roupas que o Vicente escolheu e voltamos para casa, claro que eu o obriguei a parar em uma loja de roupas para crianças e comprei várias coisas para a Cecília.

À noite, depois de escutar um Vicente muito contrariado por ter que se vestir como garçom na festa, aproveitei para esticar um cobertor no jardim e levar a Cecília para deitar comigo. Estávamos as duas deitadas olhando para estrelas quando o Vicente se deitou ao lado dela fazendo com que ficasse no meio de nós dois.

— *Papa*, o céu está bonito — ela fala apontando.

— Está sim, menininha. — Dá um beijo na cabeça dela.

— *Tô gostano de te* mamãe e *papa* comigo — diz sem olhar para nós dois.

— Eu também estou gostando de ter vocês dois

aqui. — Olho nos olhos do Vicente, que sorri. — Nunca fui tão feliz. Pela primeira vez, estou feliz e não precisei gastar um centavo sequer para me sentir assim.



Capítulo 14



Maria Luíza

— Bom dia, Joana, a Cecília já acordou? —
pergunto, me sentando para tomar café da manhã.

— Ainda não, até estranhei. Essa menina
sempre acorda animada e até agora não desceu.

— Que estranho, vou ver o que aconteceu.

Quando entro no quarto da Cecília a encontro
deitada ainda, me sento ao seu lado e passo a mão
no cabelinho dela e sinto que está quente. Chamo a
Joana e com cuidado a acordamos e damos um
remédio para abaixar a temperatura e logo ela volta
a dormir.

Depois de trabalhar por duas horas volto ao quarto da Cecília e ela ainda está dormindo. Quase na hora do almoço, ela entra no meu escritório com uma carinha de abatida e sobe no meu colo.

— Que foi, meu amor? — pergunto a abraçando e sentindo que ainda está com um pouco de febre.

— Tô cansada. — Ela deita a cabecinha no meu peito e solta um suspiro voltando a pegar no sono. Não estou gostando nem um pouco disso, ligo no celular da Bruna para subir até o escritório, assim que ela entra peço que pegue a minha bolsa e uma manta para cobrir a Cecília, vou levá-la no hospital agora mesmo.

Como o teimoso do Vicente não aceitou que eu comprasse um celular para ele pedi para a Bruna pegar um táxi e ir até a casa onde a sede da cooperativa estava funcionando enquanto o Tavares me levava para o hospital. Assim que chegamos,

PERIGOSAS ACHERON

um médico que estava na recepção do hospital me viu entrar com a Cecília embrulhada na manta e veio até onde eu estava. Expliquei que a febre dela não abaixava e ele me levou para o consultório dele para examiná-la.

Como não conseguia descobrir o que era que ela estava sentindo foram realizados vários exames como de sangue e urina e ele passou uma medicação para abaixar a febre. Eu estava com ela deitada no meu colo com o soro preso no bracinho dela quando o Vicente entrou correndo.

— O que aconteceu? — perguntou, se abaixando na nossa frente e falando baixo já que ela tinha pegado no sono.

— Ela estava com febre desde cedo, demos um remédio para baixar e nada então corri com ela para cá.

— O que o médico disse?

— Ele não conseguia identificar o que era,
PERIGOSAS ACHERON

então pediu alguns exames que ficarão prontos depois de amanhã. Assim que o soro acabar podemos levá-la para casa.

Depois de sair do hospital passei a tarde toda deitada com a Cecília verificando se a febre voltava. Infelizmente teria a festa beneficente à noite e eu não queria ir e deixá-la sozinha, mas a Joana garantiu que ficaria com ela e qualquer coisa me avisava. O Vicente também não queria ir, então combinamos de apenas ficar um pouco e voltar logo para casa.

Quando chegamos ao local da festa, o Vicente começou a ficar um pouco desconfortável.

— Vou acabar te envergonhando, Malu.

— Se eu estivesse preocupada com isso, eu não traria você comigo.

Quando entramos percebo que o lugar é simplesmente lindo, quem planejou a festa soube organizar tudo de primeira qualidade. Depois de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cumprimentar algumas pessoas que eu já conhecia de vista e apresentar o Vicente como o meu namorado, fui para a mesa onde estava reservado com o meu nome, qual não foi a nossa surpresa quando nos deparamos com o Matheo sentando nela junto com outros convidados.

— Sério que vamos ter que aguentar esse homem a noite toda?

— Não, Vicente, porque eu não pretendo ficar muito. — Dou risada.

— Senhorita Alencar ouvi dizer que vai investir na pesca da região? — Um dos homens sentados à nossa mesa me pergunta, enquanto o jantar está sendo servido.

— Vou sim, minha família sempre investiu na cultura da região e aqui em Sergipe optei pelos pescadores.

— E você entende alguma coisa de pesca? — Matheo pergunta rindo.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, mas o Vicente e o pai dele sim.

— Eles entendem de puxar redes e não administrar um negócio — afirma, desmerecendo o Vicente.

— Posso não ter uma faculdade chique como a sua ou milhões na conta, mas tenho uma coisa que dinheiro nenhum compra: experiência e o respeito dos pescadores. Eles sabem que no final do dia vão entregar os peixes e receber o dinheiro que lhes é de direito e nem um centavo a menos.

— Isso não é suficiente. E outra coisa, a pesca é um dos menores setores da região, existem milhares de pescadores e a procura é pouca uma vez que o mercado está saturado.

— Aí que você se engana, pode haver sim milhares de pescadores, mas eles são separados nas áreas em que são experientes: camarão, caranguejo, lagosta e etc. existe mercado para todos os pescadores ainda mais com a cooperativa, uma vez

que é ela que está revendendo os peixes.

— Exatamente mau negócio, porque ela compra tudo e se não conseguir vender fica com peixe estocado — Matheo insiste.

— Em apenas um dia de vendas, não sobrou um lambari para contar história, então eu acho que está enganado — Vicente informa sorrindo.

— Porque é novidade, assim que virar notícia velha a cooperativa vai começar a ter prejuízo e a Maria Luíza vai perder dinheiro.

— Matheo, você acha mesmo que a Maria Luíza entra em negócio que não vai dar certo? — Vicente pergunta me olhando.

— Eu nunca entro em algo que vou sair perdendo — reitero.

— Viu? A minha mulher é inteligente e se ela entrou nesse ramo é porque ela sabe que só tem a ganhar; e outra coisa, acho que está desinformado. A Maria Luíza apenas injetou capital como ela faz

PERIGOSAS ACHERON

em todas as cooperativas, depois disso quem banca todas as despesas é a própria cooperativa, então se perdermos dinheiro ou ficarmos com peixe encalhado não vai ser ela a ter prejuízo e sim a cooperativa.

— Você abriu um negócio e não vai retirar lucros dele?

— Não, Matheo, eu não abro uma cooperativa em uma cidade para ficar me bancando, tenho a minha rede de hotéis para isso.

— E eu achando que você tinha juízo e era uma grande empresária.

— Mas ela é uma grande empresária! Se não fosse, você não estaria com medo que o resort dela tire todos os seus clientes — Vicente provoca.

— Eu não estou com medo.

— Desde que a Malu colocou os pés em Sergipe, você a está rondando provavelmente com uma ideia maluca de fusão. Só que ela é inteligente

o bastante para ver a sua jogada e simplesmente recusar.

— Ela não é tão inteligente assim, afinal de contas caiu na lábia de um pescador pé de chinelo.

— Posso ser um pescador, mas trabalhei mais que você em toda a sua vida. Sei reconhecer o valor do dinheiro depois de um dia suado de trabalho enquanto você nunca precisou trabalhar — Vicente retruca nervoso, tentando se controlar.

— Prefiro não ter experiência de um trabalho suado e sim a vida boa que o dinheiro pode trazer. E as mulheres tendem a procurar um homem bem de vida para estabilidade do que ficar ralando para sobreviver.

— Não é à toa que muitas mulheres de homens ricos como você têm casos com os motoristas e os jardineiros das casas ou procuram um homem trabalhador para ser amante. Porque no final das contas estabilidade financeira não é a garantia de

PERIGOSAS ACHERON

sexo quente. Tenho certeza de que se você se casar um dia não vai demorar muito tempo para a sua mulher procurar um homem de verdade.

— Você é um sem educação que não merecia nem estar sentado nessa mesa. Os seus pais estariam com vergonha do homem que você arrumou, Maria Luíza.

— Você nunca conheceu os meus pais para falar isso. Se o meu pai estivesse aqui e ouvisse o Vicente, ele estaria dando risada da sua cara e batendo palmas e é senhorita Alencar para você. Agora, senhores, se me dão licença estamos de saída. — Me levanto.

— Desculpa fazer você passar vergonha — Vicente me abraça enquanto esperamos o Tavares chegar.

— Você não me fez passar vergonha, pela primeira vez na minha vida me diverti nessas festas. E não posso deixar de concordar com você,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esses homens cheios do dinheiro não sabem fazer sexo. Alguns não sabem nem onde é o ponto G de uma mulher. — Dou risada. — Não trocaria uma noite com você por uma com o Matheo por nada nesse mundo.

— Bom saber, minha maluquinha, porque você é minha e homem nenhum toca no que é meu. — Puxa-me para um beijo que me deixa sem fôlego. — Depois de chegar em casa e verificar a Cecília vou te mostrar como eu sei exatamente onde é o seu ponto G.

— Convencido.

— Não sou convencido, apenas estou afirmando um fato e você mal pode esperar pelo que te aguarda.

— Vou dormir essa noite?

— Nem um pouco. — Ele me dá uma piscadinha e eu dou uma risada.

— Estou pagando para ver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que vai ficar pobre hoje, senhorita Alencar. — Sorri safado. — Mas vou fazer valer cada centavo.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 15



Maria Luíza

Depois de verificar a Cecília e constatar que não estava com febre fomos para o quarto. Eu estava ansiosa; desde que prometeu me deixar a noite toda acordada, o Vicente está me olhando com desejo.

— Já volto. — Beija-me no pescoço. — Não tira o vestido, eu quero fazer isso. — Assim que ele sai do quarto vou para o banheiro, fico me olhando no espelho e não consigo reconhecer a pessoa que estou vendo. Sempre fui independente, nunca deixei homem nenhum me dominar ou falar o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu devia ou não fazer, mas o Vicente consegue me deixar doida com apenas um toque e um sussurro no meu ouvido. — Malu?

— Aqui. — Saio do banheiro e ele dá um sorriso. Puxa-me pela mão e me leva até ao lado da cama me virando de costas para ele, sinto o zíper descer enquanto ele beija o meu pescoço. — Eu preciso de você.

— Calma temos a noite inteira. — Ele solta o meu vestido, que escorrega pelo meu corpo e cai como uma poça envolta dos meus pés. Com cuidado, ele me guia para cama fazendo com que eu ajoelhe no meio dela. — Deita, amor. — Enquanto eu deito, ele vai até o guarda-roupa e volta com duas gravatas sorrindo. — Ouvi dizer que tem algumas mulheres doidas por causa de uma história onde um homem amarra uma mulher na cama.

— Você pretende me amarrar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pretendo não. Eu vou. — Ele sobe na cama e puxa os meus braços para a cabeceira os amarrando juntos. Depois de ter certeza de que estavam bem amarrados, ele pegou a outra gravata e vendou meus olhos.

— Para que isso, Vicente?

— Quero que você apenas sinta, Malu. — Quando estou vendada, ele me beija possuindo a minha boca e me enlouquecendo. Quando estou precisando respirar, ele se levanta da cama e escuto alguns barulhos pelo quarto, estou quase reclamando quando sinto o corpo dele junto ao meu novamente e dessa vez ele está completamente nu. Sinto algo gelado escorrendo pelo meu pescoço e indo em direção aos meus seios onde cai mais um pouco sobre os meus mamilos e descendo para a minha barriga.

— O que é isso, Vicente?

— Achei uma calda de chocolate na geladeira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele se aproxima mais, como se fosse possível, e logo sinto a língua dele lambendo a calda do meu pescoço e chupando me fazendo soltar um gemido.

— Malu com chocolate fica perfeita. — Lambe o meu corpo, quando chega na altura dos meus seios eu já estou doida e me contorcendo na cama, no momento em que ele pega o meu mamilo esquerdo na boca e chupa eu grito, a sensação é demais para aguentar.

— Vicente, eu preciso de você agora. — Estou praticamente chorando de necessidade.

— Daqui a pouco, amor, primeiro eu preciso tirar todo esse chocolate do seu corpo. — Ele muda para o outro mamilo e volta a chupar e a morder, se ele continuar assim vou acabar gozando. Ele desce pelo meu corpo lambendo, chupando e mordendo. Quando acho que ele acabou sinto a calda novamente caindo pelas minhas pernas, na minha virilha onde ele volta a lamben cada pedaço.

PERIGOSAS ACHERON

Quando eu acho que ele se deu por satisfeito, sinto os seus dedos me abrindo e a calda caindo no meu clitóris.

— Vicente — reclamo puxando as minhas mãos tentando me soltar.

— Agora que o prato principal chegou, Malu, eu não vou parar. — Sinto a língua dele dar a primeira lambida, assim que os lábios dele fecham em volta do meu clitóris e dá o primeiro chupão é demais para aguentar, eu grito gozando deixando as sensações me levarem para todos os lugares e para lugar nenhum ao mesmo tempo, me fazendo esquecer onde estou. Ele continua chupando e dando leves mordidas me mantendo nesse lugar maravilhoso cheio de sensações e prazer.

No momento que estou voltando para a Terra sinto uma estocada forte e grito contra a boca dele, uma vez que entra em mim e toma a minha boca. Posso sentir o meu prazer misturado com chocolate

nos lábios dele. Passo as minhas pernas envoltas da cintura dele fazendo com que ele vá mais fundo.

— Mais, Vicente — peço necessitada como se eu não tivesse gozado apenas alguns segundos atrás. Ele me movimenta cada vez mais rápido e cada vez mais fundo, ele leva a mão para estimular o meu clitóris e não é preciso de muito para que eu goze novamente. Sinto-o sair do meu corpo e logo sou girada rapidamente me fazendo ficar de bruços na cama, ele me obriga a ficar com os meus joelhos apoiados na cama e a cabeça no travesseiro e me penetra novamente me pegando por trás. — É demais, Vicente — reclamo quando ele tenta fazer com que eu goze novamente.

— Mais um, Malu. — Pega os meus cabelos com uma mão puxando. Sinto os fios esticados e forçando o meu couro cabeludo enquanto ele entra e sai cada vez mais rápido. Escuto o barulho dos nossos corpos se chocando ecoando pelo quarto

PERIGOSAS NACIONAIS

misturado com os nossos gemidos. Quando imagino ser praticamente impossível estou gozando novamente com as estocadas fortes do Vicente, escuto o grito dele e sinto o seu corpo tremer contra o meu e ele cai em cima de mim me obrigando a deitar na cama.

Estou esparramada de bruços com o Vicente em cima de mim e com o pênis dele ainda dentro do meu corpo. Nós dois respiramos com dificuldade, não demora muito e ele solta os meus braços e libera os meus olhos. Com cuidado, ele se levanta e vai para o banheiro, estou quase pegando no sono quando o escuto voltar e me pega no colo e entra na banheira comigo, sinto a água quente relaxar todo o meu corpo e logo estou adormecendo, quando estou quase me entregando ao sono sinto um beliscão no meu mamilo.

— Eu disse que essa noite você não vai dormir.

— Vicente, eu preciso recuperar as energias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, senhora, não quero que reclame depois que não cumpri a minha promessa. — Ele me gira no colo dele me fazendo ficar de frente para ele, sinto a ereção dele contra a minha barriga e me assusto.

— Você já está pronto para outra?

— Com você sempre, amor. — Ele me levanta e começa a me penetrar devagar me arrancando um gemido.

— Você vai me matar — afirmo, mas começo a me mexer no colo dele.

— Você não vai morrer, maluquinha, porque se morrer não vai mais fazer amor comigo.

— Tem razão. — Dou risada e o beijo me movendo mais rápido para conseguir o orgasmo que só ele pode me dar.

Depois de me secar, ele me deixa deitada na cama e vai apagar a luz do banheiro, aproveito para virar de lado cochilar um pouco, mas o desgraçado

PERIGOSAS ACHERON

volta e começa a me beijar me privando de alguns minutinhos de sono.

— Você não vai dormir, querida.

— Vicente, já entendi o seu ponto, mas eu realmente preciso dormir um pouco. — Escondo o meu rosto no peito dele. — Juro que não te acuso depois, só alguns minutinhos. — Sinto as mãos dele passando nas minhas costas e já é suficiente para me deixar acesa novamente. — Estou toda dolorida.

— Vou te ajudar com isso. — Ele me dá um beijo na cabeça e me deita de bruços se sentando nas minhas pernas. Ele joga alguma coisa nas minhas costas e começa a esfregar fazendo uma massagem e me arrancando um gemido. — Relaxa, Malu. — Ele beija a minha nuca e, conforme as mãos vão descendo pelo meu corpo, a boca dele acompanha, quando chega na altura da minha bunda ele dá uma mordida e eu grito. — Ela é

PERIGOSAS NACIONAIS

linda, já te falei isso. — Ri enquanto eu xingo abafada pelo travesseiro. Quando estou quase dormindo, ele abre as minhas pernas e se acomoda colando o peito nas minhas costas.

— Vicente, eu preciso dormir — reclamo quando ele começa a me penetrar devagar.

— Só mais um e eu prometo que vou deixar você descansar. — Ele começa a se mexer devagar e agarra as minhas mãos as segurando na altura da minha cabeça. Quando o meu corpo começa a esquentar me levando para a borda do precipício, novamente ele intensifica os movimentos; viro a minha cabeça e ele cola os lábios dele nos meus. Duas estocadas depois, eu estou gozando novamente. — Agora pode dormir, meu amor.

Não vejo mais nada, apago completamente logo em seguida.

PERIGOSAS ACHERON



— *Po* que mamãe não *coda, papa?* — Escuto uma vozinha perto do meu ouvido para logo em seguida sentir um corpinho se aninhando ao meu lado.

— Ela está cansada, meu amor, só isso.

— *Vedade*, mamãe *tabalha* muito. — Assim que escuto isso, não consigo resistir e começo a rir.

— Bom dia, meu amor. — Puxo-a para um abraço e beijo a testa dela. — Você ainda está com febre. — Levanto e a puxo para o meu colo.

— Não tinha passado?

— Tinha, Vicente, mas acho que voltou, vou trocar de roupa e vamos para o hospital.

Quarenta minutos depois estávamos sentados em uma sala do hospital esperando o médico com os resultados. Devido ao remédio para abaixar a

febre, a Cecília estava adormecida no colo do Vicente.

— Estou com medo, Vicente.

— Calma, Malu, deve ser apenas uma virose ou uma gripe, só isso.

— Os resultados ficaram prontos — o médico informa entrando na sala e se sentando na mesa dele.

— O que ela tem, doutor? — pergunto angustiada.

— Ela tem o que chamamos de atresia biliar.

— O que é isso?

— É quando os canais que transportam a bile do fígado para vesícula biliar e que ajuda na digestão estão subdesenvolvidos. Se tivesse sido descoberto logo quando ela nasceu uma cirurgia reconstrutiva teria resolvido isso.

— Ainda dá para resolver com cirurgia, doutor?

— Vicente pergunta apertando a Cecília nos

PERIGOSAS ACHERON

braços.

— Infelizmente agora não há nada mais o que fazer. A única solução seria um transplante de fígado no caso dela.

— Transplante?

— Infelizmente sim. O único problema é encontrar uma pessoa compatível para o transplante. No caso dela um pedaço do fígado seria suficiente, pois ele se regenera tanto do doador quanto no transplantado, então poderia ser doação entre vivos o que já ajuda bastante.

— O que precisamos fazer, doutor? — pergunto tentando segurar as minhas lágrimas.

— Vamos fazer novos exames e colocá-la na fila de espera para doação, se a família pudesse vir fazer alguns exames seria ótimo, ela tem irmãos?

— Não, doutor, só tenho ela.

— Então nesse caso fica um pouco mais difícil, mas não vamos nos desanimar. Vou passar os

remédios que ela deve tomar e explicar a rotina dela de agora em diante. E assim que possível peça para os parentes mais próximos vir até o hospital o quanto antes melhor.

Assim que chegamos em casa peço para o Tavares buscar os pais e a irmã do Vicente, subo para o quarto da Cecília com ela no colo e a deito na cama me juntando a ela, a aperto contra o meu peito e começo a chorar.

Pela primeira vez desde a morte dos meus pais faço uma oração.

— Senhor, por favor, não tira a minha filhinha de mim. Sei que não é minha de verdade, mas é de coração. Se eu a perder um pedaço de mim morre junto, não faz isso, por favor, cura a minha menina, ela é cheia de vida tem tanto ainda para viver, por favor, por favor...



Capítulo 16



Maria Luíza

Os dias depois do diagnóstico da Cecília passaram como um borrão, eu intercalei entre chorar e abraçar a minha pequena. Com muito cuidado, explicamos para ela que estava doente e agora alguns cuidados seriam necessários para a sua saúde. O médico mudou a alimentação dela e passou alguns remédios que ela deveria tomar. Claro que ela chorava e fazia birra para não tomar nenhum deles.

Acabei deixando todo o meu trabalho aos cuidados da diretoria, não tinha cabeça para cuidar

PERIGOSAS ACHERON

do serviço. Cinco dias depois de descobrir a doença, a Cecília começou a vomitar à noite e corremos com ela para o hospital. É por isso que estou aqui, sentada em uma cadeira dura, ao lado da cama dela.

— Com licença. — O médico entra no quarto e vai verificar a Cecília.

— Ela dormiu até agora, doutor, isso é normal?

— Nós demos um sedativo para que ela descanse, não vai demorar muito para que ela acorde.

— Nós vamos poder levá-la para casa em seguida? — pergunto angustiada.

— Infelizmente não, os sintomas estão se agravando e vamos mantê-la em observação.



— Malu? — Acordo confusa por um momento,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem saber onde estou e encontro o Vicente abaixado ao meu lado.

— Oi, acabei pegando no sono sem perceber — digo, me espreguiçando.

— Vai para casa, Malu, eu fico com ela.

— Não, eu vou ficar aqui.

— Malu, vai para casa, toma um banho, descansa e depois você volta. Se ela acordar, eu explico que logo você está de volta.



Depois de chegar em casa e tomar um banho desabo na cama e pego no sono rápido. Ando cansada ultimamente, e não é por muito trabalho, mas sim cansada mentalmente e emocionalmente.

Acordo assustada e percebo que dormi por três horas, me levanto, troco de roupa e vou para o hospital. Assim que eu entro no quarto, encontro o PERIGOSAS ACHERON

Vicente conversando com a Cecília que está com uma carinha abatida devido aos medicamentos.

— Oi, meu amor. — Me aproximo da cama e dou um beijo na sua testa.

— Não *quelo* mais *ficá* aqui — diz, cruzando os bracinhos e fazendo biquinho.

— O painho já explicou que você precisa ficar no hospital até melhorar, meu amor.

— Eu não gosto daqui.

— Eu sei, querida, mas prometo que vai sair daqui a pouco e aí nós vamos para casa — tento passar uma certeza que eu mesmo não tenho.

Passamos a noite no hospital, como os resultados dos exames de compatibilidade sairiam no dia seguinte, nem o Vicente e nem nós conseguimos dormir de tanta ansiedade.

Infelizmente as notícias do dia seguinte não foram boas, ninguém da família do Vicente era compatível, nem mesmo ele. Essa informação caiu

como um balde de água gelada sobre as nossas cabeças. E, apesar da Cecília estar na fila de espera, não era certeza que ela receberia o transplante a tempo devido ao estado de saúde dela.

Depois de ficar na capela do hospital por umas duas horas orando, chorando e implorando por um milagre, voltei para o quarto da Cecília. Quando estava no corredor avistei o médico dela que vinha na direção contrária e o parei.

— Doutor, não existe nada mesmo que possamos fazer para ajudar a Cecília?

— Infelizmente não. Os doadores mais prováveis são os parentes mais próximos, mas ninguém da família é compatível. Sem contar o tipo sanguíneo dela que é totalmente diferente da família.

— Como assim?

— Toda a família é A+, mas a Cecília é O+. Acredito que seja por causa da mãe dela, por isso a

PERIGOSAS ACHERON

diferença.

— Então se o senhor encontrar alguém O+, provavelmente ele pode ser doador? — pergunto, com um milhão de coisas passando pela minha cabeça.

— Não é certeza, mas já ajudaria. A probabilidade de encontrar um doador compatível sem ser da família é um em um milhão. Seria um milagre, na verdade.

— Eu sou O+, doutor — informo, com uma esperança renascendo.

— Como eu disse, mesmo que você tenha o mesmo tipo sanguíneo, não é certeza que possa ser doadora.

— Mas o senhor disse que as chances são de um em um milhão, não disse? — pergunto e ele concorda. — Pois então, e se eu for essa chance, doutor? Não custa nada fazer esse teste.

— Tudo bem, nós vamos fazer o exame, mas

PERIGOSAS ACHERON

preciso deixar bem claro que pode ser que você não seja compatível.

— Doutor, vou deixar para pensar nisso depois que o senhor me der o resultado. Até lá vou confiar e me apegar nessa única chance. Só peço que não conte para ninguém da minha família. Se der positivo, aí sim nós contamos.

— Tudo bem, vamos fazer o exame então? —
Concordo com ele e o acompanho até a sala de exames. Depois do sangue coletado volto para o quarto. A parte mais difícil vai ser a espera desse resultado.



O dia passa e a única notícia boa é que a Cecília ficou um pouco melhor. Revezei-me com o Vicente para ir até em casa tomar um banho e descansar um pouco. Quando deitei na nossa cama,
PERIGOSAS ACHERON

não pude deixar de lembrar a primeira manhã deles na minha casa, a Cecília pulando na nossa cama, tão animada. Não posso perder a minha menina, e assim acabo adormecendo entre soluços.

Assim que chego ao hospital, a primeira coisa que faço é procurar pelo médico para saber o resultado do exame. Depois de uma espera de meia hora na frente do consultório dele, finalmente consigo que ele me atenda.

— Então, doutor? — pergunto me sentando.

— Não sei como isso é possível, mas a senhorita é compatível com a Cecília — revela com um sorriso.

— Ótimo, então o transplante pode ser realizado o mais rápido possível! — exclamo emocionada.

— Não tão rápido assim. Primeiro será necessário fazer uma bateria de exames para saber como está a sua saúde e segundo precisamos de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma autorização judicial para realizar o transplante, pois será inter vivos. E só aí, será possível marcar o transplante.

— Peça os exames, doutor, e vou realizar todos hoje mesmo. Quanto à autorização judicial, vou pedir para os meus advogados providenciarem o mais rápido possível.

Saio do consultório do médico com lágrimas nos olhos, não só pela notícia de que vou poder doar um pedaço do meu fígado para a Cecília, mas também porque agora existe esperança de que ela possa viver.

Quando entro no quarto vejo que toda a família do Vicente está aqui. Assim que o Vicente me olha, ele se levanta preocupado e vem para perto de mim.

— O que houve? — pergunta preocupado.

— Tenho que fazer um monte de exames — respondo e todos me olham.

— Você também tá doente, mamãe?

PERIGOSAS ACHERON

— Não, meu amor, pelo contrário, a mamãe vai fazer um monte de exames, que é para ter certeza se está tudo bem com ela.

— Para que esses exames, Malu? — O Vicente aperta os meus braços e percebo que está com medo.

— Porque eu sou compatível com a Cecília. — Assim que eu respondo, ele arregala os olhos e cai de joelhos na minha frente me abraçando apertado.

— Isso quer dizer que...

— Isso quer dizer, Livia, que eu posso ser a doadora da Cecília.

— E o que temos que fazer? — Vicente pergunta, ainda de joelhos.

— Eu tenho que fazer uma série de exames para ter certeza de que não existe nenhum problema que me impeça de doar. Outra coisa que precisamos é de uma autorização judicial e isso eu já pedi para o meu advogado particular providenciar. Depois

que tivermos os resultados e a autorização é só marcar a cirurgia e torcer para o corpo da Cecília não rejeitar o transplante.

— Depois de tudo isso. — A Cecília abre os bracinhos fazendo um círculo enorme no ar. — Posso ir *embola*?

— Pode, meu amor, depois de tudo isso você vai poder ir para casa.

— Finalmente. — Cruza os bracinhos e faz um bico lindo, fazendo com que todo mundo dê risada.

— Obrigado, Malu.

— Não tem o que agradecer, Vicente, ela é a minha filha e eu faço qualquer coisa por ela. Só temos que torcer para que o pedido da Cecília não tenha acontecido.

— Como assim?

— O médico disse que, se eu estiver grávida, não posso ser doadora. Então é melhor que o pedido da Cecília por um irmãozinho não dê certo.

— Merda, não usamos camisinha.

— E eu não tomo pílula, então eu estou com medo, Vicente. Eu não posso estar grávida em hipótese nenhuma.

Ele me puxa para os braços dele me apertando forte e eu sei que nesse momento a única coisa que ele consegue pensar é o mesmo que eu.

Por favor, que eu não esteja grávida.



Capítulo 17



Maria Luíza

Depois de realizar todos os exames necessários sempre acompanhada pelo Vicente, voltamos para o quarto da Cecília e a encontramos dormindo.

— Vicente, o médico me disse que por causa do tipo sanguíneo da Cecília vocês não poderiam ser os doadores. Por que a família da mãe dela não veio fazer exame?

— Malu, quando conheci a mãe dela o pai já era falecido e dois meses depois do nosso casamento a mãe faleceu e ela era filha única, então não temos ninguém para ir atrás.

PERIGOSAS ACHERON

— Então a Cecília não tem ninguém da família por parte de mãe? — pergunto e ele nega. — Então, se eu não fosse compatível, teríamos que esperar na fila de transplantes por muito tempo.

— Prefiro nem pensar nisso. É um milagre que você seja compatível. E por mais que eu queira ter um filho com você nesse exato momento, só consigo pensar e torcer para que não esteja grávida.

— Eu estou com medo — admito, olhando para a Cecília.

Passamos o dia no hospital, mas dessa vez com esperança. Infelizmente foram necessários dois dias para receber os resultados dos exames. Quando eles finalmente chegaram, o doutor responsável pelo tratamento nos chamou até a sala dele.

— E então doutor?

— Você é compatível e pode realizar a doação, senhora Alencar. — Assim que escuto isso sinto um alívio no peito e a certeza de que a minha filha

agora ficará bem. — Mas temos alguns problemas.

— Eu estou grávida?

— Para a nossa sorte, não. Mas, apesar de levar uma vida saudável como malhar e se alimentar bem, a senhora está com uma leve anemia.

— E agora, doutor?

— Será necessário que ela tome algumas vitaminas e faça uma dieta balanceada para melhorar essa anemia. Quando tivermos certeza de que ela está bem e fora de riscos, a doação poderá ser feita.

— Quanto tempo temos para isso? — pergunto.

— Tempo não existe aqui. Não podemos arriscar a sua saúde pela da menina. Somente quando a anemia estiver curada, a doação pode ser realizada, sinto muito.

Quando saímos da sala dele procuramos uma nutricionista recomendada por ele para começar a dieta. Duas semanas se passaram desde que

PERIGOSAS ACHERON

recebemos a notícia da compatibilidade. Já tomei várias vitaminas e tenho me alimentado corretamente sempre vigiada de perto pelo Vicente.

Depois dessas duas semanas fiz novamente um exame de sangue, mas as coisas não tinham melhorado muito e o meu tratamento continuava. O único problema era que cada dia que passava a Cecília piorava. Eu estava a ponto de obrigar a cirurgia acontecer de tão desesperada.

Um mês e meio depois do resultado, a tão esperada notícia de que eu estava bem finalmente chegou. No mesmo dia já começaram as preparações para o transplante, que ocorreria no dia seguinte pela manhã.

— O que vão *fazê* comigo, mamãe?

— Eles vão fazer um corte aqui, meu amor. E vão colocar um pedacinho do meu fígado em você.

— Depois eu fico boa?

— Se o seu corpo não rejeitar o meu pedacinho,

sim, querida.

— Vai dar tudo certo, meu amor, você vai ver
— Vicente a tranquiliza, a abraçando.

Quatro horas depois da nossa conversa, eu estava em um quarto do hospital sendo preparada para a cirurgia. Já estava com um soro preso no braço e aguardando os médicos.

— Estou nervosa, Vicente.

— Vai dar tudo certo, Malu.

— Tem que dar, não vou aguentar perder a Cecília.

— Fica calma, você precisa estar tranquila para o transplante.

Meia hora depois, eu estava no centro cirúrgico.

— Vamos anestesiá-la agora e vou colocá-la para dormir. Quando acordar novamente você vai estar no quarto se recuperando da cirurgia — o anestesista me explica e logo tudo começa a ficar

escuro e só consigo pensar: *Senhor, por favor, que essa cirurgia dê certo.*



Quando a Malu entrou na nossa vida, eu tinha medo que fosse fogo de palha e ela logo cansasse de brincar de casinha com a Cecília e fosse embora de uma hora para outra.

Mas os dias em que vivemos juntos na casa dela pude perceber o quanto amava a minha filha e isso só fez com que o meu amor por ela crescesse mais ainda. Essa mulher maluca e metida a besta me conquistou de uma maneira que eu achei que fosse impossível.

A doença da Cecília me fez perceber que ter dinheiro pode ser fundamental para a recuperação dela. Se não fosse a Malu para pagar o tratamento,

a minha filha poderia estar em um corredor de hospital público e sem diagnóstico, ao invés de um quarto em um hospital particular sendo bem tratada. As enfermeiras que passam pelo quarto sempre estão com um sorriso e brincando com a Cecília, que com o seu jeitinho conquistou o hospital inteiro.

Saber que a maluca da Malu poderia ser a doadora nos deu uma nova esperança, que não pudemos aproveitar por muito tempo, porque tínhamos que lutar contra a anemia dela. Foi aí que eu percebi que a Malu realmente amava a minha filha, ela fez tudo o que os médicos mandaram e conseguimos enfrentar a anemia.

Quando o dia da cirurgia finalmente chegou, eu estava nervoso, mas tentei não demonstrar isso para ninguém. Ver as duas mulheres que eu tanto amo indo para a sala de cirurgia, me deixou com o coração na mão. Se não fosse os meus pais me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apoiarem, eu estaria perdido.

As horas foram passando e cada vez que um médico passava pela porta eu me assustava achando que seriam péssimas notícias. Quase oito horas depois finalmente escutei o meu nome sendo chamado.

— E então, doutor?

— Ocorreu tudo bem na cirurgia, as duas estão na sala de pós-operatório se recuperando, daqui duas horas sua esposa será levada para o quarto e o senhor poderá vê-la.

— E a minha filha?

— Ela está bem, mas será levada para UTI. Lá o ambiente é melhor para a recuperação dela, agora entramos em uma fase crítica, ela não pode rejeitar o transplante.

— Podemos fazer alguma coisa, doutor?

— Infelizmente não, agora só resta esperar e orar.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de nos informar o estado delas, o médico se retira e nos deixa sozinhos, apesar do alívio de que tudo tenha corrido bem, não podemos comemorar ainda, será necessário esperar a fase crítica da recuperação da Cecília primeiro.



Duas horas depois estou sentado ao lado da cama da Malu esperando que ela acorde. Vendo essa mulher que fez tanto por mim e pela minha filha sem esperar nada em troca a não ser o nosso amor, acabei tomando uma decisão.

— Vicente?

— Oi, maluquinha, estou aqui.

— Deu tudo certo?

— O médico disse que sim, mas será preciso esperar um tempo para ter certeza de que o corpo da Cecília não vai rejeitar o transplante. Mas que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por enquanto está tudo bem.

— Que bom. Estou com tanto sono.

— Antes de dormir novamente gostaria de fazer uma pergunta.

— Qual? — pergunta sonolenta.

— Quer casar comigo?

Vejo a Malu abrir os olhos novamente e ficar me encarando.

— Se eu aceitar, depois desse pesadelo passar e a Cecília estiver recuperada, você me dá um filho?

— Dou quantos você quiser — concordo sorrindo.

— Então eu aceito, eu quero casar com você. Eu te amo, Vicente.

— Eu também te amo, minha maluquinha.

Com cuidado, dou um beijo na Malu e a deixo descansar novamente. Temos ainda uma grande luta pela frente com a recuperação da Cecília.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 18



Maria Luíza

Abro os olhos devagar para me orientar onde estou e percebo que é um quarto de hospital, olho para o lado e vejo a dona Dalva sentada no sofá vendo uma revista.

— Oi.

— Oi, querida. Como você está?

— Com um pouco de dor.

— Vou pedir para uma enfermeira vir olhar você, só um minuto.

Vinte minutos depois, a dor tinha passado graças a um remédio que me deram, perguntei pelo

PERIGOSAS ACHERON

Vicente e a dona Dalva me disse que ele tinha ido visitar a Cecília na UTI.

— Ela está melhor?

— Graças a Deus e a você. Os médicos disseram que ela já acordou com a corda toda e está doida para ver você.

— Ela voltou a ser a nossa Cecília arteira de sempre então? — Dou risada.

— Voltou sim. E mandou avisar que é para você se recuperar logo porque ela quer o *mãozinho* dela — Vicente fala parado na porta do quarto.

— Eu queria falar justamente sobre isso com você.

— Bom, agora que eu vi que a minha nora está bem, vou para casa. Descansa, querida, para se recuperar mais rápido.

— Obrigada, dona Dalva. — Ela dá um beijo em mim e outro no Vicente e sai do quarto.

— O que queria falar comigo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei se eu sonhei ou se foi de verdade.
Você me pediu em casamento?

— Pedi, maluquinha. E você aceitou.

— Você realmente quer casar comigo, mesmo eu sendo doida e tendo mais dinheiro que juízo?

— Você tem dinheiro e eu tenho juízo, vai ser a combinação perfeita. — Ri me contagiando.

— Então eu aceito novamente, Vicente, eu quero me casar com você. Mas eu tenho um pedido.

— Qual seria?

— Quero casar na praia, ao pôr do sol.

— Seu pedido é uma ordem, meu amor.



Três dias depois eu recebi alta e pude ir para casa, a Cecília precisava ficar mais um tempo internada, e todo dia só reclamava que queria ir embora. Nunca vou esquecer a carinha dela quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me viu entrando no quarto a primeira vez depois da cirurgia.

— Mamãe, deu *ceto*. O médico disse que *tô culada*.

— Deu sim, meu amor, eu disse para você. — Sento ao lado dela na cama e a abraço. Sinto o seu cheirinho e os seus braços em volta do meu corpo e finalmente meu coração tem paz. — Você ficou sabendo da novidade?

— Eu vou para casa?

— Ainda não, meu amor. Mas a novidade é que o papai e eu vamos nos casar.

— ÊÊÊÊÊ! — grita, batendo palmas e logo em seguida fica triste.

— O que foi?

— Eu não posso ir, tô no hospital.

— Você acha mesmo que eu vou casar sem você? Nem pensar, o casamento só vai acontecer quando você estiver em casa, não se preocupe.

PERIGOSAS ACHERON

— Essa cena é linda. — Vicente se aproxima da cama. — Minhas duas princesas abraçadas.

— *Papa*, a mamãe é rainha, eu sou *plincesa*.

— Desculpa pelo erro. — Sorri. — Minha rainha e minha princesa abraçadas.

Depois de muitas risadas e a Cecília adormecer, o Vicente me acompanha até a porta do hospital, onde o Tavares está me esperando.

— Quero que você vá para casa e descanse, agora a nossa menina está bem e fora de perigo, não precisa se preocupar mais.

— Ainda tem o período para rejeição, Vicente.

— Você acha mesmo que ela vai rejeitar? O pedaço de fígado que está dentro dela é da todopoderosa Maria Luíza de Alencar. O corpo da Cecília não é burro de rejeitar, é capaz dele levar uma bronca do fígado por causa disso.

— Bobo, eu te amo. Qualquer coisa me liga.

Entro no carro e vou para casa. Assim que

PERIGOSAS ACHERON

passo pela porta encontro a Joana me olhando com os olhos cheios de lágrimas.

— Você voltou, menina?

— Claro que eu voltei, Joana, você acha mesmo que você, a Bruna e o Tavares iam se livrar tão fácil assim de mim? Nem pensar.

Vou para o meu quarto acompanhada pela Bruna, que não entende nada quando eu peço que leve o seu notebook.

— Malu, você precisa descansar e não ficar trabalhando.

— Eu vou descansar, quem vai trabalhar é você. Quero que descubra tudo o que é necessário para um casamento na praia e comece a organizar tudo.

— Você vai casar com o Vicente? — pergunta de boca aberta.

— Vou, ele me pediu. Eu quero que fique tudo lindo. Como não posso abusar, você vai ter que

olhar as coisas para mim.

— Sem problemas vai ser um prazer. Você pode escolher as coisas pela internet e me falar o que gostaria e eu vou atrás.

— Obrigada pela ajuda, Bruna.

— Que isso, Malu, vai ser um prazer te ajudar. Agora descansa, senão o Vicente vai ficar doido, ele me ligou pedindo que não deixasse você fazer nada a não ser deitar e descansar.

Achei que a minha alegria seria ficar sabendo que a Cecília estava recuperada, mas na verdade a maior alegria foi quando ela voltou para casa; mesmo estando recuperada, ela ainda precisava de cuidados. Claro que a dona Dalva ficava todos os dias com a gente cuidando de mim e da Cecília.

Três dias depois de ela estar em casa, nós saímos para ver o meu vestido de noiva. Como seria na praia, ele seria um vestido leve. O primeiro que eu experimentei era simplesmente lindo, com

um decote profundo nas costas, justo no corpo. Assim que eu saí do provador, a Cecília deu um gritinho e correu para me abraçar.

— Mamãe, você está linda.

— Ela tem razão, Malu, você está linda — Joana concorda enxugando uma lágrima.

— Então vou levar esse.

Depois de acertado o meu vestido, escolhemos o da Cecília, um vestido de alcinha com o busto de lantejoulas e a saia rodada, ela estava simplesmente linda.

Os dias foram passando e no dia anterior ao casamento, eu estava deitada nos braços do Vicente, tinham se passado três meses da cirurgia e agora a nossa princesa estava fora de risco.

— Vicente, parece que eu estou sonhando, vou me casar com você, a nossa filha está fora de risco.

— Eu que acho que estou sonhando, uma mulher linda aceitou casar comigo, mesmo sendo

PERIGOSAS NACIONAIS

esquentadinha às vezes.

— Você me ama assim mesmo, tenho certeza de que não gostaria que eu mudasse.

— Malu, você já mudou. Antes você era uma nojentinha de nariz em pé, que só pensava em dinheiro. Agora você é completamente diferente, dá valor a outras coisas.

— Eu não tinha percebido essa mudança — gargalho.

— Eu percebi, e isso só me fez te amar ainda mais.



— Mamãe?

Abro os olhos e vejo o rostinho da Cecília na minha frente.

— Oi, princesa.

— *Acoda*, hoje tem casamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Verdade, princesa, hoje tem casamento. —
Dou risada e a puxo para um abraço. — Vou trocar
de roupa e nós vamos para o salão para nos
arrumarmos, você vai ficar linda.

— Você também, mamãe.

— Cecília?

— Oi.

— Quero que você saiba que, independente de
estar casada com o seu pai ou não, eu vou te amar
para sempre.

E isso não deixa de ser verdade, independente
de qualquer coisa eu amaria a Cecília para sempre.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 19



Maria Luíza

— Você está linda, Malu. — Joana me abraça apertado.

— Não chora, senão eu vou chorar também. — Me solto do abraço dela e vou até o espelho de corpo inteiro do quarto. O vestido com decote em V nas costas e justo no corpo tinha ficado perfeito.

— Seus pais estariam muito orgulhosos da mulher que você se transformou.

— Eu queria que eles estivessem aqui.

— Eles estão, menina, dentro de você.

— Eles aprovariam o Vicente?

— Você tem dúvidas? Ele é turrão, cabeça-dura e não se dobra a você. Seu pai teria feito amizade com ele na mesma hora.

— Malu? Está na hora — Bruna me chama da porta e eu concordo.

Tínhamos optado por casar na praia da vila dos pescadores. A maior parte dos convidados eram amigos do Vicente, eu tinha parceiros de negócios, amigos eram poucos, e os que mais me importavam estavam aqui hoje. Saio da casa dos pais do Vicente e fico parada olhando para a imagem à minha frente.

As cadeiras brancas formando um corredor iluminado por velas e o gazebo com cortinas na frente do mar e o pôr do sol ao fundo, eram tudo o que eu queria para esse dia. Caminho até o início do corredor e paro olhando em volta, todos estão com um sorriso no rosto. Parado na frente do altar estava o Vicente, lindo em um terno cinza claro

com a camisa aberta e sem gravata.

O olhar dele cheio de amor refletia o mesmo sentimento que o meu, tínhamos certeza do que estávamos fazendo ali naquele dia. Chamo a Bruna, que estava perto de mim, e peço que chame a Joana.

— O que houve, Malu?

— Nada, Joana, mas desde a morte dos meus pais você foi a única figura materna que eu tive. Você foi o que me manteve sã, não me deixou ser uma pessoa mesquinha. Entra comigo? Leva-me até o Vicente?

— Vai ser um prazer, minha querida.

Dou o braço para ela e atravessamos o corredor até o Vicente. Quando nos aproximamos dele, estende a mão e eu a pego, olho para o juiz de paz que está ali e ele começa o casamento.

Penso em tudo o que eu vivi até hoje: as lutas, as decepções, a vida que eu toquei sem abrir espaço

para alguém entrar. Até que esse cabeça-dura entrou na minha vida.

— Agora os votos dos noivos — o juiz de paz anuncia.

— Malu, eu tinha me conformado com a vida que eu levava trabalhar de sol a sol para pagar as dívidas, criar a minha filha e nunca mais amar novamente. Um dia, uma senhorita de nariz em pé entrou na minha vida e me conquistou completamente. O jeito mandão, o pouco juízo e muito dinheiro me irritavam, mas descobri que não poderia viver sem ela. Amo cada pedaço da todopoderosa senhora Maria Luíza Alencar. Quero prometer não só ser fiel e te amar, quero prometer todos os meus segundos, minutos e horas pensando em você, prometo te amar e respeitar a cada respiração. Prometo ser o juízo que te falta e prometo te ouvir sempre que precisar. Prometo estender um cobertor no jardim à noite para olhar

PERIGOSAS ACHERON

as estrelas com você e te abraçar não porque você precisa, mas porque eu preciso te ter nos meus braços. Eu te amo, Malu, e nada no mundo pode mudar o que eu sinto por você.

Quando ele termina de falar, eu já estou chorando, foi preciso a Bruna me estender um lenquinho para enxugar as lágrimas.

— Vicente, você entrou na minha vida como um balde água fria que caiu na minha cabeça literalmente. Você era o meu pedaço que faltava. Sem perceber, você mudou tudo em mim, eu era uma mulher metida, egocêntrica, que achava que o mundo girava em volta dela. Para mim, o dinheiro comprava tudo, mas você me mostrou que a verdadeira felicidade dinheiro nenhum pode comprar. Prometo ficar ao seu lado e apoiar cada decisão que você tome, prometo ser a sua incentivadora e sempre torcer pelas suas conquistas. Prometo comprar coisas caras para

PERIGOSAS ACHERON

você, mas não para te humilhar, mas sim porque eu te amo. O dia em que eu cheguei a essa cidade, minha família era de apenas uma pessoa, hoje somos quatro e isso me torna a mulher mais feliz desse mundo.

— Espera aí — Vicente me interrompe. — Como quatro, Malu? Somos apenas eu, você e a Cecília.

— Eu vou ter um *mãozinho*! — Cecília grita e corre pelo corredor antes da hora de entrar com as alianças e me abraça. O Vicente fica olhando para a minha cara sem acreditar e eu me abaixo para pegar a Cecília no colo.

— Sim, meu amor, você vai ter um irmãozinho.

— É sério, maluquinha? — Vicente pergunta e eu concordo. — Seu juiz pula logo para a parte do pode beijar a noiva, porque eu preciso beijar essa mulher logo.

— Eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar

PERIGOSAS NACIONAIS

a noiva — o juiz conclui e o Vicente me puxa para os seus braços, abraçando a mim e a Cecília ao mesmo tempo.

— Eu amo você duas. — Ele dá um beijo na cabeça da Cecília e me beija logo em seguida.

Depois das alianças trocadas vamos para a festa que foi organizada ali mesmo na praia. Várias mesas foram espalhadas pela areia com luzes espalhadas criando o clima perfeito, já estava escurecendo e o brilho da lua com as velas fizeram desse dia ainda mais bonito.

No meio da festa, depois de milhares de fotos e conversar com cada um dos convidados, o Vicente me puxou para longe com a desculpa de namorar um pouco.

— Não acredito que somos uma família agora, maluquinha.

— Pois acredite, temos uma filha linda e mais um a caminho.

PERIGOSAS ACHERON

— Tenho medo de tanta felicidade.

— Não fala besteira, Vicente, o que tinha para acontecer de ruim já aconteceu. A Cecília ficou doente, mas se curou. E olha para ela correndo por aí, nem parece que esteve entre a vida e a morte. Espero que esse bebê seja tão forte como ela.

— Só não pode ter o mesmo pique, senão estamos ferrados.

— Você ainda não me deu um beijo, meu querido esposo.

O Vicente me olha com um sorriso safado e me puxa para os braços dele, para um beijo possessivo e cheio de promessas para a vida toda.

Quando a festa termina, Cecília reclama que não quer ficar com os avós, o Vicente e eu sairíamos de lua de mel e ela queria ficar com a gente. Com muito custo conseguimos convencê-la a ficar.

O Vicente havia feito questão de cuidar da

PERIGOSAS ACHERON

viagem, ele disse que não importava para onde iríamos, mas que tivesse algum significado especial. Quando entramos no carro e ele começou a dirigir entendi exatamente para onde ele estava me levando.

— Você está me levando para o Cânion de Xingó?

— Foi lá que o nosso relacionamento começou de verdade, achei que seria especial para a nossa lua de mel. Mesmo que sejam poucos dias.

— É perfeito, Vicente.

Depois de entrar no barco, desço para o quarto enquanto o Vicente liga tudo para navegarmos no rio. Separo a minha lingerie especial para a noite de núpcias. Quando a comprei, a vendedora disse que teria que ser branca, mas como não sou uma virgem ansiosa por essa noite, comprei uma camisola baby doll preta rendada, a coloco e me olho no espelho, ela vai até a altura da coxa e a transparência não

deixa nada para a imaginação. Subo até o convés do barco e caminho até o Vicente, que está de costas para mim.

— Já estamos longe o suficiente dos olhares de curiosos? — pergunto o abraçando por trás.

— Estamos, por quê? — Passo por ele parando na sua frente e ele arregala os olhos.

— Meu marido prometeu deitar comigo para ver as estrelas, quem sabe não podemos fazer outras coisas também?

Ele se levanta e estica uma coberta no chão e me chama para deitar com ele; quando estou nos braços dele, olhando para o céu estrelado, sei que estou no lugar onde nasci para estar.

— Eu te amo, Malu.

— Eu te amo, Vicente.

Ele me beija com carinho e devagar fazemos amor, ali onde tudo começou.

Não sei como vai ser o nosso futuro, sei que

PERIGOSAS ACHERON

haverá brigas, discussões, mas sei também que haverá muito amor. Esse homem e a filha dele são agora a minha vida, faria tudo por eles. Doaria um pedaço do meu corpo para que vivessem, daria todo o meu dinheiro por um sorriso deles.

Não havia nada no mundo que me importasse como esses dois, e quando a nossa família ficasse completa, com o mais novo membro, eu sabia que tudo ficaria perfeito.

Sou uma CEO bem-sucedida, minha empresa cresce cada vez mais, os projetos para abrir filiais pelo mundo estavam começando. Minha vida e minha história são diferentes das histórias comuns. Não porque eu sou uma mulher rica que se apaixonou por um homem pobre.

Minha história é diferente das outras, porque eu sou uma mulher que achava que o dinheiro era o mais importante, mas descobriu com um homem de caráter, digno e trabalhador, que o mais importante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desse mundo é o amor.

Estou cercada por amor de todos os lados e isso me torna a mulher mais rica do mundo. Não trocaria o sorriso da Cecília e os beijos do Vicente por nada nesse mundo.

O Vicente insiste que eu tenho mais dinheiro que juízo, pode até ser. Mas de uma coisa eu tenho certeza: eu tenho mais amor por esses três do que dinheiro.

Hoje sou completa, tenho família, amigos e um amor para vida inteira.

PERIGOSAS ACHERON



Epílogo



Um ano e seis meses depois de ter colocado os pés em Sergipe finalmente o Alencar's Royal Hotel seria inaugurado. Cada detalhe, cada pedacinho dele tinha sido preparado com muito carinho. Era a minha joia preciosa. Não só pela obra grandiosa, mas porque tinha sido o motivo para que eu conhecesse os amores da minha vida: Vicente e Cecília.

Eu ganhei uma família e amigos, deixei de ser uma mulher incompleta. Só percebi como a minha vida era vazia depois que passei a acordar com o

PERIGOSAS ACHERON

Vicente ao meu lado todos os dias. Ter dinheiro não era sinônimo de felicidade, como eu imaginava.

Entro no quarto de brinquedos das crianças, pronta para a festa de inauguração. Encontro a Cecília sentada no chão conversando com o Felipe, como se ele entendesse tudo o que ela estava falando. É muito provável que ele entendesse mesmo.

O Felipe veio para alegrar a nossa família. Hoje, com dez meses, é um bebê lindo, e para a minha sorte completamente diferente da Cecília. No que ela era agitada, ele era calmo.

— Admirando a cria? — O Vicente me abraça, apoiando a cabeça no meu ombro.

— E por acaso existe crianças mais lindas do que as nossas?

— Não. Pronta para a festa?

— Estou sim.

Entro no quarto e pego o Felipe no colo e a Cecília me dá um sorriso se levantando. O Vicente tinha sugerido não levá-los na festa, mas eu queria toda a família presente nesse dia, até mesmo as crianças.

Quando chegamos ao hotel, a Livia vem ao nosso encontro e pega o Felipe e a Cecília e os leva para a mesa onde os seus pais estão sentados. O Vicente me pega pelo braço e circulamos pelo salão. Ele não tem mais vergonha por não ser rico e estar ao meu lado. Conseguiu o seu lugar como administrador da cooperativa, o seu Valdemir e ele tinham feito um ótimo trabalho, tanto que agora os peixes eram exportados para dez países.

— Parabéns pela conquista, meu amor. — O Vicente me dá um beijo no pescoço me fazendo suspirar.

— Não teria conseguido sem você.

— Claro que teria, você é a toda-poderosa

Maria Luíza de Alencar.

— Maria Luíza de Alencar Gonçalves, não esquece.

— Como poderia esquecer? O dia que se tornou oficialmente minha está entre os três melhores dias da minha vida. — Vejo o brilho nos olhos dele e sei que está emocionado.

— Top três?

— Com certeza.

— E se eu disser que pode virar top quatro?

— No que você está pensando? — pergunta com uma sobrancelha erguida.

Caminho com ele para o lado de fora até o jardim. Faço com que ele se sente e ficando em pé deixo o seu rosto na altura da minha barriga.

— Vicente, quero te apresentar uma pessoa.

— Quem, maluquinha?

— Você está olhando para ele — respondo com um sorriso e ele olha para a minha barriga e depois

para o meu rosto.

— Você está grávida?

— Eu disse que temos que nos proteger, você esqueceu da camisinha aquele dia, deu nisso.

Vicente passa o braço pelas minhas pernas e me senta no colo dele, me puxando para um beijo de tirar o fôlego, não importa quantas vezes eu beije o meu marido, todas elas seriam melhores do que as anteriores. Acabo me perdendo no beijo sem prestar atenção no que acontece à nossa volta até que eu escuto alguém dando risada. Me separo dele e vejo a Bruna parada me esperando.

— O que foi?

— Está na hora do discurso, Malu.

Volto com o Vicente para o salão e, antes de ir até o palco para o discurso, passo na mesa onde as crianças estão sentadas e dou um beijo em cada uma. Atravesso até o outro lado e devagar subo no palco, assim que as pessoas me veem param de

conversar. Olho para a mesa da minha família e com um sorriso no rosto começo:

— Boa noite a todos, obrigada pela presença. Muitos anos atrás, meu tataravô teve o sonho de abrir um hotel para que pudesse sustentar a família. O que começou com apenas um pequeno prédio em um bairro de São Paulo se tornou no maior empreendimento hoteleiro do país. Presente em dezoito estados no Brasil e com mais de duzentos hotéis, o que era um sonho se tornou realidade. Muito mais do que apenas negócios, Alencar's Royal Hotel se tornou uma grande família. Cada um dos funcionários das nossas filiais são membros da família Alencar.

“Assumir a empresa aos vinte e dois anos de idade foi um grande desafio, principalmente porque muitos achavam que eu era nova demais para isso. Mas com a ajuda dessa grande família consegui vencer cada um desses desafios. A inauguração do

PERIGOSAS ACHERON

resort aqui em Sergipe era um sonho meu, queria algo não só para que as pessoas se hospedassem durante as suas viagens, queria que elas pudessem se divertir, descansar, e quem sabe encontrar um amor, por que não?”

‘Ao colocar os pés nesse local a primeira vez, não consegui deixar de sentir de que a minha vida estava mudando. Qual não foi a minha surpresa quando o destino me mostrou que a minha felicidade estava aqui também? Ele praticamente derrubou um balde na minha cabeça para me mostrar que o amor da minha vida estava aqui.’

Olho para o Vicente que está dando risada e continuo:

— Percebi que o meu sonho se tornaria realidade, as pessoas encontrariam o amor nesse hotel. Tenho o orgulho não só de inaugurar mais um resort, mas sim de entregar o meu sonho para vocês. Divirtam-se, amem, comemorem, a vida é PERIGOSAS ACHERON

muito curta para deixarmos isso para depois. Sejam bem-vindos ao Alencar's Royal Hotel. Obrigada.

Desço do palco aplaudida pelas pessoas e vou para a mesa sentar com a minha família. O jantar começa a ser servido e não consigo deixar de rir com a Cecília comendo sozinha e reclamando com o Vicente que ela já tem cinco anos e pode fazer tudo sem precisar dele.

— Ela não deveria querer se tornar independente só com dezoito?

— Não, Vicente, acredito que com doze ela vai bater o pé e querer sair sozinha com as amigas.

— Nem pensar, ela é o meu bebê.

— Amor, temos dois bebês agora, não se preocupe com isso. — Com um sorriso, ele se levanta e me leva para o meio do salão que está vazio. As pessoas estão jantando, por isso ninguém está dançando. Ele faz um gesto da cabeça para a banda e uma música romântica começa a tocar.

— Eu te amo, maluquinha.

— Eu te amo, Vicente.

Deito a cabeça no ombro do meu marido e dançamos agarradinhos. Não posso deixar de pensar como a minha vida deu um giro de 180°, de CEO sozinha, metida e mimada, me tornei em uma mãe de família, uma esposa, uma mulher forte e totalmente dependente do homem que estava me abraçando.

Sempre mandaria na minha empresa e nos funcionários, mas em casa, no nosso lar, o Vicente era o CEO, e não havia problema nenhum nisso. Eu gostava de chegar em casa e deixar que ele cuidasse de tudo, ele era um homem forte, justo e honesto. Tenho orgulho do meu marido, ele soube driblar a saia justa de se casar com uma mulher multimilionária e conquistar o lugar dele no meu mundo.

Minha vida agora estava completa, eu tinha um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

marido, filhos, amigos e dois pais postiços. Tenho certeza de que os meus pais estariam felizes com tudo o que eu conquistei na minha vida. Principalmente do homem com quem me casei.

O meu felizes para sempre estava começando e uma coisa eu tenho certeza: ele nunca teria fim, afinal de contas o Vicente e eu fomos atraídos pelo destino.

PERIGOSAS ACHERON



JULIE LOPO nascida em São Paulo capital, formada em Direito. Leitora compulsiva, chegou a ler 25 livros em um mês. Viciada em livros, chocolate, sapatos e maquiagem. Sempre gostou de escrever, mas parou quando uma professora disse que não tinha talento, mas nunca desistiu do seu sonho. Gosta de filmes românticos, de comédia e de ação.

Autora da *Série Nos Passos, Para Sempre Você, D'votion: quem será a próxima vítima?*, *Memórias do Coração*, que foram publicados pela PERIGOSAS ACHERON

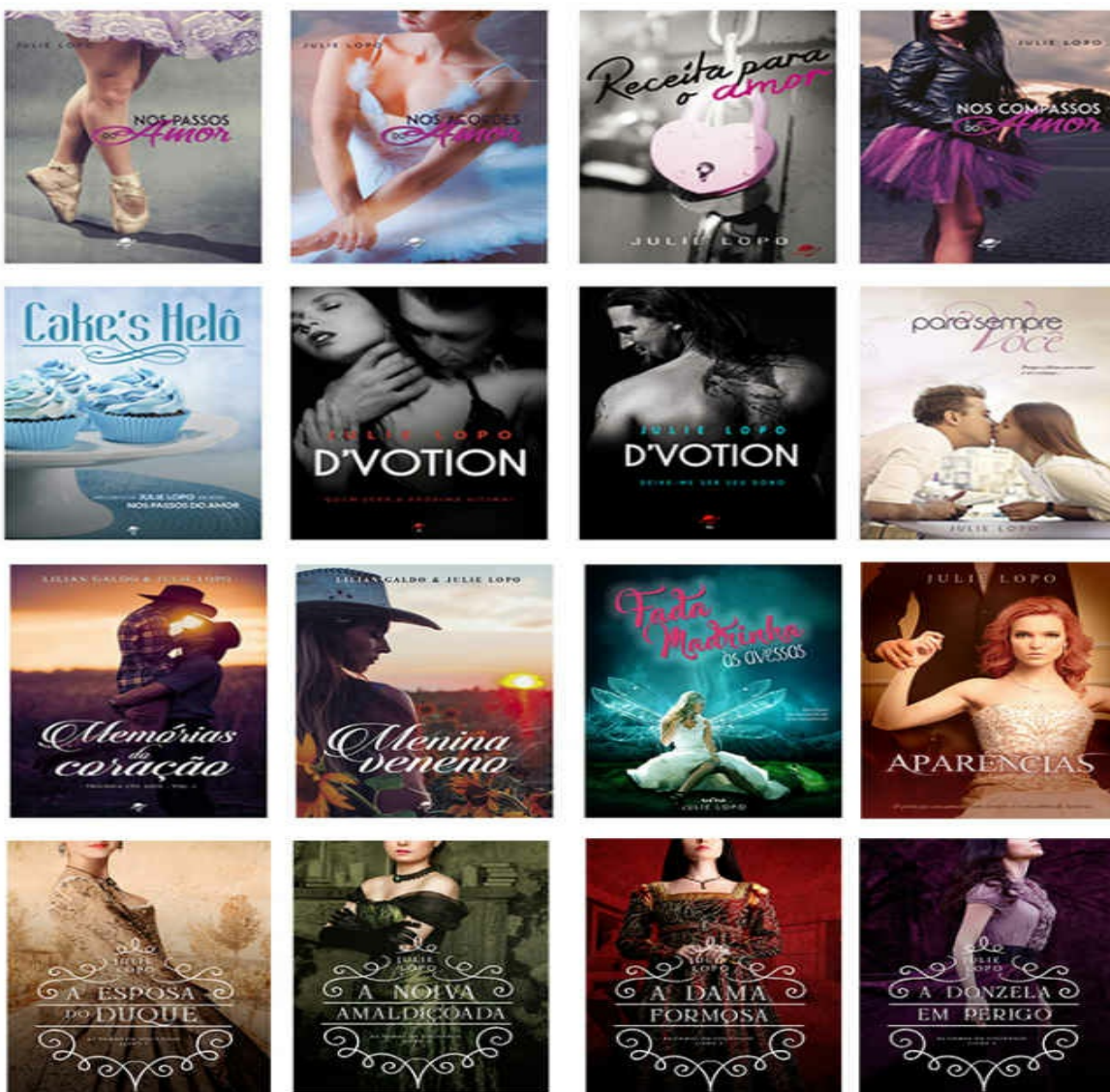
Editora PL, além de outras obras que publicou de forma independente na Amazon, incluindo a série de contos de época *As damas da sociedade*.

"Encontrei na escrita uma paixão que quero dividir com o mundo."

PERIGOSAS NACIONAIS



Obras



amazon kindleunlimited

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON